

12  
anos

revista

# Barbante

VOL. XI - Nº 59 - 29 DE FEVEREIRO DE 2024  
ISSN 2238-1414

**Artigo**

**Muito além da gramática: a visão de docentes  
sobre as variações linguísticas na educação**

**Pág. 10**



# Palavras aos leitores e às leitoras

Caríssimos/as autores/as e leitores/as da Revista Barbante,

O nosso 12º ano de vida começou muito bem! Nesta edição comemorativa de aniversário, parece que o canto da sereia, que é a Revista Barbante, ganhou mais corpo, potência e vida, pois inicia um novo ano com preciosas colaborações. Mais uma vez, a Barbante comemora seu aniversário em ritmo de festa de carnaval, mergulhando em multicores de confetes da produção acadêmica e artística do Brasil!

Nesta nova edição, celebramos as riquezas dos artigos, dos ensaios, das crônicas, dos contos e dos poemas de colaboradores que nos acompanham há tanto tempo, assim como de outros que chegaram recentemente ao nosso sambódromo de vozes marginalizadas e inspiradoras. Ao longo desses doze anos, temos recebido, carinhosamente, produções do universo acadêmico e dos meios artístico e literário; trabalhos que resultam de outras trajetórias de vida, de pesquisa, de tradição popular. Isto é, caminhos percorridos com muito jogo de cintura e samba no pé.

Poemas e contos são os gêneros textuais literários que mais têm povoado a nossa Revista. Em primeiro lugar, por meio dos poemas aqui publicados, diferentes artistas, com variados estilos, têm evocado temas relevantes, quer em tom intimista, quer em tom social e político. Já os contos têm, também, preenchido nossas seções artísticas com histórias e tramas que nos inquietam, nos provocam, nos fascinam e nos fazem querer sair do lugar comum.

A edição deste mês é a comissão de frente de um desfile que começou há doze anos e não pretende cessar. Ao valorizar corpos e discursos que as políticas editoriais hegemônicas querem ocultar, garantimos, aqui, o acesso merecido às riquezas e às particularidades criativas e culturais desse Brasil colorido, encantado e potente em ciência e arte. No ritmo do samba no pé, perdura o nosso compromisso de nunca deixar o corpo fraquejar, assim como o de não permitir que os obstáculos da vida possam nos esmorecer.

Muito obrigado/a por este espetáculo! Muito obrigado/a por não desistirem de nós!

A Barbante continua viva, mais do que nunca!

Um viva à ciência e à arte!

Rosângela Trajano  
Samuel de Mattos  
Monalisa Carrilho de Macedo



# Artigos

# O VENDEDOR DE PASSADOS E A SUA LINHA HISTÓRICA E A VARIAÇÃO DO NARRADOR: Eulálio o pequeno deus nocturno.

Ádria Amaral de Araújo<sup>1</sup>

**RESUMO:** A população angolana teve sua história marcada pelo processo de colonização que lhes causou um apagamento de sua cultura e suas identidades, no romance de José Eduardo Agualusa é retratado essa realidade por meio dos personagens ficcionais e suas histórias que se entrelaçam com acontecimentos reais da história do país. Para elucidarmos tais aspectos analisaremos, com base em Genette (1995), o narrador incomum que integra o romance, a osga Eulálio, que também se torna um personagem importante para a construção da história. Outro aspecto analisado, com base em Chaves (2004), Ghiradelli e Soares (2022) e Stacul (2010), é a característica memorialista do romance do autor angolano, que por meio das histórias dos personagens retrata-se momentos importantes do país e os impactos que tiveram na população. A análise do narrador se baseia em Genette (1995). A análise da característica memorialista

**PALAVRAS-CHAVE:** Eulálio; Narrador; Passado; Angola; O Vendedor de Passados.

## Introdução

José Eduardo Agualusa, jornalista, editor e escritor angolano, nascido em Huambo em 1960, de ascendência brasileira e portuguesa, estudou Agronomia e Silvicultura na Universidade Técnica de Lisboa, viveu em Luanda, Rio de Janeiro e Berlim, é romancista, contista, cronista e autor de literatura infantil. Como romancista tem recebido os mais prestigiados prêmios nacionais e estrangeiros, como quando lançou em 2004 o romance *O Vendedor de Passados* e recebeu, em 2007, o Independent Foreign Fiction Prize.

Esse romance foi inspirado em um sonho seu no qual um homem, que teve conservado seu nome, Félix Ventura, e suas características físicas, como um negro albino, dizia vender passados aos novos ricos angolanos. Por meio dessa distinta história, Agualusa fez de sua escrita um memorial da história de seu país e povo (Stacul, 2010), assim como o autor, também por meio de sua obra, teve o intuito de mostrar as características culturais de Angola, que foi um país colonizado que sofreu diversas violências e apagamento de sua cultura e após a colonização passou anos em meio a uma guerra interna, que deixou sua população ainda mais fragilizada, tais situações claramente refletem na cultura angolana.

O responsável por narrar o livro apresenta características peculiares, ao longo da história percebe-se que se trata de uma osga, que recebe o nome de Eulálio, outra propriedade distinta é a composição da sua narração que se intercala entre a vida de Ventura, o vendedor de passados e dono da casa em que mora a lagartixa, e sonhos ou lembranças da sua própria vida passada, na qual era humano e viveu longamente uma vida marcada por traumas e solidão, tendo como companhia apenas a sua velha e amorosa mãe.

Félix e Eulálio, o narrador/personagem, possuem características que se revelam como uma forma de representação do homem angolano pós-guerra (Ghiradelli, Soares, 2022). O enredo nos apresenta os dois e com isso podemos conhecer diversas características deles, como a história de vida de Félix e de Eulálio, a rotina que criaram para cada um e as características físicas que compartilham, como a cor de pele esbranquiçada, entretanto Félix é negro, contudo, albino, o que para Ghiradelli e Soares (2022, p. 149) chama a atenção para a dualidade da palavra negro.

O romance conta a interessante história sobre a criação feita por Félix de um passado para um personagem, o estrangeiro, que com um passado bem elaborado pelo vendedor de passados, toma para si o nome de José Buchmanne se transforma radicalmente. Percebemos nisso uma característica da história da literatura angolana, que assim como em outros países africanos com literatura de língua portuguesa, tem como matriz de significado a dimensão do passado (Chaves, 2004, p. 147), essa que tem a importância de relembrar e recriar o que foi apagado, oprimido e silenciado pela colonização.

Ademais, ao longo da história do romance apresentam-se os demais personagens Esperança JobSapalalo ou Velha Esperança, Ângela Lúcia e Edmundo Barata dos Reis, esses que estão no livro para representar, sendo como vítimas ou agentes dos eventos narrados, acontecimentos da história de Angola.

O Vendedor de Passados como literatura histórica - Os personagens como representações do povo africano

O romance de Agualusa conta com propriedades históricas angolanas ao longo de sua narrativa, que se passa ao final da Guerra Civil (1975-2002), além disso, características da população angolana e sua vida pós-colonial e, ainda, durante a guerra são abordadas pela história (Ghiradelli, Soares, 2022), o que se dá seja por meio de momentos narrados, que referenciam acontecimentos que ocorreram na história do país, ou das peculiaridades apresentadas no narrador/personagem assim como em todos os outros personagens do enredo: [...] uma significativa parte da produção literária angolana se vai dedicar à pesquisa histórica como base da criação. Romances de Pepetela e de José Eduardo Agualusa, donos de dois percursos tão diversos, encontram-se nessa opção pela incursão no passado (Chaves, 2004, p. 157).

Félix Ventura, o personagem central da história e vendedor de passados, é o um dos retratos dessa população, um homem negro que não tem melanina e por isso sofre com o sol de Angola, considera um defeito a sua condição e nem cogita mudar de lugar. Com a leitura do capítulo “o estrangeiro” no qual acontece um diálogo seu com o, ainda, estrangeiro, podemos inferir que Ventura não considera que o problema é o exterior, o sol da África, e sim interior, seu estado albino, que é visto por ele como anômalo à natureza (Ghiradelli, Soares, 2022). Com isso, podemos fazer um paralelo entre a situação do personagem, que seria um homem embranquecido, com a vivência do país, que teve sua cultura negra e africana reprimida pela europeia e branca, como muito bem explicado por Ghiradelli e Soares em:

Na perspectiva metafórica do discurso do livro, a identidade corresponde a algo vendido por uma Angola esbranquiçada como forma de apagamento dos elementos culturais anteriores e próprios do país, ou seja, o apagamento de uma memória em detrimento de outra, recriada artificialmente, inventada no pós-guerra (Ghiradelli, Soares, 2002, p. 149-150).

Ventura também representa o povo angolano em sua criação e venda de passados, pois tal população após anos de colonização, na situação pós-colonial, se viu com sua cultura suprimida e diminuída e com sentimento e vontade de fazer reviver e recriar a sua cultura, assim como se sentir mais perto e pertencente a cultura africana (Stacul, 2010). Também, é no personagem de Félix, ao assegurar ser autóctone em um diálogo com José Buchmann, que Ghiradelli e Soares (2022) veem o tema de dualidade da palavra negro, sendo ela significando raça, pertencente ao território africano, e tonalidade de pele:

Ao se afirmar autóctone, Félix explicita que é negro em termos de raça. Subentende-se disso que ele conserva as características do fenótipo negro, com exceção da tonalidade da pele. Pode-se inferir, nesse aspecto, que a representação do próprio país figura na pessoa de Félix: assim como o país ficou ausente de elementos próprios de cultura no período de colonização e guerra, sendo impostos elementos culturais europeus (brancos), Félix era um negro albino, esbranquiçado pela falta do pigmento (melanina). Além disso, ele é o vendedor de passados, algo que, ao se materializar em sua figura, ocorre de forma a estabelecer uma metáfora sobre a construção da identidade angolana (Ghiradelli, Soares, 2022, p. 149).

Além disso, em relação a Ventura e Eulálio usarem a casa como refúgio, Ventura ao sol e Eulálio dos morcegos e entre outros perigos que podem se apresentar para uma osga, podemos fazer uma analogia ao momento de guerra, em que era mais seguro ficar dentro de casa do que sair as ruas, pois corria-se perigo com as milhares de minas enterradas ou então tiroteios que ocorriam no território angolano (Ghiradelli, Soares, 2022).

No caso de José Buchmann, ele é a personificação de uma metáfora – uma das mais fortes da obra de Agualusa – para a construção da memória social a partir da memória ficcional (Stacul, 2010). Isso se concretiza por conta da “tomada” de Pedro Gouveia, verdadeiro nome de José Buchmann, por um passado menos cruel, pois descobrimos ao final do romance que tal personagem teria sofrido diversos horrores na guerra, uma representação de todo o povo angolano que também sofreu com tais

horrores:

O discurso ficcional de Agualusa, intimamente dialógico com o discurso histórico, evidencia a necessidade do povo africano de (re)criar sua própria identidade. José Buchmann é a representação de um povo que buscou desesperadamente encontrar um passado mais verossímil e menos cruel do que aquele estampado na história pelo colonialismo (Stacul, 2010, p. 269-70).

A história de guerra de Gouveia, um português, se inicia com o seu envolvimento com o movimento fraccionista, movimento político com linha marxista-leninista que apelava para o presidente ir contra a social-democracia e o maoísmo, movimento esse que fez uma tentativa de golpe na madrugada do dia 27 de maio de 1977, e foi fortemente reprimido pelo presidente e suas forças. Então, Gouveia teria sido descoberto, após isso, teria pedido ajuda ao cônsul português para livrar a ele e sua esposa grávida, Marta, da represália que sofreria pelo seu envolvimento com tal revolução, entretanto foi traído pelo cônsul e entregue nas mãos de um agente da segurança.

Ainda sobre Gouveia, quando estava utilizando a identidade de José Buchmann, podemos refletir quanto a sua busca desenfreada pela confirmação da existência de sua mãe fictícia, Eva Miller, que descobrimos no capítulo “sonho nº6” do romance, que Pedro chegou a inventar provas da existência de sua “mãe” para que até mesmo Ventura confiasse em sua biografia. Logo, podemos pensar na necessidade do povo angolano, assim como Gouveia, em legitimar a sua identidade e resgatar as suas memórias, que sofreram com o apagamento causado pela colonização, para que assim sentissem próximos da essência africana (Stacul, 2010) e conseguissem esquecer os horrores da guerra pelos quais passaram.

Outro personagem interessante é Ângela Lúcia, namorada de Ventura, que logo no início evita por algum tempo dizer a sua real origem, entretanto após a insistência de Félix, conta no capítulo intitulado de “um fruto dos anos difíceis”, que nasceu em 1977 – ano da tentativa de golpe de estado – em Luanda, filha de um pai arquiteto e uma mãe aeromoça, e após quatro anos sendo filha única ganhou três irmãos. Diz que, apesar de ter nascido em anos difíceis, viveu uma infância simples e feliz, fala sobre a sua paixão pela sua profissão que iniciou quando fez doze anos e recebeu de seu pai uma máquina de fotografar, então nunca mais deixou de fazer fotografias, principalmente do céu e de arco-íris, e viajar.

Entretanto, o que pensávamos tratar apenas de uma simples personagem se revela uma figura verdadeiramente complexa, pois descobrimos ao final do romance que Ângela é na verdade filha de Pedro Gouveia e Marta Martinho, descrita como intelectual angolana, e então se esclarece que tal personagem é uma forte representação de alguém que sofreu com a guerra, uma vez que nasceu em meio a revolução, quando perdeu toda a sua família, e chegou a ser torturada ainda quando bebê. Viveu uma vida longe de sua família, pois não conheceu seu pai que foi preso e teve que se refugiar em outro país, por isso foi criada por sua tia materna, Marina, e seu marido, que tentaram protegê-la de toda a verdade, que veio à tona através de uma amiga da faculdade, o que a fez se rebelar contra os pais adotivos, sair de sua casa e ir viajar para diversos lugares, quando soube de informações de seu pai, principalmente a sua profissão e por isso seguiu para a mesma profissão.

Ainda, Edmundo Barata dos Reis, que inicialmente é apresentado como um desprezioso mendigo se revela um ex-agente da segurança nacional, responsável por toda a tortura causada a Ângela Lúcia e Marta Martinho, é também responsável por levar para a estória uma veracidade, pois é coloca na história expressões de guerra que eram realmente usadas (Ghiradelli, Soares, 2022). As falas de Edmundo mostram ainda a sua confiança e lealdade ao que defendia, pois estão presentes em sua fala ideais políticas defendidas pelo estado Angolano (Ghiradelli, Soares, 2022). Além disso, Edmundo Barata é a representação de um estado que ainda não passou por um processo significativo de decolonialidade, pois ainda permanece com ideais enraizados nos princípios colonizadores.

Também a Velha Esperança se apresenta como uma forte figura que podemos relacionar com a realidade desse povo, ainda mais precisamente com as situações de guerra enfrentados por essa nação. Esperança que é uma mãe/avó negra, carinhosa e lutadora, é uma imagem forte que personifica a esperança do povo africano (Stacul, 2010), pois é uma mulher que já viveu horrores de guerra e se mantém firme, trabalhando e cuidando de sua família. A velha senhora, conta o narrador, sobreviveu a um massacre, o qual pode ter sido inspirado num real acontecimento, o “Halloween Massacre”, pois Eulálio descreve que ocorreu no final de 1992 e o real massacre data dos dias 30 de outubro a 1º de novembro de tal ano (Stacul, 2010), por ter sobrevivido tal massacre Esperança se considera imortal:

Ao apresentar a possível imortalidade da Velha Esperança, portanto, o narrador vai chamar a atenção para um caráter lutador e esperançoso que seria uma das marcas do próprio povo africano, sempre colocado de frente com os horrores da guerra. O ápice dessa simbologia talvez seja o fato de que a esperança que sustenta o povo é a mesma que faz com que a própria identidade africana mantenha-se viva (Stacul, 2010, p. 272).

Outro curioso personagem faz uma aparição no capítulo “o mascarado”, que conta a história de um homem que chega a Félix expondo a sua história, expõe que sofreu uma perda de memória e lhe foi arrancado todas as suas características faciais através de uma cirurgia estética, que ocorreu sem seu consentimento, no início se sentiu perdido e ao pedir ajuda a amigos recebeu de alguns a descrença e os que acreditaram ficaram com medo de ajudá-lo e serem castigados. Após alguns momentos de desespero, sentiu a liberdade que tal acontecimento lhe oferecia e então começou a aproveitá-la, em seguida foi até Félix para que ele lhe construísse e vendesse um passado. No que se refere a essa narrativa, podemos relacionar com a liberdade que o povo angolano teria sentido no momento pós-colonial, quando então teve liberdade de reviver e criar sua cultura, pois tal momento foi marcado por: [...] a ruptura da dependência reclama ações que ultrapassem a esfera material. O desejo de construção de uma identidade nacional que sela a configuração do sistema literário em Angola explica, então, a relevância que se dá ao espaço no repertório de seus autores justificadamente preocupados com a necessidade de simbolicamente realizarem apropriação do território invadido (Chaves, 2004, p. 160).

O pequeno deus noturno – Eulálio: o narrador de O Vendedor de Passados

Como já citado, o narrador do romance é uma osga, o que Agualusa deixou claro em uma entrevista, ter sido uma opção bem pensada e não apenas uma coincidência a escolha dessa característica peculiar para o narrador (Silva, 2022). Desse modo se caracterizaria como um pequeno deus doméstico, classificado assim por ser um animal que normalmente é visto em paredes e nas partes mais elevadas delas, então teria uma perspectiva do “céu”, exatamente como se imagina que seja a visão de um deus, uma visão superior de toda situação que acontecesse no espaço do romance, que no caso se resume a casa do vendedor de passados (Silva, 2022).

O seu nome, Eulálio, é escolhido por um dos personagens no capítulo nomeado de “Eu, Eulálio”, e significa aquele que é bom orador e bem articulado (Ghiradelli, Soares, 2022), logo se apresenta como uma opção muito sensata para o nome de um narrador de uma história, tal significado é citado no momento da escolha do nome porque o narrador/personagem, segundo o que diz o personagem que escolhe o nome, tem o verbo fácil.

Segundo Stacul (2010), o narrador do romance merece uma especial atenção pela sua composição, pois além de ser uma osga, a narrativa, assim como o narrador, tem suas peculiaridades, pois é feita de uma forma diferente, Eulálio não apenas narra os fatos que presencia, como também, em alguns momentos, participa, com sua risada característica da sua espécie, osga-tigre, ou como interlocutor de Félix. Além disso, o narrador divaga sobre sua vida passada e narra seus sonhos, onde aparece em uma forma humana e conversa com outros personagens da história, esses que nos momentos reais chegam a comentar com outros sobre esses sonhos. Tais características fazem-nos analisar no narrador o que parece ser um revezamento entre heterodiegético e autodiegético.

Para tal análise, usaremos os conceitos de heterodiegético e autodiegético concedidos por Genette (1995). Heterodiegético seria o narrador ausente da história, que conta os fatos, narra uma história à qual é estranho, uma vez que não integra nem integrou o universo diegético em questão. Enquanto o narrador autodiegético é o herói da narrativa, narra os seus próprios feitos como personagem central da história e ocorre na primeira pessoa gramatical.

Eulálio estaria como narrador heterodiegético, nos momentos em que narra, sem se envolver pessoalmente, os acontecimentos que vê na casa de Félix, e autodiegético, nos momentos em que fala sobre sua vida passada ou que narra seus sonhos em que se torna um personagem humano que age, anda, fala, relaciona-se com outros personagens, com os espaços etc. Um momento em que podemos perceber esse revezamento quando comparamos os capítulos “sonho n.º 5”, em que predomina o narrador autodiegético, e “personagens reais”, no qual predomina o heterodiegético.

Igualmente, uma curiosa característica aparece no capítulo “o mundo pequeno”, no qual Eulálio inicia



a narração de uma visita de José Buchmann, em que ele discursa sobre os resultados da sua procura por sua mãe fictícia, e então ocorre uma mudança para uma narração feita por José por meio de uma mensagem eletrônica em que conta ao amigo vendedor de passados, como está sendo mais uma etapa de sua procura. Nesse momento, a narração da osga some completamente dando lugar a voz de José Buchmann, já que a sua narração se refere a um espaço além das paredes da casa de Félix Ventura.

Os momentos de sonhos, nos quais se torna humano, e divagações do narrador, quando relembra sua vida passada como humano, segundo Ghiradelli e Soares (2022), talvez tenham a pretensão de lhe humanizar e lhe dar confiabilidade. Essa humanização acontece por meio de características físicas e emocionais citadas, que são usadas para se comparar a osga a Ventura, também quando ganha um nome e usa a voz de outros personagens para narrar e relatar o sonho de outra perspectiva, como no capítulo “sonho nº 3” em que Félix conta a Ângela que sonhou com Eulálio.

Uma dúvida que é carregada desde o início da história é de quem é que a narra, apenas no capítulo “o estrangeiro” ficamos sabendo que é uma osga, pois o personagem o estrangeiro se surpreende com a risada de Eulálio e finalmente nos diz até mesmo a sua espécie. Ao longo do livro ficamos com a certeza de que tal narrador existe, entretanto no último capítulo, intitulado “Félix Ventura começa a escrever um diário”, voltamos a dúvida inicial, para Ghiradelli e Soares (2022), podemos inferir que:

[...] ele e Eulálio se confundem em muitos aspectos, sendo, ambos, vendedores de passado. Essa fusão é concretizada no final do romance, quando, no último capítulo, a voz de Eulálio desaparece. Félix relata que o animal havia morrido, o que o levou a escrever um diário, de modo a manter a ilusão de que alguém o escutava. Tais declarações geram um estranho efeito de sentido: todo o estatuto de verdade, que o leitor confere ao discurso, baseando-se na existência da osga, é colocado em dúvida. Seria a osga um elemento criado por Félix, assim como seus passados à venda? A construção da osga seria apenas mais uma de Félix? (Ghiradelli, Soares, 2022, p.159).

### Considerações finais

A pesquisa histórica como base de criação é uma característica de Agualusa, e em *O Vendedor de Passados* podemos perceber a presença desse atributo e que por meio disso o autor tentou repassar o que é visto como cultural na sociedade angolana (Stacul, 2010), o sentimento de criar o seu próprio passado. No momento em que o romance apresenta as mais diversas situações e personagens que relembram o seu próprio passado e que traz consigo traços de uma nação toda, e então percebemos a sua literatura como memorialística, nomeada assim por Stacul (2010).

Com isso percebemos que *O Vendedor de Passados* quer nos apresentar a importância que uma história bem conservada representa para o seu povo, pois é dali que podemos retirar conhecimentos e nos reconhecer como uma nação. Além disso, o romance expõe os traumas que uma colonização violenta pode causar a uma população inteira, para isso temos nos diversos personagens as marcas e representações dos acontecimentos marcantes da história do país.

Ainda, o romance apresenta uma característica, talvez a mais impactante e diferente, que é ter como narrador uma osga, que é responsável por narrar a vida do personagem central que é o vendedor de passados. Eulálio narra em vários momentos, de forma impessoal e objetiva, todas as situações que ocorrem dentro da casa em que habita, de cima das paredes da casa, o que lhe deixa como um pequeno deus, com uma visão superior que lhe dá propriedade para narrar todos os acontecimentos, e é isso que faz, por meio de uma linguagem impessoal.

Entretanto, não apenas narra o que ocorre com Félix, Eulálio em alguns momentos se torna um personagem, ainda como lagartixa ou então quando em seus sonhos, nos quais se vê na forma humana ele age ou participa de conversas, sendo como emissor ou como receptor. É exatamente nesses momentos que podemos ver a marca de revezamento de Eulálio como um narrador heterodiegético, aquele que narra uma história da qual não participa, e autodiegético, aquele que narra uma história em que participa.

Referências:

- AGUALUSA, José Eduardo. O vendedor de passados. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.
- CHAVES, Rita. O passado presente na literatura africana. Via Atlântica, São Paulo, n. 7, p. 147-161, 2004.
- GENETTE, Gérard. O discurso da narrativa. Tradução: Fernando Cabral Martins. 3ª edição. Lisboa: Veja, 1995.
- GHIRADELLI, Paula Ramos; SOARES, Thiago Barbosa. A Narração da Osga em o Vendedor de Passados: Uma Análise do Ethos. Revista FSA, Teresina, v. 19, n. 6, art. 8, p. 142-163, jun. 2022.
- SILVA, Luís Cláudio Ferreira; TELES, Marco Antonio Hruschka. Entrevista com José Eduardo Agualusa: A literatura quebrando muros. Acta Scientiarum. Language and Culture; Maringá Vol. 44, Ed. 1, p. e59266, 2022.
- STACUL, Juan Filipe. Um homem em busca de memória, um povo em busca de identidade: as relações entre literatura e história no romance O vendedor de passados, de José Eduardo Agualusa. Revista Letras, Curitiba: Editora UFPR, n. 82, p. 261-276, set./dez. 2010.

# MUITO ALÉM DA GRAMÁTICA: A VISÃO DE DOCENTES SOBRE AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA EDUCAÇÃO

Flávio Passos Santana (UPE)  
Viviane dos Santos Lima (UFS)

**Resumo:** A Sociolinguística é uma das vertentes da linguística que se propõe estudar a língua em uso. Em vista disso, o presente artigo, que é um recorte de nosso Trabalho de Conclusão de Curso, tem como objetivo analisar a visão dos professores de língua portuguesa da Escola Estadual Padre Mendonça (Itabaiana-SE) a respeito das variações linguísticas em sala de aula, bem como a sua postura frente ao uso dessas variações. Para tanto, utilizamos como embasamento teórico a Sociolinguística Variacionista por meio dos estudos de Bortoni-Ricardo (2004), Labov (2008), além de questionamentos acerca do preconceito linguístico desenvolvidos por Bagno (2007), Beline (2002), Chagas (2002), dentre outros de igual relevância. Nosso trabalho parte da perspectiva da pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, visto que partimos de estudos teóricos consagrados na área para a produção do trabalho e analisamos qualitativamente as respostas dos professores a respeito do fenômeno da variação.

**Palavras-chave:** Variação Linguística. Sociolinguística Variacionista. Professores.

**Abstract:** Sociolinguistics is one of the strands of linguistics that proposes to study language in use. In view of this, the present article, which is an excerpt from our Course Conclusion Work, aims to analyze the view of Portuguese language teachers at Escola Estadual Padre Mendonça (Itabaiana-SE) regarding linguistic variations in the classroom, as well as their attitude towards the use of these variations. For that, we use Variationist Sociolinguistics as a theoretical basis through the studies of Bortoni-Ricardo (2004), Labov (2008), as well as questions about linguistic prejudice developed by Bagno (2007), Beline (2002), Chagas (2002), among others of equal relevance. Our work starts from the perspective of bibliographical research of a qualitative nature, since we start from studies of renowned theorists in the area for the production of the work and we qualitatively analyze the responses of teachers regarding the phenomenon of variation.

**Key words:** Linguistic Variation. Variationist Sociolinguistics. Teachers.

## INTRODUÇÃO

A língua faz parte da comunicação humana e a partir desta premissa, este trabalho propõe uma reflexão com fundamentações teóricas sobre o caráter mutável da língua, que faz com ela tenha a capacidade de se adaptar a diferentes realidades, possibilitando a efetividade do seu principal processo: a comunicação. Para isso, é preciso compreender que é através do conhecimento da variação linguística situacional, presente na sociedade, que se abre um caminho para o diálogo e a possibilidade de aceitação das diferenças linguísticas em sala de aula. Por isso, é de suma importância que os professores trabalhem no âmbito escolar essa temática, a fim de que os alunos passem a ter consciência da importância dessas diferenças.

É necessário ressaltar, também, a importância das variedades linguísticas e pensá-la como uma oportunidade de formação para os alunos que estão inseridos no mesmo ambiente que os professores. No entanto, é necessário ter em mente que os estudantes são indivíduos que já atuam na sociedade e já trazem uma bagagem de leitura do mundo que nem sempre coincide ao conhecimento proposto pela

escola (repassado pelo professor), mas que precisa ser o ponto de partida para a produção do conhecimento no ambiente escolar. Vale destacar que este trabalho é uma importante ferramenta de contribuição para os professores, em especial para os que lecionam no ensino no Fundamental II e pesquisadores da variação linguística estilística.

Nesse sentido, diante do exposto, este trabalho tem como objetivo geral discutir sobre o conhecimento e o ensino da variação linguística estilística, a fim de conscientizar os professores de sua importância para que se evite o preconceito linguístico em sala de aula. Os objetivos específicos são: analisar a postura dos professores diante do ensino da variação linguística; identificar a metodologia utilizada pelo docente em sala de aula, inserindo as práticas educativas e lúdicas para a inclusão deste tema.

Este trabalho está dividido em três partes. Primeiramente, a fundamentação teórica, a qual utilizamos alguns autores de grande importância para as discussões aqui propostas. Os principais autores que embasaram nossa pesquisa foram: Beline (2002), Bortoni- Ricardo (2004), Chagas (2002), Labov (2008) e Mollica (2017). Com a realização desse trabalho foi possível vivenciar e entender as dificuldades e metodologias presentes na sala de aula para trabalhar este conteúdo.

No segundo momento, abordamos o procedimento metodológico de natureza qualitativa e bibliográfica, informando como desenvolvemos a pesquisa e como se deu a construção das análises dos questionários (com a autorização da escola e assinatura do termo de compromisso) aplicados aos professores de Língua Portuguesa da Escola Estadual Padre Mendonça sobre o tema variação linguística estilística. Em seguida, apresentamos os resultados e as discussões por meio das respostas dos docentes sobre o tema, coletadas através do questionário.

E, por fim, trazemos as considerações finais e referências que contribuíram para a construção deste trabalho.

## 1 A LÍNGUA E AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

O termo “variação linguística” vem sendo usado com frequência desde a década de 1960, em que se originou a Sociolinguística Variacionista nos Estados Unidos a partir de Labov. Nesse aspecto, a Sociolinguística tem por objetivo o estudo das mudanças e variações na língua, podendo variar em relação ao tempo, ao espaço e com base na situação social em que o indivíduo se encontra (Bagno, 2004, p. 43). Conforme Mollica:

A sociolinguística é uma das subáreas da linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais [...] A sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação. (Mollica, 2003, p. 9-10).

O autor Ronald Beline (2002) aborda questões associadas às diversas variações contidas na modalidade falada da língua. Suas teorias têm como base o entendimento de que toda língua deve ser considerada como um produto sociocultural e, conseqüentemente, encontra-se sujeita a variações, uma vez que, assim como há diversidade de povos e culturas, também há multiplicidade de idiomas e sotaques em todo o mundo. Com isso, para o autor:

[...] quando se fala em variação, é comum fazer referência a sociolinguística, essa área da ciência da linguagem que procura, basicamente, verificar de que modo fatores da natureza linguística e extralinguística estão correlacionados ao uso das variantes nos diferentes níveis da gramática de uma língua – a fonética, a morfologia e a sintaxe – e no seu léxico. [...] a sociolinguística ocupa-se em desvendar como a heterogeneidade – ou seja, a variação – se organiza. (Beline, 2002, p. 125).

Logo, Beline (2002) argumenta que as variações não se limitam apenas às nacionalidades diferentes,

é possível observar as diferenças linguísticas dentro de um mesmo país, isto é, os falantes de uma mesma língua falam de maneiras diferentes, dependendo da região que estejam. Essas diferenças de variações são unidas no léxico, na fonética, na morfologia e na sintaxe. Em decorrência disso, o autor leva em consideração o aspecto social em que tais variantes ocorrem devido ao espaço geográfico: local de origem do falante (variação diatópica); as classes sociais (variação diastrática) e o contexto o qual o falante se encontra num dado momento; e a maneira que ele deve adequar seu discurso (variação diafásica).

Para Beline (2002), a sociolinguística variacionista tem como objetivo compreender de que modo essas variações ocorrem na língua. Desse modo, a sociolinguística dimensiona quantitativamente a variação linguística, associando a vários dados entre si de maneira estatística, obtendo-se daí pareceres e conclusões importantes, no que tange à forma e à frequência das variações dentro das comunidades falantes analisadas. Nessa premissa, o autor conclui que “[...] para a teoria variacionista, as diferenças entre comunidades de fala deverão corresponder a diferenças gramaticais, ou seja, diferenças nos efeitos dos contextos linguísticos sobre o uso das variantes” (Beline, 2002, p. 135).

Em vista disto, o autor Paulo Chagas (2002) expõe as variações que a língua portuguesa sofreu, relacionadas à sua estrutura gramatical, através da mudança no tempo, tanto na língua falada, quanto na língua escrita. Para isso, ele pesquisou as diversas formas de como a língua é adaptável, de acordo com a situacionalidade de cada período em que vivemos, e como as circunstâncias sociolinguísticas influenciam nessas variações.

Nesse aspecto, Chagas (2002) relata que a língua falada é maleável às mudanças em sua estrutura. Essas variações podem ser vistas em uma comparação entre gerações, pois, a forma como os idosos falam, assim como a estrutura gramatical que usam em seus discursos, geralmente apresentam uma linguagem diferente, comparando a pessoas mais jovens. Esse fato ocorre com frequência devido às evoluções linguísticas que a língua sofre corriqueiramente.

O autor também ressalta a importância da leitura de textos antigos para melhor compreendê-los. Ademais, não alisar apenas os aspectos gramaticais, como também as mudanças no estilo de vida e dos costumes de determinado povo através de seus textos. Além de “[...] perceber que as mudanças não se restringem a um nível da gramática” como também a “[...] mudanças fonológicas, sintáticas, morfológicas, semânticas e lexicais” (Chagas, 2002, p. 147). Para abordar a indagação das mudanças linguísticas, Chagas (2002) usa os conceitos da Sociolinguística Variacionista de Labov (2008) como base, apresentando sua principal teoria, a fim de esclarecer esse questionamento.

Assim, Labov (2008) estabelece uma relação intrínseca entre língua e cultura, considerando, “que não devemos parar no que é estritamente linguístico. Se queremos explicar quais forças agem na língua, podemos e devemos incluir o modo como a língua está inserida na sociedade.” (Chagas, 2002, p. 150). Em vista disso, as mudanças linguísticas interligadas à cultura possuem como consequência as variações presentes no processo de comunicação verbal. Desta forma, é através de uma análise ampla entre os fatores sociais, linguísticos e culturais que se pode compreender o caminho das variações linguísticas da atualidade, essa análise é nomeada “teoria da variação”.

Nesta circunstância, a parole (língua em âmbito social) se apresenta como uma competência mais próxima da sociolinguística do que da estilística strictu sensu, e para um estudo mais aprofundado da linguagem em termos gramaticais da língua apresenta como um objeto mais “pertinente” para Saussure e os linguistas que os seguem.

Chagas (2002) também explana o questionamento referente a “como as línguas mudam”, para isso, o autor usa como exemplo as substituições dos pronomes que algumas regiões do Brasil já normalizaram em suas falas no dia a dia, por exemplo: o “você” substituí por completo o “tu”, que, por sua vez, ainda é muito utilizado em Portugal. Com isso, para o autor:

É importante sempre lembrar que pode haver fatores de suas espécies que favoreçam ou dificultem a mudança: fatores estritamente linguísticos e fatores extralinguísticos. Os fatores linguísticos se relacionam com a forma como a língua está organizada, como funciona o seu sistema, quais são

seus elementos, suas regras etc. (Chagas, 2002, p. 153).

Assim, Chagas (2002) enfatiza que uma das metodologias mais eficientes, no campo da sociolinguística, para buscar as razões das variações linguísticas, está dividida em duas formas: A primeira forma é sobre a observação de pessoas de diferentes gerações e faixas etárias para analisar “[...] a marcação do plural, a concordância do sujeito e do verbo e a pronúncia de determinados sons” a fim de facilitar as mudanças linguísticas que ocorreram através do tempo; a segunda forma seria estudar essas variações em tempo real, a fim de detectar a “difusão de alguma inovação linguística através do tempo verificando qual a porcentagem de pessoas que a utilizam em cada momento, e a frequência com que cada indivíduo a utiliza” (Chagas, 2002, p. 158).

Chagas (2002) também apresenta três teorias da mudança linguística: a gramaticalização, a perimétrica e a da otimidade. A primeira teoria, exclui os fenômenos fonológicos, focalizando no processo linguístico que são compostos por palavras independentes. Já a segunda, desenvolve-se através do modelo gerativista desenvolvida por Chomsky – “considerava uma gramática um conjunto de regras que poderiam ser extremamente arbitrárias, em direção a uma teoria que buscava explicar as características universais das línguas com base em duas noções: a dos princípios e as dos parâmetros.” (Chagas, 2002, p. 160). E a terceira e última teoria, baseia-se nas restrições presentes na língua, geralmente abordando questões funcionais, como a facilidade na articulação e percepção. Desse modo, é possível observá-la nas variações que a língua portuguesa sofre, ao passar algumas palavras para o plural e apresentar heterogeneidade.

Assim sendo, para o processo de comunicação interligado à linguística, não existe língua errada, ou modo de falar errado, o que existe são modificações que ocorrem através do modo de utilização da língua em situações diferentes, sendo que cada variante linguística deva ser essencial para cada situação de uso em que o indivíduo esteja incluído, competindo-o saber selecionar o uso das inúmeras variantes, conforme sua devida e real necessidade.

Portanto, é de suma importância a Teoria da Variação considerar a língua em seu contexto sociocultural, uma vez que parte da explicação para a heterogeneidade emerge dos usos linguísticos concretos e pode ser encontrada em fatores externos ao sistema linguístico e não só nos fatores internos à língua.

## 1.1 CONCEITO DE LÍNGUA E LINGUAGEM

Para Mollica, “todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas”. Nesse sentido, a autora evidencia a “[...] variabilidade linguística presente em todas as línguas naturais humanas” (Mollica, 2017, p. 09). E enfatiza que a sociolinguística:

[...] considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso, influenciadas por fatores estruturais e sociais. Tais como fatores são também referidos como variáveis independentes, no sentido que os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso sistemáticas e estatisticamente previsíveis (Mollica 2017, p. 9-10).

Nota-se que a variabilidade linguística presente na língua está relacionada com as variantes sociais, ou seja, para a autora “[...] a linguística volta-se para todas as comunidades com o mesmo interesse científico e a sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores” (Mollica, 2017, p. 10).

Em relação às "variantes" e "variáveis", a autora frisa que “cabe a sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação”, como também diagnosticar as variáveis que possuem aspectos positivos e negativos relacionados ao emprego das formas das variantes. Nessa

perspectiva, a autora enfatiza que “as variantes podem permanecer estáveis nos sistemas durante um período curto ou até por séculos, ou podem sofrer mudança, quando uma das formas desaparece”. (Mollica, 2017, p. 11- 12).

A autora também traz a premissa de que as línguas operam juntamente com a heterogeneidade e a unidade em meio a ela. Nesse aspecto, para Mollica:

[...] só é possível porque a dinamicidade linguística é inerente e motivada. Prova-se como é equivocado o conceito estruturalista de variantes livres, ao ser demonstrando que a variação é estruturada de acordo com as propriedades sistemáticas das línguas e se implementa porque é contextualizada com regularidade (Mollica, 2017, p. 12).

Dessa maneira, Mollica (2017) aborda conceitos e fatores sociais relacionados à estigmatização linguística e mobilidade social, que estão presentes entre as variáveis da língua. Além de trazer a base quantitativa, tipicamente laboviana (fundada pelo linguista William Labov), a fim de direcionar o leitor a fazer análise da prática correlacionada à base quantitativa.

A autora também faz uma abordagem dos agentes externos relacionados ao sistema linguístico que vêm demonstrando grande importância em pesquisas baseadas em fenômenos da variação. Além disso, Mollica (2017) exalta a “Relevância das variáveis não linguísticas”, e busca introduzir a ideia de que fatores externos à língua, relacionados com variáveis estruturais sociais, têm o poder de influenciar nos fatores linguísticos. Nesse sentido, para a inclusão desta premissa, a autora cita exemplos de fatores externos capazes de serem influenciáveis, como:

[...] agentes como escolarização alta, contato com a escrita, com os meios de comunicação em massa, nível socioeconômico alto e origem social alta concorrem para o aumento da fala e na escrita das variedades prestigiadas, admitindo-se que existam pelo menos o padrão popular e o culto. (Mollica, 2017, p. 27).

Diante disso, Macedo (2017) aborda aspectos discursivos referentes aos aspectos extralinguísticos relacionados à “linguagem e contexto”. Com isso, a autora faz menção a fatores discursivos de influência sobre a escolha entre quatro variantes linguísticas. Dentre elas, estão o lugar (grau de formalidade maior ou menor), os participantes da interação (quem fala com quem), e o assunto que está sendo tratado. Nesse sentido, os relaciona aos contextos sociais que estão interligados com as variações linguísticas estilísticas (situacionalidade do uso da língua). Nesse contexto, Macedo (2017) exemplifica as adaptações do uso da língua de acordo com as situações, enfatizando que:

Os falantes possuem um repertório linguístico que pode variar dependendo de onde se encontram e com quem fala. Em ambientes mais descontraídos, entre pessoas com quem se tem maior intimidade ou quando não-formais. Esses mesmos falantes, em ambientes de maior formalidade, entre pessoas que não conhecem, entre pessoas de posição hierárquica, ou em situações em que estão autoconscientes quanto à linguagem, são capazes de adaptar sua maneira de falar e usar com maior frequência as variantes de prestígio, segundo as normas. (Macedo, 2017, p. 59).

Nota-se que as adaptações linguísticas que os indivíduos são capazes de realizar, dependem da situacionalidade e podem ser sociais, hierárquicas ou linguísticas, isso vai depender da situação a qual ele esteja inserido. Desse modo, é notório afirmar que os fatores discursivos têm o poder de influenciar no uso da língua e na maneira que o falante tende a adaptar-se ao contexto que está inserido para poder fazer o “uso correto” respeitando as “normas linguísticas”.

## 1.2 TIPOS DE VARIAÇÕES

A língua é algo que está em constante evolução, ela é passada de geração em geração para as pessoas. A todo momento estamos modificando a forma de nos comunicar, por fatores associados à capacidade da língua se transformar e adaptar-se conforme a situacionalidade de cada indivíduo. Pois ela não é algo fixo, e as mudanças que ocorrem ao longo da história na sociedade, interfere na mudança linguística da comunidade.

Além da variação social, existem outros fatores significativos no estudo como: os fatores geográficos, que têm ligação com a região onde o falante reside. Além disso, também existem diferenças entre os falantes da comunidade rural e urbana, e mesmo nas comunidades mais prestigiadas ainda há variedades linguísticas, pois, a língua muda conforme o contexto da situacionalidade. Ademais a idade e sexo também são fatores que estão relacionados com as variantes linguísticas. Pois, é visível a diferença na fala de homens e mulheres, como também na linguagem entre pessoas mais velhas e mais jovens.

Nessa premissa, a história diz que a humanidade são seres que se organizam em sociedade, conseqüentemente demanda a necessidade de se comunicar, e isso ocorre de forma espontânea, através da fala individual do usuário da língua. Para fazer a análise da sociolinguística, é preciso considerar alguns aspectos históricos, como, por exemplo, a conjuntura social em que vivem aqueles que se dedicam a estudar esse fenômeno. Portanto, as teorias da linguagem, sejam elas do passado ou atuais, sempre possuem compreensões distintas do papel que exercem na vida social.

Muitas vezes, nos deparamos com estudantes que possuem dificuldades de escrever e falar a norma padrão, porque já utilizam em seu cotidiano a linguagem coloquial. Sendo assim, com a falta do uso da linguagem formal, ocorrem impactos negativos nas apresentações culturais e sociais, que são derivadas das variações linguísticas, ocasionando conseqüências negativas no processo de aprendizagem.

Na maioria das vezes, as escolas permanecem com a ideia de que a língua escrita da gramática é a única correta a ser ensinada. Todavia, deve haver o reconhecimento das redes de ensino sobre a particularidade dos seus alunos e, acima de tudo, o respeito sobre as características acerca da linguagem não-padrão que o aluno carrega desde a origem materna. A respeito disso, Bagno (2007) afirma que:

É preciso, portanto que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português do Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística no nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão (Bagno, 2007, p. 18-19).

Em decorrência disso, é preciso haver a validação no âmbito escolar das variadas normas linguísticas, a fim de obter uma adequação à língua usada no cotidiano de cada aluno, ou seja, o português que provém da linguagem não padrão, com bases maternas e individuais, para que, assim, o processo de ensino-aprendizado não seja restrito apenas ao ensino do que está escrito na gramática.

Nesse sentido, Marcos Bagno (2007) discorda da ideia que traz definições entre o uso do “certo” e “errado” no uso da língua, e estabelece que:

[...] é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma. Seria mais justo e democrático dizer ao aluno que ele pode dizer bonito ou bunito, mas que só pode escrever bonito, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua. (Bagno, 2007, p. 52-53).

Nesse sentido, Bagno (2007) expressa que no âmbito escolar, cada aluno entra na escola com falas



e escritas variadas. Por conta disso, ocasionalmente, utiliza a linguagem coloquial na escrita, que, na maioria das vezes, é taxada como “errada” pelos educadores.

Em virtude disso, Bortoni-Ricardo (2004) desenvolveu algumas características sociolinguísticas e os seus principais efeitos na sociedade. Para tanto, a autora traz um trecho do livro *Rememórias Dois*, de Carmo Bernardes, no qual traz aspectos reflexivos para o leitor sobre as variações linguísticas presentes na língua portuguesa do Brasil e, principalmente, entre as contraposições do linguajar do Brasil Urbano e do Brasil Rural.

A autora também remete à conscientização sobre a variação linguística no âmbito escolar tendo como base a narrativa regional de Carmo Bernardes. Para tanto, Bortoni-Ricardo (2004) traz uma análise de como a criança pode iniciar o seu processo de sociabilização, dividido em três domínios: a família, os amigos e a escola. Através desses domínios, são esmiuçadas as relações linguísticas da criança com a família, os amigos e os professores na escola.

Compreende-se, desta forma, que as escolas devem refletir sobre as variações linguísticas presentes em sala de aula, pois elas possuem um papel de suma importância para a formação moral do indivíduo, ao buscarem alternativas melhores e mostrar que é necessário abordar, nas séries iniciais, sobre as diversidades linguísticas.

A autora ainda traz dados de uma pesquisa realizada no estado de Goiás e no Distrito Federal, em que pôde-se observar “[...] que os professores monitoram muito a sua linguagem quando conduziam eventos mediados pela língua escrita, mas eram muitos espontâneos em eventos de estrita oralidade” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 26). Nesse sentido, a autora nomeia a ação dos educadores de monitorar sua linguagem de letramento. Já os eventos de estrita oralidade, nos quais os professores podem fazer brincadeiras e uso da linguagem coloquial, possui o intuito de estreitar as relações e criar um vínculo afetivo entre alunos e professores na sala de aula.

Bortoni-Ricardo (2004), também, traz uma reflexão sobre as variações linguísticas no “repertório dos professores e dos alunos do ensino fundamental”. Ainda tomando como base a obra de Carmo Bernardes, a escritora discute sobre como os professores podem trabalhar na questão dos “erros de português”, visto que eles não devem ser trabalhados como uma deficiência do aluno, mas sim como “diferenças na variedade da língua”. Para a autora, a intervenção não respeitosa ou inadequada do professor pode ocasionar revolta ou desinteresse no aluno por causa da “naturalização das palavras”, que para cada aluno é uma questão particular e cultural.

Nesse sentido, é importante que o professor acolha seus alunos e cumpra com o seu papel de realmente ensinar, para que assim o indivíduo, ao chegar na escola, sinta-se acolhido, valorizado e não discriminado pela forma que fala, podendo expor as diversas maneiras que a variação linguística representa na sociedade.

Como destaca Bortoni-Ricardo (2004):

É papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para se desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas. (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 74).

Bortoni-Ricardo (2004) apresenta, também, informações sobre a variação linguística no Brasil. Para uma melhor compreensão, a pesquisadora toma como base três linhas, que foram classificadas como contínuos: Contínuo de urbanização, contínuo de oralidade-letramento, e contínuo de monitoração estilística. Nesse sentido, Bortoni-Ricardo evita a criação de barreiras inflexíveis entre “a língua-padrão, dialetos e variedades não padrão”. “Em virtude disso, a autora afirma que o “português brasileiro” é composto por diversidades, possuindo um “caráter heterogêneo, ou seja, é formado por variedades de “portugueses brasileiros” (p. 52). Desse modo, para a autora, o contínuo da urbanização pode ser representado da seguinte forma: Variedades rurais isoladas, área urbana, e

variedades urbanas padronizadas. Essa divisão é conceituada pela autora como:

Variedades rurais usadas pelas comunidades geograficamente mais isoladas. No polo oposto, estão as variedades urbanas que receberam a maior influência dos processos de padronização da língua.... Os grupos urbanos são formados pelos migrantes de origem rural que preservam muitos dos seus antecedentes culturais principalmente do seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção da tecnologia agropecuária. (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 52).

Nota-se que para a definição dos polos, é preciso levar em consideração “onde ele nasce e vive”. Entretanto, a autora traz o exemplo do escritor Carmo Bernardes, e exalta que como ele “[...] nasceu e passou sua infância na zona rural, estaria situado no polo rural do contínuo. Porém, como ele viveu e trabalhou a maior parte de sua vida em área urbana, tornando-se um literato... sua melhor localização será o polo urbano” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 52). Com isso, fica evidente que essa definição, também, é feita através da análise da situacionalidade de cada sujeito, que decorre dos fatores sociolinguísticos e sua localização atual.

Em relação ao contínuo de urbanização, a autora enfatiza que “não existem fronteiras rígidas que separam os falares rurais, urbanos ou urbanos. As fronteiras são fluidas e há muita sobreposição entre esses tipos de falares” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 53). Com isso, para a autora, o primeiro contínuo lida com os atributos do falante que estão relacionados a:

[...] sua idade, sexo, seus status socioeconômico, nível de escolarização etc. [...] Resultam da dinâmica das interações sociais. Podemos então dizer que a variação linguística depende de fatores sócio estruturais e de fatores sócio funcionais. [...] na prática os fatores estruturais se inter-relacionam com os fatores funcionais na conformação dos repertórios sociolinguísticos dos falantes. Além disso, ao estudarmos a variação linguística, levamos em conta, também, fatores da própria língua – fatores linguísticos estruturais [...] em suma, os fatores linguísticos-estruturais podem ser fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos e até discursivos (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 52).

Enquanto o primeiro contínuo está relacionado aos atributos do falante; o segundo, nomeado, como contínuo de letramento, remete às práticas sociais, as quais a autora dispõe “os eventos de comunicação conforme sejam eles eventos mediados pela língua escrita, que chamaremos de eventos de letramento, ou eventos de oralidade, em que não há influência direta da língua escrita”. (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 61-62). Nesse sentido, o segundo contínuo trata das práticas sociais do letramento e das práticas sociais da oralidade. Desse modo, a autora afirma que em uma sociedade como a nossa, em que há impacto da cultura letrada em todas as atividades, é de suma importância que saibamos distinguir as práticas sociais determinadas pela cultura letrada e as práticas sociais que são exclusivamente orais.

Quanto ao terceiro contínuo, Bortoni-Ricardo o relaciona ao grau de atenção que damos ao ato de falar, nomeado de monitoração estilística. A autora exemplifica: quando estamos com muita pressa ou quando estamos falando com uma pessoa que temos um vínculo afetivo, tendemos a não monitorar a fala, nesse caso, a forma que falamos não há diferença; porém, há momentos, geralmente em situações formais, que a forma fará grande diferença, então tendemos a monitorar o uso dos vocabulários para haver adequação ao local do enunciado.

## 2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste trabalho, utilizamos a pesquisa qualitativa, a qual foi de suma importância,

uma vez que a entrevista com os professores se deu através da utilização e aplicação de um questionário com questões relacionadas ao conhecimento dos professores sobre a importância da variação linguística e aplicabilidade do tema em sala de aula, a fim de se entender as vertentes que embasaram esse trabalho no decorrer da pesquisa.

Este trabalho teve início com uma visita ao colégio. Em seguida, aconteceu um momento de conversação com a coordenação da instituição, juntamente com as duas professoras que fazem parte do corpo docente e lecionam a matéria de Língua Portuguesa nas turmas do Ensino Fundamental II, ofertadas pela escola. Inicialmente, o projeto estava voltado para a aplicação de um questionário para quatro professores (um para cada turma). Entretanto, o colégio tem disponível, apenas, duas professoras de língua portuguesa. Após isso, foi apresentado o intuito da pesquisa e o seu principal objetivo.

Para que os resultados dessa pesquisa sejam verificáveis, este trabalho foi desenvolvido em duas etapas. Para a realização da primeira etapa, foi feito o estudo de campo, visitando os professores em suas respectivas salas de aulas do ensino fundamental II, localizadas no Colégio Estadual Padre Mendonça, no município de Itabaiana (SE).

A segunda etapa foi a pesquisa bibliográfica, realizada por meio das leituras de livros e artigos, com o propósito de recolher a maior quantidade de informações a respeito do assunto estudado.

Em relação ao objetivo da aplicação do questionário, este se deu com o intuito de averiguar o conhecimento dos docentes do Ensino Fundamental em relação à variação linguística, além de saber como esses professores lidam com essas questões em sala de aula. O questionário elaborado por nós é constituído de 7 (sete) perguntas, todas voltadas para o tema variação linguística e a sua aplicabilidade em sala de aula.

Partindo deste pressuposto, esta pesquisa teve como base uma análise de dados adquiridos em um questionário, a fim de facilitar a liberdade de expressão dos docentes participantes da pesquisa. O intuito é analisar as suas visões a respeito da língua portuguesa, as variações linguísticas estilísticas e os preconceitos linguísticos, bem como a utilização do uso e conhecimento sobre a situacionalidade no uso linguístico. A coleta de dados ocorreu no mês de abril de 2023, após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

Com as informações importantes colhidas, foi realizada uma leitura prévia das respostas adquiridas por meio dos questionários, a fim de identificar a opinião e conhecimento dos professores em relação às variações linguísticas existentes, e como lidam com a aplicabilidade deste assunto em sala de aula, tendo em vista os estudos teóricos desenvolvidos, referente a temática, apresentados neste trabalho.

Para analisar as respostas extraídas dos questionários, foi necessária a utilização dos conceitos bases da pesquisa em sociolinguística. Refletindo sobre a variação linguística estilística, as variações linguísticas em geral, o preconceito linguístico e a importância cultural que é pautar o ensino de acordo com a realidade de cada instituição ou região. Além de garantir também um conhecimento mais amplo sobre as variedades linguísticas presentes em todo o Brasil, a fim de mostrar para os estudantes como a língua pode variar de região para região e até mesmo de comunidade para comunidade. Deixando claro que isso é extremamente importante, pois enriquece a nossa língua a tornando cada vez mais plural e representativa. Neste ponto, vamos ao encontro ainda com as competências e habilidades presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que reforça a importância de se trabalhar com as variações linguística e a língua em uso.

### 3 ANÁLISE DO CORPUS

Os questionários foram entregues aos 2 (dois) professores, na Escola Estadual Padre Mendonça do Ensino Fundamental II, no município de Itabaiana-SE, com o intuito de verificar se os docentes estavam inteirados sobre as variações linguísticas estilísticas presentes na língua portuguesa. Além disso, analisar os métodos de aplicabilidade deste tema em sala de aula.

Para assegurar o sigilo dos docentes que aceitaram participar da pesquisa, designei um código para cada um, dessa forma, cada professor foi numerado como 1 e 2. Exemplo: professor 1, professor 2. Diante das análises feitas a respeito do assunto variação linguística estilística no âmbito escolar, houve a verificação das falas dos docentes formados na área de Letras, ressaltando a ocorrência das diversidades linguísticas presentes em sala de aula, assim como suas posições frente ao ensino da língua portuguesa relacionadas a esta temática. Assim, foram distribuídas sete perguntas com questões abertas associadas ao assunto para analisar as opiniões fazendo um contraste entre elas.

Em relação ao conhecimento da variação linguística estilística, os dois professores mostraram domínio da temática e responderam que depende do meio ao qual o indivíduo se encontra que fará com que ele adapte o discurso de maneira formal, ou informal.

Quando os professores falam nesse contexto do qual os alunos estão inseridos, nos remete ao entendimento de Rapazzo (2004) sobre a pesquisa qualitativa e as circunstâncias que antecedem essas relações:

Os dados da pesquisa qualitativa não são coisas isoladas, acontecimentos fixos, captados em um instante de observação. Eles se dão em um contexto fluente de relações: são “fenômenos” que não se restringem às percepções sensíveis e aparentes, mas se manifestam em uma complexidade de oposições, de revelações e de ocultamentos. Na pesquisa qualitativa todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio. Procura-se compreender a experiência que todos os “sujeitos” têm. (Rapazzo, 2004, p. 58).

Desta forma, as respostas dos docentes corroboram ainda com os estudos de Bagno (2007), que trata a variação linguística estilística como uma forma de monitoramento conforme as situações de fala, ou seja, dependendo do contexto, pode-se usar o discurso de maior ou menor formalidade. Verifiquemos abaixo as seguintes respostas da primeira questão “1. O que você entende sobre variação linguística estilística?”:

Resposta 1 do Professor 1: Entendo que dependendo do meio em que o indivíduo se encontra fará com que ele se comunique de maneira formal ou informal, sendo possível o uso de gírias, estrangeirismos, etc.

Resposta 1 do Professor 2: A variação linguística estilística se refere a adaptação da fala e da escrita a diversas situações comunicativas. Dessa forma a língua padrão de ser usada em situações comunicativas informais, enquanto que em situações comunicativas informais a linguagem coloquial é mais usual, fazendo uso de gírias, expressões regionais, entre outros.

Sobre a formação no curso superior de Letras, o professor 1 (um) afirmou que houve um aprendizado considerável, com as matérias ofertadas pela universidade e conhecimentos adquiridos no decorrer da formação. Em contrapartida, o professor 2 (dois) optou por não responder ao questionamento, alegando de forma oral, que, na época que era discente na universidade, não lembrava de nenhuma matéria que abordasse o tema. Vejamos a seguir as respostas da segunda pergunta “É possível que a formação em um curso superior de Letras permite ao professor um trabalho pautado no que propõe a Sociolinguística. De que forma?”:

Resposta 2 do professor 1: Sim. Durante a graduação é possível cursar disciplinas que nos oferecem recursos para entender e aprimorar nossos conhecimentos sobre a estrutura e evolução da língua no contexto social da comunidade.

Resposta 2 do professor 2: Não respondeu

Em relação à metodologia dos docentes abordando a variação linguística em sala de aula, eles

confirmaram que exploram este assunto, e um (1) docente citou que usa esta temática de forma indireta em interpretações de textos.

O ensino da Sociolinguística é parte do currículo básico da Língua Portuguesa, em especial no que diz respeito ao ensino da variação linguística, como prevê a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC considera o ensino das variações linguísticas de extrema importância, pois leva os alunos a refletirem sobre as relações heterogêneas entre língua e sociedade, além de fortalecer o vínculo cultural e social entre o aluno e a localidade na qual está inserido. Vejamos abaixo as seguintes respostas da pergunta 3 “Você trabalha com o tema variação linguística em suas aulas de língua portuguesa? E você foi instruído para isso pela universidade?”:

Resposta 3 do professor 1: Sim. A universidade me deu a base sobre o entendimento acerca da variação linguística, principalmente em relação à sua presença em sala de aula e como ensinar ao aluno que sua fala não é um “erro”, mas apenas uma forma diferente do uso da Língua Portuguesa e em quais situações e formas usuais da língua, tanto na língua oral como na escrita.

Resposta 3 do professor 2: Atualmente, nas turmas que leciono, trabalho o tema de forma indireta dentro de outros conteúdos (diante de interpretações de textos em sala). A universidade nos instruiu para entender e passar para os alunos a importância de compreender as variações linguísticas.

Sobre a eventualidade do preconceito linguístico por parte dos alunos, houve uma diversidade nas respostas expostas pelos docentes. Isso porque o professor um (1) expõe que não há casos de preconceito linguístico em suas aulas. Em contrapartida, o professor dois (2) afirma que infelizmente ainda ocorre, em virtude de a presença de alguns alunos possuírem gírias e expressões regionais na sua linguagem. Desta forma, essas respostas reforçam a teoria de Bortoni (2004) que afirma ser possível o falante se comunicar em qualquer circunstância de acordo com os fatores sociais e culturais, o que a autora chama de competência comunicativa; ou seja, não existe o “certo” ou “errado” quanto ao uso da língua, tudo depende da adequação por meio dos recursos comunicativos. Vejamos a seguir as respostas da pergunta 4 “Em sala de aula, você, enquanto professor, lida com as questões do preconceito linguístico por parte dos alunos, relacionadas às variações linguísticas?”:

Resposta 4 do professor 1: Neste momento não há casos de preconceito linguístico, pois em sala de eles se tratam com variações típicas de sua idade e região.

Resposta 4 do professor 2: Sim. Infelizmente ainda existe o preconceito em relação a quem apresenta a fala diferente, principalmente com gírias e expressões regionais, essas pessoas são rotuladas muitas vezes e menosprezadas também. Costumo ensinar ao aluno, envolvendo toda turma, fazendo uso de orientações didáticas que mostram aos alunos que as variantes devem ser usadas.

Quando questionados sobre a influência da cultura que o aluno está inserido como um fator que pode influenciar na comunicação interativa, os professores relataram que se o aluno estiver inserido em determinada cultura, isso conseqüentemente refletirá na linguagem, posteriormente levando-a para a sala de aula. Verifiquemos as respostas abaixo, que reafirmam as teorias dos autores citados anteriormente, no que diz respeito ao uso da língua em diferentes situacionalidades, de acordo com cada contexto que o falante esteja. Pergunta 5 “Para você, de que forma a cultura que o aluno está inserido pode ser vista como um fator para que ele possa vir a desenvolver a interações comunicacional?”:

Resposta 5 do professor 1: Se o aluno estiver inserido em um ambiente favorável para desenvolver a comunicação/interação comunicacional estará com certeza, diante de uma cultura produtiva. A forma como o aluno escolhe absorver essa cultura fará toda a diferença, pois além da exposição à cultura ele tem que estar disposto a desenvolver suas habilidades em interação comunicacional.

Resposta 5 do professor 2: A criança aprende a falar ouvindo as pessoas com quem convive, portanto

ela acaba desenvolvendo a linguagem do meio social ao qual está inserida. Assim essa linguagem é levada para a sala de aula.

Já em relação à forma que deve ser trabalhada a diversidade linguística e o preconceito linguístico no ensino fundamental II, todos responderam, de maneira relativamente igual, ressaltando a importância dessas temáticas serem trabalhadas ainda nos anos iniciais da alfabetização. Vejamos a seguir as suas respostas da pergunta 6 “Para você, de qual forma a diversidade linguística e o preconceito linguístico devem ser discutidos no ensino fundamental II? E você acha que deveria existir essas discussões nos anos iniciais”:

Resposta 6 do professor 1: É importante sempre trabalhar assuntos como esses com textos que tragam relatos e fatos contextualizados. Acredito que essas discussões possam iniciar nos anos iniciais, mas sem se aprofundar muito. É preciso um pouco mais de maturidade para conteúdos como esses.

Resposta 6 do professor 2: Sim. É muito necessário haver discussão sobre esses temas nos anos iniciais, pois ela já usa a oralidade para se comunicar, e começa a usar a escrita também para se comunicar, e é exatamente por isso que a criança deve entender as diferenças e adaptações que ocorrem entre fala e escrita, e que a escrita também tem uma função comunicativa.

Quando questionados sobre o preparo das escolas brasileiras para a discussão sobre as variações linguísticas, os professores responderam de forma semelhante, exaltando que é um grande desafio que precisa ser aprimorado. Diante do exposto, vejamos as respostas da pergunta 7 “Você acha que as escolas brasileiras estão preparadas para discutir as variações linguísticas e fazer delas um tema de grande importância para os seus alunos?”:

Resposta 7 do professor 1: Sim, porém muito precisa ser aprimorado.

Resposta 7 do professor 2: É um grande desafio para as escolas ensinar aos alunos qual postura deve ser tomada diante das variações linguísticas no convívio social, principalmente porque o diferente ainda é visto como inaceitável e que está errado.

Nesse sentido, levando em consideração os resultados alcançados com a pesquisa, percebemos o quanto é positivo o ensino humanizado do letramento em relação à variação linguística estilística. Sempre tendo em vista as adequações e variações linguísticas no âmbito escolar que ocorrem em alguns alunos, devido ao contexto social que convivem. Também ficou evidente a preocupação dos docentes acerca do assunto, relacionando-o à introdução desta temática em sala de aula e à interpretação de texto, a fim de desenvolver habilidades de interação comunicacional e quebra do eventual preconceito linguístico.

Ademais, é notório a ligação que a língua possui com o contexto social de cada indivíduo. Como afirma ainda Labov (2008, p. 327) que “o modo como o indivíduo habitualmente se apresenta a si mesmo em vários ambientes sociais” pode ser adaptado de acordo com a situação, visto que a todo instante a língua comunica ao ouvinte quem somos, de onde somos, o que fazemos, além disso, responde ao emissor o que achamos dele. Isso ocorre através de fatores linguísticos e extralinguísticos presentes na linguagem.

As respostas obtidas nos levam a refletir sobre a importância das variações linguísticas para além da sala de aula, tendo em vista que esse é um tema que permeia a sociedade tanto no nível educacional quanto no nível cultural e social. É neste ponto que Mollica (2017) mostra que a sociolinguística difere da linguística no momento em que considera a importância social da língua, independentes dos grupos sociais, trazendo uma visão mais ampla o que dá à língua uma significação ainda mais plural. Mollica (2017) aponta ainda que as diferenças linguísticas estão relacionadas também com os níveis de escolarização, o contato com a escrita e com os meios de comunicação em massa, para além das

questões já citadas. O preconceito linguístico, por exemplo, nasce da concepção de que uma variedade da língua é mais refinada ou mais importante que a outra e neste caso, os grupos com maior escolaridade e maiores rendas tendem a se aproximar da variedade padrão, que é um modelo elitizado da Língua Portuguesa. Sendo assim, voltando à teoria discutida por Mollica (2017), temos uma variedade popular ligada às rendas mais baixas e a baixa escolaridade e temos também a variedade culta, que está voltada para os mais escolarizados e os mais ricos.

Ainda sobre isso, Macedo (1989) também tem muito a acrescentar. A variação linguística pode adquirir um caráter de ocasião, na qual o falante pode adaptar a sua fala de acordo com o local ou com quem está a falar. Assim, por mais que o falante tem uma alta escolaridade, ele se sente muito à vontade a falar sem preocupar com um padrão quando está entre amigos mais íntimos ou em qualquer outro contexto de informalidade e o mesmo ocorre quando ele está em uma entrevista de emprego ou diante de um contexto formal, aproximando a sua fala ao que se espera de um estudante que conhece a variedade tida como padrão ou variedade privilegiada.

Bagno (2007) aponta que essas variações vão muito além do social, passando também pelas questões geográficas, variando de região e questões de idade e sexo. A linguagem das pessoas mais velhas possui inúmeras diferenças das mais jovens que em sua maioria são baseadas em gírias. Já em relação a linguagem dos homens e mulheres as diferenças também são bastantes acentuadas, pois o linguajar masculino sofre muita influência das suas vivências com o meio em que frequenta, como a exemplo do grupo que gosta de futebol, de sertanejo, do funk ou de outros temas que influenciam diretamente na língua. Bortoni-Ricardo (2004) também reforça que a idade, o sexo, e as diferenças geográficas influenciam diretamente nas variações linguísticas e no que diz respeito a questão geográfica, para além das diferentes regiões a autora cita as diferenças entre o falante da área rural e da área urbana. Isso, pode ser perceptível nas escolas com os alunos do centro da cidade e os alunos dos povoados, cada um traz uma bagagem linguística repleta de particularidades o que enriquece as aulas de Língua Portuguesa.

Pensando nisso, temos na escola a possibilidade de unir essas diferenças em busca de uma aprendizagem rica e de preservação. De preservação, no sentido em que preserva as variedades linguísticas presentes em um mesmo ambiente, a sala de aula um espaço do qual presenciamos o encontro de diferentes culturas, diferentes níveis de conhecimento e aos mesmo os mesmos interesses, que é aprender a partir do conhecimento de mundo, adquirido antes mesmo da vida educacional institucional. O encontro de jovens de diferentes idades, diferentes gêneros, diferentes localidades com a figura do professor podem tornar as aulas, as discussões, as interações cada vez mais plurais, interessantes e ricas.

É nesse sentido, que Bagno (2007) acredita que a escola deve repensar e até mesmo abandonar a ideia de “unidade” da língua falada, pois há mais a possibilidade de não reconhecer o quanto a língua é plural e pode mudar de acordo com as particularidades de cada indivíduo. Contudo, isso ajudaria a tirar a ideia de que só existe uma variedade aceita e padronizada, levando os alunos a entenderem que todas as variações da língua são bem-vindas e podem ser adaptadas a cada situação. O autor completa a sua análise dizendo que é evidente que deva existir e que os acadêmicos possam escrever de acordo com a ortografia original, mas sem fazer com que isso faça da língua falada um “modelo artificial” a ser seguido, já que a noção de erro trabalhada em alguns contextos é bastante equivocada.

Bortoni-Ricardo (2004) alerta ainda sobre o cuidado que se deve ter a trabalhar com as perspectivas de erros na hora de ensinar a Língua Portuguesa. O que seria de fato “erros de português”? É preciso que o professor reflita sobre isso e sempre leve em consideração as variedades linguísticas no momento da discussão sobre essas questões, pois isso irá fazer com que o aluno entenda o que é adequado e o que não seria adequado para determinada situação. Essa fala sobre a noção de erro é muito importante porque o aluno tende a se afastar daquele que ele acredita que faz de errado e dizer que a sua forma de falar é errada, faria com ele tentasse se afastar da sua cultura, das suas

particularidades e isso não é bom para o aluno, para a escola e muito menos para sua comunidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos cumprem os objetivos elencados, que foi discutir sobre o conhecimento e ensino da variação linguística estilística, conscientizando também os professores sobre a importância de trabalhar o preconceito linguístico, para que os alunos possam compreender que não existe uma variação linguística melhor do que a outra, apesar de que a variação tida como padrão tem grande privilégio quando comparada às outras, mas isso não pode fazer com que as outras percam a sua importância e nem mesmo a necessidade de serem estudadas e trabalhadas no ambiente escolar.

Ademais, além do objetivo geral, os objetivos específicos também foram cumpridos e alcançados. Os objetivos específicos foram: analisar a postura dos professores diante do ensino da variação linguística; identificar a metodologia utilizada pelo docente em sala de aula, inserindo práticas educativas e lúdicas para essa inclusão do tema. Como apontado anteriormente, fizemos isso por meio da aplicação do questionário e da análise das questões dos professores envolvidas nesta pesquisa.

Com as respostas dada pelos professores, foi possível perceber que ainda existem algumas lacunas na hora de ensinar a sociolinguística, mas ao mesmo tempo percebemos que há um esforço por parte dos professores para trabalhar as variações linguísticas. Uma das professoras, relatou que sempre trabalhou as variações linguísticas de modo geral enquanto outra relatou que insere o conteúdo dentro de outras atividades voltadas para a leitura e produção de textos. Outro ponto interessante, é que uma das professoras concorda que a universidade reforçou a importância de trabalhar a sociolinguística na sala de aula durante as suas graduações, enquanto a outra afirma que não presenciou nada sobre essa importância durante o seu curso.

Os professores entrevistados por meio do questionário, mostram também ter a consciência de que dentro de uma sala de aula existem várias diferenças sociais e culturais, fazendo que os alunos expressem essas diferentes em suas falas, escancarando o que as diferenças sociais, culturais e locais podem ocasionar na língua, em especial na oralidade. É importante ainda dizer, que elas percebem que a exploração dessa questão pode enriquecer o ensino e o processo de aprendizagem, por meio das interações entre conhecimentos e perspectivas diferentes.

Vale destacar que o mais importante para o discente é a possibilidade de entender que faz parte da sociedade e contribui diretamente com a mutação da língua, quando ele cria gírias e abreviações de palavras para comunicar-se com a comunidade onde reside. Nesse aspecto, é de suma importância para esse aluno notar que toda variação ocorre porque os falantes fazem modificações na língua materna para adequar a situações comunicacionais do cotidiano.

Deste modo, é preciso que o ensino da língua portuguesa seja inovador para inserir o tema variação linguística, acompanhando o avanço da sociedade, fazendo do conhecimento das variantes linguísticas uma ferramenta indispensável em sala de aula para os alunos obterem pensantes e empáticos, que buscam sempre aprimorar seus conhecimentos, evitando o preconceito linguístico, e com isso tornando-se um indivíduo melhor para a sociedade.

Nesse sentido, este trabalho foi de suma importância para minha formação, pois permitiu fazer um aprofundamento maior sobre a temática, além de uma reflexão sobre o tratamento da variação linguística na sala de aula.

Esperamos, assim, contribuir para que os docentes possam ampliar a visão de trabalho, no que diz respeito às distinções da língua, buscando sempre levar em consideração a bagagem linguística dos alunos e, a partir dessas modalidades e mutações que ocorrem na linguagem, possibilitar uma verdadeira educação linguística distante de preconceitos.

Finalmente, acreditamos que este estudo contribuiu com uma moderna proposta de abordagem da variação linguística estilística em sala de aula, em virtude da sua utilização que pode ser feita como veículo da valorização dos distintos tipos de linguagens presentes na língua. Neste sentido, podemos



concluir que é através desta ferramenta que o professor pode fazer a diferenciação entre o "aceitável" e "não aceitável", expondo o contexto e as determinadas situações pela qual devemos falar.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Loyola Editorial, 2007.

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz. Introdução à linguística I. objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002.

BORTONI-RICARDO, Stela Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: FIORIN, José Luís. Introdução à linguística I. objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002.

LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherer, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. Linguagem e contexto. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. 4. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017. p. 59-66.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. 4. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017. p. 9-14.



# Nossas colunistas

## El último canguro

“Platero es pequeño, peludo y suave, tan blando por fuera que se diría todo de algodón”  
Juan Ramón Jiménez

Dicen que soy el último canguro, sobreviviente de una especie extinguida. ¿Cómo llegué aquí vivo? No sé, además con las facultades de leer y escribir. Antes masticaba hierba y era un marsupial. Ahora escribo, después de la masacre, ahora escribo.

Primero fue la ley que autorizó a matar a los canguros por cantidades racionales, antes de que nos transformáramos en una plaga. Un tiro en la cabeza y caímos muertos.

Por lo general, los francotiradores evitaban hacerlo cerca de las piscinas, dicen que el color rojo en el agua era feo y arruinaba el paisaje.

Algunos quisieron vendernos como carne de caza para el restaurant. No éramos lo suficientemente exóticos. Demasiado domésticos. Saltando en los jardines con la cría a cuestas, en la bolsa, después de matarnos, hubiera sido mucho.

Es cierto que parecía un complot. Nos reproducimos a un ritmo vertiginoso. A muchas personas -si es que pueden llamarse así – les parecía tierno el espectáculo de un canguro madre con el bebé a cuestas. Pero todo tiene un límite, decían. Todo y nosotros, los canguros, no fuimos la excepción. Dicen, porque alguien siempre dice, que yo era pequeño, peludo y suave como Platero. Después me hice grande, tomaba mucha agua, vaciaba piletas. Entonces empezó la persecución.

¿Por qué quedé yo? Además con las facultades de leer y escribir.

Primero, presumo, porque vivía en un bosque, donde había aborígenes. Ahí aprendí mucho de ellos. Dibujar con cortezas, por ejemplo. Ellos me enseñaron el arte del dibujo y también de leer y escribir. ¿Cómo sabían? No lo sé, pero nos comunicábamos bien.

El jefe decía que yo le traía suerte y debía acompañarlo a todos lados, hasta el pueblo más cercano. Ahí compraba cosas, las cambiaba por hilos, tejidos, cosas que hacían ellos, los aborígenes, no se daban cuenta, eso me parecía a mí, de lo que iba a venir.

Ahí vi que las personas estaban locas, corrían, viajaban en artefactos extraños, a velocidades increíbles. Vivían atascados en congestionamientos de tránsito. De noche, al llegar a sus casas estaban exhaustos. Miraban un cuadrado luminoso donde otras personas, sin mirarlos, vivían una vida distinta, llena de colores, a veces. Otras, en blanco y negro. Los espectadores, después, imitaban a los de la pantalla, corrían más para vivir como los otros, los del otro lado. Vivían vidas artificiales, encerrados, compraban, compraban, para parecerse a ellos, los otros, los de adentro de la caja.

Después de ver eso yo prefería el bosque. Tal vez me hice un poco salvaje. Dormir bajo las estrellas, sobre el pasto tiene su encanto. Soñaba con praderas verdes, con árboles llenos de hojas, con cielos azules, con lagos de agua dulce y cristalina. ¿Era demasiado pedir?

Lo horroroso ocurría los fines de semana, cuando las personas llegan. Entonces lo cubrían todo con los autos, los papeles, los manteles sobre el pasto, las botellas de plástico.

¿Por qué me hice canguro y escritor? No lo sé, me vino dado, fue mi destino. Alguien debía contar la catástrofe.

© Araceli Otamendi

Araceli Otamendi nació en Quilmes, Provincia de Buenos Aires. Vive en la ciudad de Buenos Aires desde los 9 años.

Graduada en Análisis de Sistemas, Universidad Tecnológica Nacional, ejerció esa profesión durante varios años.

Es escritora y periodista, dirige desde hace 21 años las revistas de cultura Archivos del Sur y Barco de papel.

Escribe cuentos, novelas, ensayos y crónicas. Ha traducido a varios escritores brasileños al español.

Desde 2022 es miembro correspondiente de la Academia Gloriense de Letras, Brasil

Marguerite Duras:narradora del Eros

Márcia Batista Ramos

“Para abordar la escritura hay que ser más fuerte que uno mismo, hay que ser más fuerte que lo que se escribe” Marguerite Duras

Pocas mujeres escritoras lograron convertirse en un icono popular como lo hizo Marguerite Duras, conocida por su estilo experimental y su enfoque en temas como el amor, la soledad y la desesperación. Ella escribió cincuenta y seis libros, doce guiones cinematográficos, hizo diecinueve películas y, además, dejó una producción televisiva poco investigada. Su obra ocupa un lugar de enorme influencia en la literatura y el cine europeos de la segunda mitad del siglo XX.

Marguerite Duras, seudónimo de Marguerite Germaine Marie Donnadieu, fue una novelista, guionista y directora de cine francesa. Nació en Saigón (en la actualidad Ho Chi Minh, Vietnam) en el día 4 de abril de 1914, en la época en que la región formaba parte de la Indochina francesa. Vivió su infancia y adolescencia junto a su madre en Indochina, en pleno conflicto del colonialismo moderno, experiencia que la marcaría de manera profunda e inspiraría muchas de sus obras. Sus obras abordan temas tabú como el incesto, la prostitución y la homosexualidad, y a menudo recibieron críticas y censura por su contenido explícito y provocador.

Con el núcleo familiar fracturado, por la muerte del padre, profesor de matemáticas en una escuela de la entonces Indochina francesa, que murió cuando Marguerite tenía sólo cuatro años, condenándola prácticamente a la miseria, además de la relación difícil con su madre desamorada. Marguerite Duras resumió la relación turbulenta con su madre, así:“Creo que siempre o casi siempre en la infancia la madre representa a la locura. Nuestras madres siempre permanecen como las personas más locas y extrañas que jamás hemos conocido.”

A los dieciocho años, en 1932, fue a Francia, donde estudió Derecho, Matemáticas y Ciencias Políticas. Trabajó como secretaria en el Ministerio de las Colonias de 1935 a 1941. Empezó a escribir y publicar novelas, poemas y obras de teatro, instaurando su estilo único caracterizado por su gramática fragmentada y su narrativa no lineal. Empero, Saigón permaneció en su imaginario y siempre estuvo asociado al dolor y representó la insondable soledad de la prosa de Marguerite Duras, que registraría: “La soledad es el precio que debemos pagar por ser nosotros mismos”.

Es la misma escritora francesa quien describe su relación con el dolor en el libro del mismo nombre: “El dolor es una de las cosas más importantes de mi vida. La palabra «escrito» no resulta adecuada. Me he encontrado ante páginas regularmente llenas de una letra pequeña extraordinariamente regular y serena. Me he encontrado ante un desorden fenomenal de pensamientos y sentimientos que no me he atrevido a tocar y comparado con el cual la literatura me ha avergonzado”.

Fabienne Bradu al referirse a los libros de Marguerite Duras dice: “En el centro de todos ellos hay una oquedad, algo así como un hoyo negro, donde estarían el sentido y lo indecible que pertenecen a las tinieblas, a la cerrazón del secreto, a lo presentido y nunca revelado. La maestría de Marguerite Duras en algunos de sus mejores libros consiste en rondar esta oquedad, en acercarse cada vez más y peligrosamente a esta materia resistente al lenguaje y, aunque nunca la penetre del todo, en dejar esta oquedad visible, palpable, vibrante como una ausencia imprescindible para que surja el cerco de la escritura”.

Marguerite Duras, cuenta las luces y sombras vividas en su niñez en *La infancia ilimitada* (La madre):“Me gustaría no ver en mi infancia otra cosa que infancia. Y sin embargo no puedo. Ni siquiera veo en ella ninguna señal de infancia. Ese pasado tiene algo consumado y perfectamente definido, y respecto al cual no es posible ninguna engañifa”.

De esas luces y sombras vividas en su niñez nacería *El Amante*, que se basa en su propia historia de amor vivida en su adolescencia, en la Indochina francesa, novela que ha sobrevivido como un libro emblema de Francia, Marguerite Duras la escribió a los 70 años, después de una larga trayectoria. La novela publicada en 1984, ambientada en la Indochina de preguerra, es una historia narrada en primera persona, desesperada y erótica sobre el romance entre una adolescente francesa de 15 años, pobre y un hombre chino de 26 años, rico. La novela se convirtió en un best seller, y hasta hoy, es una de las obras más traducidas de Francia.

Ganó el Premio Goncourt en 1984 y fue traducida a 43 lenguas. La autora manifestó que era una novela autobiográfica por las conexiones con la vida real, sobre su relación con el hijo de un millonario chino que también existió en su vida personal, y cuya muerte, en 1990, propició que la

escritora volviera sobre este mismo texto para rehacerlo de un modo más literario y cinematográfico bajo el título "El amante de la China del Norte", para de paso protestar contra el guion adaptado que estaba escribiendo en ese entonces el realizador Jean-Jacques Annaud sobre el texto original, que fue llevado al cine por él con el título de El amante.

El amante chino de Duras se llamaba Lee Von Kim. Lee localizó a Marguerite en Francia después de muchos años, cuando ella ya era un personaje conocido. La autora indica que la llamó por teléfono y le dijo que aún la amaba. Asimismo, le contó que se convirtió en cristiano, se casó con la mujer con quien su padre había arreglado el matrimonio y formó una familia. Más tarde, cuando él murió, fue enterrado en la misma ciudad de Vietnam en la que Marguerite Duras lo conoció. En medio a las controversias generadas por sus obras Marguerite Duras escribió "Yo soy una escritora, no vale la pena decir nada más".



# Contos

Entre o céu e a Terra muito mais que os olhos percebem

Ariane de Medeiros Pereira  
Caicó/RN

A primavera se aproximava, mas ao redor da moradia tudo parecia igual; não havia acúmulos de alimentos, raízes ou frutas, apenas a nostalgia daqueles dias que transcorriam. A pequena moça olhava pela janela e sonhava com uma nova história. As incertezas caminhavam com aquela que não sabia se era o tanto ou quanto que estava a faltar. Mas, a incompletude de sua alma era um sintoma. Duvidava se existia um futuro no qual as folhas realmente caíam. Ainda não tinha presenciado tal fenômeno. Parecia que as folhagens eram indestrutíveis; rompiam com a lógica natural do bem querer.

Um pouco mais ao norte, presenciava um céu com tons azulado; parecia que naquela parte chovia. Eram as lágrimas das musas gregas que se acalentavam em seus dias de desventuras. Zeus chateado com toda aquela falação e choradeira resolveu demonstrar sua força. Da Terra somente se ouviu o trovão; o céu parecia que estava a se dividir. Nenhum pingo de chuva caiu ou seria que as lágrimas se emudeceram com o rojão?! Mas, quem vai saber? O fato é que, o Zeus fez sua vontade imperar. Por hora, ninguém mais viu gotículas tocar ao solo. As deusas estavam em assembleia. Todavia, o que Zeus não despertava era que as mulheres não se rendiam. Somente para contrariar o deus, fizeram a revolta da chuva. Evocaram as nuvens e essas choveram a noite inteira.

Zeus em seu trono descansava tranquilamente, quando, no outro dia, pela manhã, visualizou, por sua janela, um pasto verdejante. Sorriu e pensou: as lágrimas das deusas eram férteis as plantações. Irritante mesmo era apenas aos seus ouvidos. Consigo pensou: farei sempre chover quando os pastos estiverem próximo ao fim e quem sabe não deixe, vez por outra, as deusas irritadas para que esse verde esteja perene. Naquela parte norte nunca se viu o verde esgotar. Do outro lado, porém, chegou a primavera. A moça vivenciou o desnudo da vida em tons alaranjado e acinzentado. Não gostou do que viu e se pôs a reclamar; seu murmúrio foi tanto que as deusas despejaram suas lágrimas.

Zeus incomodado com aquele impasse, resolveu muito pronto determinar que na Terra não haveria cinza, apenas, o colorir da vida e dos amantes que teimavam em exalar a felicidade. As deusas gostaram do que ouviam da Terra e resolveram para lá se mudar. Agora, viviam sorridente sem vontade de chorar. Alcançaram a bonança naquelas terras a descansar. A moça por outro lado, se cansou de lá. Rumou a leste e foi desbravar novas histórias e outros despertar naturais ou sobrenaturais.



## NOITE DE SONHO

Numa noite fria, virando uma esquina de rua, um garotinho vendia balas para se manter. O frio estava intenso, as pessoas já não paravam quando ele chamava.

Cansado, sentou-se num degrau da escadaria da igreja. Ficou pensando como seria sua noite, já que dormia num pedaço de papelão.

Chega uma senhora, curvada pela idade. O menino confiou, ao olhar para seus olhos de amor, contou-lhe sua história. Ela o carregou levou-o para uma casa enorme. Ele se banhou, agasalhou-se e devorou um prato de comida. Quando foi levado para cama perguntou:

A senhora é Deus?

Ela sorriu, beijou-o, respondendo:

- Sou filha Dele.

Beth Iacomini

Seu João era um senhor adorável, tinha um físico atlético e muito saudável. Trabalhou até seus 62 anos na agricultura e morava na rua das Flores.

Naquele bairro pacato e silencioso, a rua em questão era o que tinha de mais animado. Todos da rua se conheciam, e seu João era o anfitrião e mediador de todos. Ele morava na casa 7, a primeira casa construída naquela rua.

Como muitos daqueles vizinhos eram idosos, dona Maria, da casa 9, acabou falecendo. “Morte súbita”. Como se alguém simplesmente tivesse desligado os órgãos dela, “Que Deus a tenha!”

Todos os vizinhos foram para o velório: dona Penha, seu Joaquim, até o senhor Levi, “ele não gostava de dona Maria”, e achava seu João muito estranho. Flores enfeitando tudo, boa música e muitas orações. Seu João fez um discurso lindo, emocionou a todos que estavam presentes.

-Todo esse bairro foi construído pelos meus pais, o que move essa rua é sangue, suor e lágrimas.

Alguns vizinhos acharam estranho, mas era só a maneira um pouco bruta de falar.

Algum tempo se passou e um novo vizinho chegou na vizinhança. Seu Marcos! O novo ocupante da casa 9 chegou movimentando tudo! No Jardim do seu João tinha umas flores lindas, mas existiam umas plantas diferentes que ele não deixava ninguém chegar perto. Seu Marcos, sujeito muito intrometido, vivia a bisbilhotar o seu João e não gostava nem um pouco dessas plantas.

Comidas incríveis, ervas medicinais, o homem mais prestativo que já morou ali. Seu Marcos conquistou quase todos, exceto seu João. Alguns dias depois, a dona Penha foi a óbito, causa da morte: mal súbito. Todos ficaram em choque. Era a segunda vez, em menos de seis meses, que alguém morria, coincidência ou não, era do mesmo jeito. Mais uma vez, um velório bonito e muito florido. Mas, desta vez, o aclamado a fazer um discurso foi o senhor Marcos. Foi um golpe muito forte para o bondoso e dedicado seu João. Se dedicara aquela rua desde que era somente pedras e plantas. Mas, ele sabia tudo de bom que tinha feito. Talvez, para se recuperar da decepção, ele só precisasse descansar e colocar a mente em ordem.

Dormiu! Sempre que ele ficava triste, ia para a plantação de milho descendo a rua, para lembrar dos velhos tempos. Acordou às 5:00 da manhã, vestiu sua roupa de trabalho e foi à luta.

Com a enxada no ombro caminhou mata adentro. No seu rosto, o suor escorria percorrendo todo o caminho até o pescoço. Descontou toda a sua raiva na enxada. Um golpe, depois outro, depois outro. Seus braços tremiam de tão intensos movimentos. Olhou atentamente suas mãos e viu o sangue escorrendo sobre os seus dedos, os calos estourados pedindo socorro.

Mais uma vez ele golpeia com a enxada. E de novo, e de novo. Até se ajoelhar no chão. As lágrimas jorravam de sua alma, e o reflexo nos seus óculos de grau era visceral.

-Como pude fazer uma coisa dessas?! Uma coisa é “marcgraii” que cultivo, mas isso é de um nível totalmente novo.

Pegou o corpo esquartejado do seu Marcos, e fez uma cova.

A pancada na cabeça deixou uma poça de sangue. Os braços desmontados como um boneco, e o doce senhor João, como o nome do filho amado do nosso Senhor Jesus Cristo, colocou espigas de milho por cima do corpo, fez uma longa oração e o enterrou. Ninguém jamais desconfiaria do velho bonzinho. Ninguém apontaria o homem mais amado da rua das Flores pudesse fazer mal a alguém. Tirou a camisa e com ela enxugou as lágrimas, limpou o sangue e o suor do seu corpo, fez um buraco na terra e a enterrou.

A curiosidade realmente matou o gato?!

No noticiário: “Corpo é encontrado aos pedaços em uma plantação de milhos. De acordo com a polícia local, os cachorros encontraram pelo menos mais 4 corpos na mesma situação. Apesar de uma morte visceral, a causa da morte de todos esses corpos foi: mal súbito. Encontraram no corpo de todas aquelas pessoas, uma substância química causada por envenenamento, uma erva chamada “marcgravii”, que traz ao corpo os mesmos sintomas de uma morte súbita.” Seu

João sendo entrevistado diz que jamais saberia quem fez isso, nunca viu em todos os seus 75 anos de idade algo tão desumano. Ele disse que fundou aquela rua com seus pais, tudo ali tinha sido criado com muito amor, carinho e dedicação. Ou como seus pais gostavam de dizer, com “Sangue, suor e lágrimas”.

Fez um culto muito bonito! Homenageou todos aqueles que partiram de forma tão brutal. Chorou! Todos ali ficaram muito comovidos com os sentimentos do idoso.

Ele conclui a sua oração com a reza do Pai nosso.

-“...Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido” ...

“... mas, livrai-nos do mal. Amém!

Pobre senhor João, tinha uma fé tão grande!

Camilly Souza Andrade, tem 29 anos, é da cidade de João Pessoa na Paraíba. Professora do ensino básico, Publicitária, Formada em letras na língua portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba. Contista, poeta e romancista, Camilly é apaixonada pela literatura em suas diversas facetas.

Trajada de preto, caminha triste pelos cantos. Penelope, a mais jovem da sua descendência e líder da terceira geração. Sua família carregava uma maldição por onde quer que fosse, a morte do companheiro! Lupita, como era carinhosamente lembrada, já nasceu com essa “predestinação”. Um dia, quando pequena, ela teve um sonho. Uma “aparição” conversou com ela, disse que ela teria que quebrar a maldição. A Penelope era quem seus ancestrais esperaram por uma vida inteira. Isso causou um choque muito forte, jamais tinha sentido o peso de tamanha responsabilidade. E assim foi crescendo, de uma jovem cheia de sonhos, a uma adulta cheia de preocupações.

Como todas da sua família, era uma excelente costureira. Através de seu alinhavo vinha o sustento e o alimento de todos. Uma por todas, todas por uma! Seus pontos eram os mais lindos e mais perfeitos, podia passar horas ou até dias inteiros costurando. A linha branca era o fio vermelho de seu destino, ela conectava tudo e todos à sua volta. Numa manhã ensolarada, ela sentiu uma inspiração diferente, e ao enlace das linhas, viu um jovem muito bonito passando.

- Oi, bela jovem! Que arte incrível você tem nas mãos.

- Obrigada! Disse Lupita.

Seu coração acelerou, seus olhos brilharam... foi amor à primeira vista!

Ulisses foi visitá-la e cortejá-la todos os dias daquele mês. E certo dia, enquanto ela finalizava os pontos, ele encostou suavemente em sua fina cintura e a beijou. Ela sentiu o veneno circular em seu corpo, mas fechou os olhos e se entregou ao momento. Foi único!

Teria ela arruinado mais uma geração?!

Carregava em suas costas o peso da maldição?!

Colocara Ulisses em risco?!

O jovem cheio do gosto do amor, anunciou que precisaria viajar. Ele iria passar uma semana fora. Penelope foi às lágrimas, logo agora que estava vivendo algo tão bonito e profundo, voltaria a alimentar-se da solidão que a persegue.

Não tinha nada que pudesse ser feito. Usou o dom ao seu favor. Com seu perfeito alinhavo, fez um lenço para enxugar suas lágrimas. Todos os dias ela sentava, chorava e esperava o seu amor voltar. Ela tinha que contar para ele sobre a maldição. Quando chegava a noite, estendia o seu lenço para que pudesse chorar com tranquilidade no dia seguinte. Visitada, e cortejada por inúmeros, não queria ninguém além do Ulisses.

Dias se passaram, então ele voltou. Os dois se beijaram apaixonadamente. O calor subia! Corpos suados, pelos arrepiados e então ela gritou:

-Para! Não posso fazer isso com você! Na minha família existe uma maldição, sempre que encontramos um companheiro, ele morre. Ainda não sei porquê, mas não quero colocar você em perigo.

-Deixa que eu escolho isso. Não acredito em maldições! Disse Ulisses.

E eles voltaram ao ninho de amor, até que no ápice da intimidade ele olhou para ela e chorou. Uma cena muito descritiva. Penelope nunca tinha ficado tão feliz, até que percebeu o sangue fluindo por todo o seu corpo em câmera lenta. Ulisses caía sem forças.

-Por favor, Lupita. Acabe com o meu sofrimento de uma vez por todas. Não suporto toda essa dor!

-Decepa-me, e prove que você me ama. Disse Ulisses.

Assim o fez! Entrelaçou suas linhas no corpo quase sem vida de seu companheiro, e pôs um fim em sua dor.

Parece que ela esqueceu o seu lugar! Embora não tenha hábitos canibalísticos, ou não fosse intenção dela arrancar os órgãos genitais do parceiro, depois do ato mais caloroso de amor. Matava-os! Mais uma vez a história se repetia.

E mais uma vez, era ela...

Viúva

Negra!

Camilly Souza Andrade, tem 29 anos, é da cidade de João Pessoa na Paraíba. Professora do ensino básico, Publicitária, Formada em letras na língua portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba.

Contista, poeta e romancista, Camilly é apaixonada pela literatura em suas diversas facetas.

Invariavelmente, ao longo de alguns anos, era ao acordar que ela mais sentia a tristeza tomando conta de seu corpo e seus pensamentos. Abrir os olhos e ser golpeada pela luz forte que entrava pela janela trazia à sua memória a iluminação da sala de parto. Ali deitada, o que mais a incomodava não era a dor e sim a forte claridade que incidia sobre ela, quase cegando-a com tanta luz artificial. Não conseguia manter os olhos abertos por mais que alguns instantes e via-se obrigada a piscar insistentemente. No decorrer dos últimos anos ela acreditou que esse foi um dos motivos, se não o principal, que a fez esquecer, ou encobrir, as dores do parto em si. Mais do que contrações tendo origem em seu útero, passando por abdômen e percorrendo suas costas, quadril e coxas como um novelo de linha sendo desenrolado lentamente, foi nas luzes que ela se concentrou. Sem querer, sem saber o porquê, sem entender a razão, desconhecendo os motivos e apenas olhando para o teto foi que ela de maneira inconsciente desviou a atenção do que acontecia com seu corpo e a concentrou em sua mente. Seus pensamentos então a guiaram em direção a um passado bastante recente. Sua lembrança das aulas de português, com o professor lendo uma história que falava de um jovem que podia voar. Enquanto lia o professor fazia comentários empolgados, dizia que as asas de cera e penas feitas pelo pai do jovem eram uma metáfora para o poder da liberdade. Um poder tênue e fugaz (palavras difíceis e que o professor rabiscava no quadro enquanto explicava seus sentidos, algo que pode ser fraco – o primeiro - ou passageiro – o segundo - como a vida, ele arrematava e sorria). Então prosseguia dizendo que assim também era com a juventude, algo que passa, e passa rápido e de maneira intensa, sendo também fugaz. Comentava que a mocidade é marcada muitas vezes pela ingenuidade e por isso o jovem se sentiu um tipo de deus, não obedeceu aos conselhos dados pelo pai e, ao voar perto demais do sol com suas asas de cera, teve um castigo e que esse era um tipo de lição, pois é preciso sabermos lidar com as liberdades, com os poderes que temos. Deitada na sala de parto era nisso que ela pensava ao lembrar do pai do seu filho, sentiu que a luz que aos poucos embaçava sua visão era também fugaz, que entre o dia e a noite, a vida e a morte, há algo de tênue. Então teve medo, receou que a criança nascesse morta, pensou em chorar mas sentiu uma pontada forte, algo como um chute, o último dado por ele em sua barriga, então a sala foi invadida por um som agudo, forte, estridente, era seu filho, ele que chorava, que dizia “oi” ao mundo em sua língua ainda incompreensível, ele que, a seu modo, dizia “oi” para sua mãe, era ele nos braços da médica, próximo da luz e que chegava aos seus braços, sujo de sangue, gritando, a espernear, entre a luz do teto e seus olhos ela o viu, ainda sombra, ainda vulto, ainda informe, ainda som, ainda um ente sem nome e foi assim, próximo da luz a se debater feito Ícaro ao redor do sol, que enfim ela enxergou integralmente ele, seu filho, seu bebê, seu Ícaro, seu pequeno deus tênue e fugaz.

Tinha apenas dezesseis anos quando se tornou mãe. No princípio tudo era muito difícil, não sabia ao certo como agir, pensava que fosse possível ser guiada por algo como um instinto, o famoso instinto materno, só que isso não funcionava com ela. Pedia ajuda constantemente para a própria mãe, o problema é que esta era ocupada, saía de segunda a sábado para trabalhar e o máximo que podia era auxiliá-la à noite. Passava então os dias sozinha com o filho e isso, de início, a sufocava, lentamente as horas iam depositando sobre ela um peso atroz, sentia um esgotamento como nunca antes sentira. Pensava que não conseguiria aguentar por muito mais tempo antes de surtar mas aguentou. Aos poucos foi descobrindo em si mesma formas de lidar com o filho, com a rotina, com a sobrevivência (sua e dele).

Decidiu retomar as visitas ao candomblé, que costumava frequentar com a mãe na infância, e de onde vinha se afastando desde o início da adolescência. Sentia-se em falta consigo mesma e procurou reparar esse desvio com mais compromisso. Ouvia atentamente os conselhos de sua mãe de santo e, procurando novamente se conectar com sua orixá, Ewá, listou três potencialidades que possuía e que buscava expandir, por isso manteve os estudos de casa no decorrer da licença maternidade, entregando pontualmente as avaliações na escola. Aproveitou o curto tempo livre entre um sono e outro do bebê e fez um curso online, aprendendo técnicas de fotografia, algo que era um desejo antigo e que no entanto era sempre jogado para depois, como se houvesse sempre mais e mais tempo disponível, afinal, ela era jovem e a vida longa. Decidiu

também que não permitiria que seu filho tivesse o mesmo destino de tantos jovens do bairro e que por ele lutaria vigorosamente.

A chegada do pequeno Ícaro acarretou algumas transformações em seu íntimo e, a partir de então, sua forma de olhar e, principalmente, de ver o mundo foi, gradativamente, sendo alterada. O que antes era prioridade agora pouco lhe interessava, acreditava que era preciso mudar, pois sendo mãe havia a partir de agora um outro ser que dependia dela e, ao contrário do que pensava antes, ela era a principal responsável pelo próprio destino e cada vez mais tinha certeza de que tomar as decisões sobre a própria vida se tornaria uma constante e isso lhe parecia irreversível.

Ícaro foi crescendo saudável, um menino um pouco impaciente mas bastante carinhoso e que dificilmente ficava doente. Ela acreditava que a falta de uma referência masculina na vida do menino poderia ser a causa da sua irritabilidade, já que mãe e avó, talvez por medo de frustrar ainda mais a criança, de tirar dela o pouco que possuía, acabavam se deixando levar por um sentimento de condescendência e, dessa forma, permitiam que ele exercesse, algumas vezes, sua vontade sobre a delas. O problema surgia quando essas vontades lhe eram negadas, ocasionando assim pirraças intensas, que por vezes surtiam efeitos imprevisíveis, como uma tv quebrada por um tênis arremessado e o vidro trincado de uma janela. Essas ações um tanto destemperadas e até mesmo violentas do menino ligavam um sinal de alerta na mãe, já que traziam à sua memória lembranças do pai do jovem que ela tentava manter soterradas.

Ícaro não conheceu o pai e às vezes demonstrava certa curiosidade sobre isso, fazendo perguntas. Porém a mãe não abria espaço para esse tipo de diálogo, dizia apenas que o pai dele havia morrido e botava um ponto final na conversa. O que ela não contava era a causa da morte e muito menos a forma como essa se deu. O pai de Ícaro, era um rapaz trabalhador, que frequentava a igreja e não tinha vícios mas que, após o falecimento da mãe, resolveu mudar radicalmente de vida e entrar para o tráfico. Foi um pouco antes dessa guinada que ela engravidou. Depois da mudança que o acometeu ela ainda tentou convencê-lo a voltar à antiga vida. Sem sucesso. Ele se dizia frustrado e enraivecido com tudo que vinha acontecendo, culpava-se por não ter podido ajudar a mãe, se sentia explorado mas não vítima e queria viver de forma diferente agora, pois seguir o caminho justo e reto pregado pelos pastores não foi capaz de ajudá-lo a manter sua mãe viva,

— De que adiantou trabalhar tantodesde os doze anos se nem consegui comprar os remédios que ela tanto precisava? Ele indagava num misto de raiva e melancolia que doía fundo nela. Concordava em parte com os argumentos mas sabia que a escolha dele não era a melhor e, ao saber-se grávida, teve ainda mais medo de onde todo aquele rancor o levaria.

Separaram-se alguns meses após a descoberta da gravidez e poucas semanas depois, num confronto com a polícia, ele foi morto. Ela estava com sete meses. Mesmo tomada por tristeza e indignação decidiu que seu filho não teria uma vida igual a sua, marcada por privações, mágoas e frustrações. Decidiu que finalizaria o curso de fotografia e assim o fez. Quando Ícaro, aos sete anos, pediu para treinar futebol num clube do bairro ela não só o matriculou como se tornou sua primeira e principal incentivadora. Anos depois, numa das primeiras entrevistas dadas por ele já como atleta profissional, foi a ela que dedicou o título conquistado:

— Esse título é para a minha mãe, minha Ewá, aquela que sempre esteve ao meu lado e que, mesmo nos piores momentos, parecia enxergar meu futuro, não me deixando desistir e me fazendo acreditar que coisas boas estavam esperando por mim. Mãe, eu te amo, é nosso!!

Então erguia o troféu, que era iluminado pela luz do sol, e sorria feliz para a câmera.

**BIOGRAFIA:** Meu nome é Carlos Henrique, tenho 42 anos, sou casado com a Katerine, professor e acredito que a literatura (e a leitura) podem, de certa forma, mudar o mundo à medida em que mudam individualmente cada indivíduo e o seu mundo particular, já que o texto pode nos “abrir” os olhos, tirar a venda da ignorância que nos aliena. Vascaíno, gosto de correr e cuidar das minhas plantas e pretendo ser pai esse ano.

O Sr. Abismo.

Dandara Dias de Oliveira.

Biografia:

Mulher, negra, filha de lavradores, professora, historiadora, escritora, produtora cultural. Ativista pelas causas raciais e na luta pelo oprimido.

Somos moldados pelos nossos impulsos e curiosidades, principalmente, na constante busca da nossa verdade. Até o momento que nos encontramos só e passamos a desconfiar de tudo.

Mesmo pensando nunca ser atingida pela descrença, a dúvida e desconfiança acompanha os nossos dias. E elas nos fazem ir, sentir coisas inesquecíveis. Como a solidão, que de repente se aproxima de nós, sem percebermos e somos tomados pelo pior sentimento possível.

Ficar sozinho é uma das poucas certezas que temos na vida, independente da quantidade de amigos ou familiares, um momento de nossas vidas estaremos só. Apesar dessa certeza, lutamos todos os dias para não chegarmos a esse ponto. Pois acreditamos que estar só é encontrar-se no fundo de um poço.

Em um determinado momento da minha vida conheci o Sr. Abismo. Ele era tímido, não gostava de transmitir seu verdadeiro ser. Escondia-se na escuridão, oculta em seu íntimo, tão profundo que mal conseguia enxergar.

Uma parte de mim se identificou com ele, percebi nele um pouco do que eu sentia. Sua frieza, seu silêncio completou minha vida, sufocada e reprimida. Que como no abismo, em que o único som que ecoa são dos gritos de desespero e socorro que se perdia na escuridão, não chegando à superfície, me sentia assim.

Com o passar do tempo e adquirindo maior intimidade com o Sr. Abismo, percebi que como eu, ele se acomodou na permanência no estado em que se encontrava. E nada fazia para se descobrir. Foi quando por um instante cogitei conhecer a fundo o abismo. A curiosidade se uniu à minha descrença na vida e pensei em mergulhar na sua profundidade. E nesse momento conheci a Solicitudade, eu tola, cheguei a pensar ser a mesma coisa que a solidão, até entender que não era.

Por muito tempo pensei estar só, esqueci até mesmo de minha própria companhia. E quando encontrei a minha certeza, fiz questão de banir o Sr. Abismo de dentro de mim.

Hoje eu sei que aquele estado em que cheguei, eu quem permitiu. Continuo pensando que ninguém pode enxergar por mim. Mas tenho certeza que pode me apresentar o caminho para fora do abismo.



## Acabou o Carnaval

O último tamborim silenciou e as plumas coloridas se recolheram. O Carnaval, com toda a sua efervescência e alegria, chegou ao fim. Nas ruas, os confetes e serpentinas formam um mosaico de memórias, enquanto os foliões se despedem com saudade e cansaço.

As ruas, que antes eram palco de danças desenfreadas e risadas contagiantes, agora estão vazias. Os blocos de samba, que ecoavam seus acordes pelas esquinas, descansam em suas caixas de som. Os sorrisos, as fantasias extravagantes e os abraços apertados se dissolvem na brisa quente do pós-festa.

No entanto, há algo de mágico no fim do Carnaval. É como se o tempo parasse por um instante, permitindo que todos respirem fundo e reflitam sobre os dias de folia. As lembranças se misturam: o beijo roubado no meio da multidão, o cheiro de churrasco nas barraquinhas, os pés cansados de tanto sambar.

As cinzas da quarta-feira de cinzas trazem consigo uma melancolia suave. Os corações ainda batem no ritmo da bateria, mas agora com um toque de nostalgia. Os amores de Carnaval, tão intensos e fugazes, se transformam em histórias para contar aos netos.

E assim, enquanto os carros alegóricos são desmontados e os adereços são guardados nas caixas, a cidade se despede do Carnaval. Mas não por muito tempo. Porque, como dizem os sambistas, "a vida é um eterno Carnaval". E, no próximo ano, as ruas voltarão a se encher de cores, ritmo e alegria, como se o tempo nunca tivesse passado.

Até lá, guardemos nossas fantasias no fundo do armário, mas deixemos o coração aberto para novas danças, novos amores e novas histórias. Afinal, o Carnaval pode ter acabado, mas a festa da vida continua.

Daniel Bezerra

## No Domingo de Carnaval

O sol despertou com um sorriso dourado, pintando o céu de azul e amarelo. As ruas estavam agitadas, como se a própria cidade dançasse ao som dos tambores e das risadas. Era domingo de Carnaval e a alegria se espalhava como confete pelo ar.

As pessoas se vestiam com fantasias extravagantes: sereias, piratas, palhaços e até mesmo unicórnios. Os rostos pintados com cores vibrantes, os olhos brilhando de excitação. Crianças corriam pelas calçadas, segurando serpentinas e balões coloridos. Os adultos, não querendo ficar para trás, se juntavam aos blocos de rua, dançando e cantando como se não houvesse amanhã.

As marchinhas ecoavam pelas esquinas, convidando todos a se entregarem à folia. Os carros alegóricos passavam lentamente, exibindo suas esculturas gigantes e seus enredos criativos. As baianas, com suas saias rodadas e turbantes coloridos, distribuía acarajés e sorrisos para quem passasse.

Na praça central, um palco improvisado abrigava bandas locais. O som do frevo, do samba e do maracatu se misturava, criando uma sinfonia única. As pessoas dançavam, pulavam e se abraçavam, celebrando a vida e a liberdade.

Era um domingo de Carnaval como nenhum outro. As preocupações cotidianas ficaram para trás, e todos se permitiram ser um pouco mais felizes. Os problemas se dissolveram na multidão, e o que restou foi a energia contagiante da festa.

À noite, quando as estrelas começaram a pontilhar o céu, os foliões se despediram com abraços apertados e promessas de reencontro no próximo ano. As ruas, antes tão cheias, agora estavam vazias, mas o espírito do Carnaval permanecia no ar.

E assim, no Domingo de Carnaval, a cidade se transformou em um mundo mágico, onde a fantasia se tornou realidade e a alegria se espalhou como confete pelo coração de todos.

Daniel Bezerra

Dr. Eisner olhava para aquele enorme volume de água caindo enquanto pilotava seu dirigível, lamentando não poder dar tanta atenção àquela maravilha da natureza quanto passara anos planejando dar. Era ainda jovem quando soube de expedições àquele lugar. Os aventureiros que lá iam diziam que não havia qualquer comparação a ser feita com as tão famosas cataratas do Niágara, que as cachoeiras sul-americanas estavam em um nível muito acima. A curiosidade permaneceu por muito tempo adormecida, até em 1921 ver pela primeira vez o quadro do pintor uruguaio Pedro Blanes Viale. Na época já tinha 60 anos, mas a pintura reacendeu seus sonhos de juventude de conhecer aquele lugar. Estava já se aposentando como engenheiro, mas decidiu que ir lá por conta própria seria sua última aventura.

Passou dezoito anos juntando recursos para construir um pequeno dirigível que o levasse da Europa à América do Sul, servindo de segunda casa durante o percurso. Tímido, não buscou qualquer patrocínio político ou jornalístico: era um projeto inteiramente independente. Iria só ele e suas duas netas, agora já jovens moças, explorar a copa da floresta brasileira, prestes a se tornar um parque nacional, e aquelas gigantescas cachoeiras. E então...

- Pouse aqui. – Disse secamente Arnold, já de carabina na mão. Arnold, Jörg, Vincenz, Daniel e Samuel. Membros da resistência antifascista. Havia roubado planos de Hitler para a construção de uma arma que eles descreviam apenas como “mais poderosa que qualquer coisa que seus adversários no momento possuam”. Uma nova guerra na Europa era iminente, e com essa arma, eles diziam, ela seria bem mais curta que a anterior.

Dr. Eisner estava longe de apoiar Hitler – o sangue em suas veias o obrigava a tal –, mas ser obrigado a levar aqueles passageiros clandestinos era a última coisa que queria. E daí que precisavam entregar os planos a um contato na América do Sul? E daí que seu dirigível, por ser uma empreitada independente, era o único meio de transporte que não teria polícia procurando-os? Justamente por ser independente, ele não queria levar ninguém consigo além de suas netas... Que estavam se tornando mais próximas daqueles homens do que ele gostaria. Certo, eles eram surpreendentemente educados e em nenhum momento fizeram qualquer coisa que se esperaria que fizessem, mas ainda assim! Algo na timidez do Dr. Eisner o fazia não gostar de ver suas netas envolvidas com homens que arriscavam a vida por questões políticas.

Conforme o pequeno dirigível descia até uma clareira natural no meio da floresta, Dr. Eisner sentia-se pelo menos aliviado que aquele sufoco estava no fim. Levar oito passageiros ao invés de três exigiu o máximo da máquina, sem falar que tirou todo o conforto que o engenheiro havia planejado para a viagem: foram dias vivendo apertado, e toda a comida que ele havia trazido consigo pensando em belos jantares tivera que ser racionada. Mas estava orgulhoso do que construía: apesar da sobrecarga, em nenhum momento falhara.

Assim que pousaram, a porta foi aberta e os cinco jovens armados saíram. Jörg, sua própria carabina a tiracolo, segurava um mapa e uma bússola. Vincenz e Daniel se ocupavam com um sistema portátil de sinalização por rádio – “uma novidade canadense”, como Vincenz orgulhosamente descrevia a engenhoca. Samuel andava de um lado ao outro, inspecionando.

- É melhor você e as moças ficarem dentro. – Arnold disse ao Dr. Eisner ao sair – Estamos tentando entrar em contato com nossos aliados aqui no Brasil, mas de um jeito ou de outro vai ser perigoso e há uma chance de vocês terem que partir rápido. Se algo tiver dado errado, em breve estaremos cercados pelos soldados de Vargas, e aí será feio. Mas mesmo que isso não aconteça, este é um pedaço de floresta quase intocado, pode haver onças. E se eles tiverem conseguido cortar a energia do parque... Estaremos sozinhos.

Assim que Arnold terminou de falar, ouviu-se o grito de Samuel, que em sua inspeção havia adentrado a floresta. Olharam em volta, porém nenhum sinal dele. Acharam então que

viram algo se movendo, e Arnold e Jörg atiraram. Se acertaram, porém, não emitiu qualquer som.

- Para dentro! Para dentro! – Gritou Arnold, e todos correram de volta ao dirigível. Dr. Eisner ligou os motores. Jörg, porém, recusou-se a entrar.

- Olhei no mapa a viagem inteira, só pode ser nesta clareira o ponto de encontro! Temos que permanecer aqui!

- Se permanecermos aqui, a gente morre! – Retrucou Samuel.

- Podem ir, mas eu fico! Alguém tem que ficar!

- Te daremos cobertura aérea! – Disse Arnold. Como líder daquele pequeno grupo de resistência, ele era o mais pragmático.

- Vocês vão então só ficar olhando-o de cima? – Perguntou incrédula a neta mais velha do Dr. Eisner. Ele já a notara conversando bastante com Jörg.

- É só o que podemos fazer. – Respondeu Arnold.

- Com uma floresta fechada dessas, é igual a nada. É preciso alguém vigiando as costas dele. – Dizendo isso, pulou para fora do dirigível, segurando uma carabina. Incrédulos, todos olharam uns para os outros, até perceberem que a arma de Arnold havia sumido.

- Como você pegou essa arma?! – Dr. Eisner perguntou à neta – E por acaso você sabe atirar esse negócio?!

- Ah, vovô, tem muitas coisas que você ainda não sabe sobre mim. – Ela sorriu, e com sua roupa de aviadora, chapéu e carabina na mão, parecia uma estrela de cinesseriado. E com isso, foi esconder-se na floresta próxima à clareira com Jörg, esperando pelo tão ansiado contato.

Foi apenas após algumas horas suspensos no ar que Vincenz e Samuel, que ainda mexiam no sistema de sinalização, chamaram Arnold para um canto, com expressões preocupadas. Entregaram-lhe o fone do aparelho e o líder ficou ouvindo, e conforme ouvia sua expressão também ficava preocupada:

- Dr. Eisner, creio que sua neta cometeu um grave erro. – Ele disse, e o velho engenheiro tentou manter a calma – Pelo que acabamos de ouvir, nossos contatos querem nossos planos... Mas não fazem questão de estarmos vivos. Não há nada que possamos fazer por ela e por Jörg, e vamos apenas torcer que consigam sobreviver. Quanto a nós, temos que sair daqui, não é difícil ver seu dirigível. Vá em direção às cataratas, nos esconderemos lá durante a noite, e torça para que aqueles dois malucos percebam o perigo que correm e tenham a mesma ideia que nós.

Seu tom de voz pragmático obrigou Dr. Eisner a controlar o pânico e obedecer às ordens. Foi uma noite difícil: não bastasse a preocupação para impedi-lo de dormir, o rugido das cataratas era ensurdecedor. Era difícil sequer ouvir os próprios pensamentos... Embora talvez isso fosse algo bom.

Assim que amanheceu, tiveram que levantar voo. Evitando chorar, Dr. Eisner fez o dirigível subir, subir, subir... E então de repente, da floresta, apareceram Jörg e sua neta. Sujos, roupas rasgadas, mas nenhum ferimento grave. Acenavam. E em meio àquela exuberância de água das cataratas, Dr. Eisner não pôde negar que era a visão mais maravilhosa de sua vida.

David Ehrlich nasceu na Alemanha, e desde os três anos de idade vive em Curitiba. Amante dos livros e leitor voraz, desde a infância tem como passatempo predileto a leitura, e atualmente dedica-se à escrita.

Baobá

Evandro Valentim de Melo

Cursar medicina exigiu-lhe sacrifícios, contudo, era seu ideal,sonho desde que nem era gente ainda, e “sonhos não envelhecem”. Assim, ao final de oito anos, um novo médicodaria adeus à universidade.

Encerradas as celebrações pela conquista do tão almejado diploma, certa manhã, decidiu passear uma última vez, agora mais leve, sem estresse, pelo habitat em que vivera por tanto tempo.

Enquanto perambulava pelo campus, ouviu o canto de aves diversas, algo que jamais havia percebido.Aproximou-se de um local rico de vegetação. Uma placa informava que aquela mistura de floresta, pomar e jardim se encontrava em processo de recuperação. “Deve ter sido bonito isso aqui” – pensou ele.

Em meio á vegetação havia um banco razoavelmente protegido dos raios solares. Sentou-se arrodado de bons fluidos e desatarraxou a tampa da garrafa de água mineral. Matutava e sorria: “foi tanto esforço para concluir meu curso... Não à toa chamam universidade de academia”.

Adentrou a mata e percebeu um exemplar arbóreo diferenciado da flora ali predominante, de arbustos e árvores tortas de seu amado Cerrado. Conhecia-o de revistas folheadas há muitos anos. Descortinado e sob a luz do astro-rei, diante dele, apresentou-seum belo epotencialmente majestoso baobá; ainda adolescente. Deve ter sido trazido e plantado por alguém que viu outros similares e muito maiores em algum lugar da África.

O jovem médico se deixou conduzir, como semente ao vento, para um local bem distante de seu momento atual; viu-se aos nove anos, a rasgar o papel que embrulhava uma grande caixa. Reviveu a imensa alegria ao constatar um brinquedo que muito desejava, o nome eraÁfrica Misteriosa, o melhor presente de natal, de toda a vida. Quantas tramasviveu com os pequenos guerreiros de plástico, durante seus verdes anos!Aventurasque a criatividade ilimitada de uma criança tão bem elabora.

A seu modo,em silêncio, o baobá sugeriu-lhe o que fazer:voar sobre o Atlântico; aterrissar em Kinshasa esomar esforços aos médicos sem fronteiras, abnegados seres que tratam crianças que carregam em si o vírus da aids.

Agora, é ele próprio um dos guerreiros, na verdadeira, sofrida e misteriosa África, paradoxalmente cheia de encantos, queaos poucos descobre.

Em sua “aldeia”, gentes de variadascorres e múltiplos idiomas. Além das exigências do novo trabalho, lida com e acolhe a diversidade, cultiva as semelhanças, pois essas auxiliam na criação de vínculos e aproximam as pessoas.

Cercado por intermináveisdesafios, sabe que trava o bom combate. Quer fazer a diferença, assim como os demais colegas, cada uma e cada um vindos de“tribos”distintas para esta,multicolor, multirracial; pessoas que se encontram tãolonge de seus lares de outrora, de suas origens.

Ao final de mais um dia de labor intensivo, ele olha ao redor. Outros profissionais, tanto quanto ele, exaustos, suados – calor demais! -, mas a exalar a fragrância do orgulho, por integrar esse grupo tão especial e essencial ao Planeta Terra, para torná-lo um mundo melhor.

=====

Minibio:

Evandro é escritor brasileiro e agitador cultural. Idealizador e organizador do Concurso Literário Beleza e Simplicidade em Contos e Crônicas, com edição anual, desde 2019. Tem 12 livros publicados. O mais recente, Boiúna (Tagore, 2023) obra infantojuvenil, convida o leitor à reflexão sobre o flagelo yanomami pelo garimpo ilegal.

## A mulher e o saber

A mulher sonhadora que acredita na bondade com a vontade de entender os acontecimentos investiga a realidade. Para conhecer a verdade foi buscar a sabedoria dentro de si mesma. A mulher começou analisar os seus sentimentos e atitudes e observou o seu pensamento na atividade do saber de si. Essa mulher foi procurar o conhecimento no seu interior para compreender-se por inteira. Para então seguir no processo de conhecimento sobre o que estava no seu exterior. A mulher é batalhadora para alcançar os objetivos. Ela defende o bem, ela é persistente e honesta. A mulher valoriza críticas construtiva em que poderá formular argumentos e questionamentos que possam alcançar mudanças com o novo saber. Mas, ela não gosta de críticas superficial que avaliam somente a aparência sem conhecer a sua essência. Ela é julgada por ser solteira, mas ela já viveu um amor. Ela é julgada por não ser mãe, mas é filha conhece o cuidado e a preocupação de mãe, ela se encanta com o sorriso de criança e sente esse riso de criança na sua alma. Porque foi menina carinhosa que adorava um olhar de atenção e no coração a alegria de brincar na natureza. Ela é mulher inteligente, mas não entende por que há tantos julgamentos desnecessários, talvez seja falta de conhecimento. Quando questionada quem te quer? Então ela falou: “a vida” porque eu posso ser e não ser, eu quem tenho a capacidade de percepção da realidade a consciência desse querer externo a mim e em mim sentir o querer da vida. Às vezes a mulher é reconhecida por categorias que atribuem a ela, mas o que não conhecem é simplesmente o ser mulher.

(Francineide Araújo de Medeiros)

O costume repentino por tomar café ninguém nunca soube me explicar, Paulo iniciou após seis meses de casado, não era hábito de Cecília. Primeiro nos dias frios, depois pelas manhãs e aos poucos passou a ser inserido nas tardes. Há muitos anos, não importava mais se fazia frio ou calor, desde que o Sol estivesse repousando sua luz morna sobre as rosas murchas do jardim, qualquer momento era o de abrir a garrafa, encher a caneca até a boca, sentar olhando fixo para lugar algum e tomar, aos poucos, com o prazer e a seriedade de quem soubesse ser o último gole.

Muitas coisas permanecem por anos sem explicações, e outras a vida cessa primeiro que a elucidação. Talvez seja mais fácil entender o porquê as rosas murcham e o Sol se põe, do que compreender por qual motivo as canecas quebram, os cafés esfriam, os amores se tornam ex-amores. Difícil, também, compreender por qual motivo Paulo, homem de profunda simplicidade, se apegou no primeiro ano de casado à palavra “palato”, desde que ouviu pelo rádio nunca mais deixou de pronunciá-la. Pude entender, recentemente, quando o próprio me explicou que palato é palavra perfeita: a única que enquanto se diz a língua toca o que pronuncia. Ouvi de sua boca que “palato” possui sonoridade forte como o nome Paulo, não gostava de chamar “palato” de “céu da boca”, palavra frágil, airada, som de vento entre os dentes. “Céu da boca” se dissolve em vento feito “Cecília”.

O que não se dissolve são as canecas. Nunca presenciei uma que se dissolvesse por uso, a vida útil se encerra quando quebra: por um descuido a caneca que existia passa a não existir. Cecília bem que se esforçou para que durasse. O casal possuía duas canecas brancas que resistiam ao tempo, presentes de casamento que assistiram o que ocorria entre quatro paredes das bodas de beijinhos às bodas de pérola.

O primeiro trinco foi inesperado. Por volta das sete horas da manhã, Paulo sentou-se à mesa, encheu a caneca e, por eternos minutos, permaneceu com olhar pensativo pousado em uma formiga imóvel sobre o azulejo. Após o último gole bateu com força o recipiente sobre a mesa, uma pequena lasca de cerâmica foi arremessada ao chão. À tarde, Cecília, cuidadosamente, pegou a partezinha que havia guardado e colou, e com seus dedos habilidosos segurou pacientemente em forma de pinça, esperando que secasse. Estava muito mais apresentável se comparado ao momento do ocorrido, mas o contorno da lasca ficaria, enquanto a caneca existisse, sinalizando a pancada. “Paulo, para se ter uma bela caneca é melhor prevenir que remediar”.

Primeiro as lascas que exigiam cola, depois pedaços que necessitavam cola e uma pequena porção de massa acrílica, era minucioso o processo de tirar o excesso e fazer, com a ponta dos dedos, o acabamento até deixar o mais discreto possível os sulcos das rachaduras. “Paulo, por mais que concerte uma caneca quebrada não é mais a mesma caneca” – sempre, entre um conserto e outro, Cecília dizia algo com voz paciente.

Desta forma, desenrolaram-se os anos: os pequenos desentendimentos, as batidas na mesa, os cacos por sobre o chão, Cecília os guardando, posteriormente colando, esperando secar, escondendo o quanto podia as rachaduras com massa acrílica e devolvendo a caneca ao armário.

“Paulo, por quantas rachaduras uma caneca consegue passar?” – até ontem parecia uma colcha de retalhos.

Lembro-me agora do dia em que cheguei sem avisar e encontrei Cecília no quintal esperando que a cola fizesse o seu trabalho. Tentei conversar, mas tudo o que eu dissesse, naquela tarde, retornaria para o tema caneca, me dei por vencido. Lembro-me de suas palavras: “uma caneca por mais que conserte, nunca terá a mesma aparência, é tapar o sol com a peneira”. Em seguida, com a mão direita, pegou a que lhe pertencia, apenas com marcas causadas pelo uso, e, com a mão esquerda, segurou a de Paulo. Por longos minutos de silêncio, comparou-as lado a lado. Alisou, vagarosamente, com o dedo polegar as alças presas por cola e deformadas pela massa acrílica, deslizou o dedo por sobre os cacos colados encostados a outros cacos, parecia terra em período de estiagem. Ergueu um pouco a mão direita sem tirar o olho do objeto “repare que linda, foi esta que alguém olhou e se apaixonou frente a vitrine de uma loja, embrulhou pra presente...”

Um dia antes do ocorrido que vou relatar, consertou pensativa gastando mais tempo que o habitual. Naquela noite não devolveu ao armário, como de costume, mas pôs, cautelosamente, na mão de Paulo que estava sentado na cama minutos antes do sonolhos fechar os olhos, disse triste e pacientemente “Paulo, quando o assunto é amor, cuidado com o andor que o santo é de barro”. Foi se

deitar. Paulo, deixou a caneca sobre o móvel ao lado da cama.

Era manhã de um domingo airado, vento matutino. Duas pequenas nuvens frágeis no azul celeste. Cecília não dormia na cama. A porta que dá acesso a parte externa da casa apenas encostada, portão sem cadeado. Preso nos cômodos apenas o cheiro de café. Ela descia pela rua sentindo a respiração passando por entre os dentes, estava com o gosto do café no céu da boca, quanto mais caminhavamais a sua imagem se dissolvia ao longe da rua reta. Paulo tateou os óculos, alinhou-o na face. Sentou-se na cama ainda sonolento, alisou com a língua o palato. Segurou a alça da caneca branca retalhada, tocou em um pequeno bilhete: “vão-se as alianças e ficam os dedos”.

Guilherme Fischer



Essa é a história de um homem que não queria filhos

Ítalo Rafael Lima Dourado

Essa é a história de um homem que não queria filhos. Ser pai, para ele, não era um assunto que estava entre os melhores a ser conversado. Ora.. O que ele podia fazer? Seus amigos e sua esposa não entendiam o motivo, já que em sua vida, o homem, teve ótimos pais, especialmente, uma mãe fantástica. Acredite ou não acredite. Arriscaremos aqui a dizer que realmente ele foi filho da melhor mãe do mundo. Ora... O que ambos podiam fazer?

Até que um dia, uma nuvem que flutuava perto da sua casa, ouviu durante a madrugada o silêncio protegendo o som das lágrimas da esposa do homem que não queria filhos, e resolveu escapar um pouco do céu para ajudá-la. Ambos, naquele momento, queriam afastar para bem longe do possível essa tristeza. Porém, na descida a nuvenzinha esqueceu que era medrosa e que nunca havia saído de casa para tão longe assim. Ela já tinha lido bastante histórias de desbravadores e suas aventuras cheias de dificuldades. Ela era fã de Crusoé, e às vezes se assombrava com histórias de ficção científica, as quais continham naves gigantes de E.T apavorando cidades inteiras. No entanto, ela se questionou - Como podemos ajudar quando somos apenas uma nuvenzinha? Mas nada parecia surpreender ou afrontar tanto assim essa coisinha que desliza, então a nuvenzinha deu um nome ao seu medo - bolso furado - título que lhe pareceu boboca e engraçado. Assim, se controlou e continuou a sua descida, que afinal de contas, era por uma boa causa. No percurso, quando percebia que estava ganhando terreno, ficando mais próxima, ela imaginava mil coisas mirabolantes, desde monstros a perseguindo, que pareciam andar atrás dela a mortos-vivos, esperando-a com aqueles olhos vítreos. Novamente ela lembrava de um bolso furado e começava a sorrir para si mesmo, dando a si a confiança que o seu propósito precisava.

Finalmente a nuvenzinha chegou à janela da esposa. Primeiro, ela quis conversar com a mulher, acalmar suas aflições, contudo, repensou melhor, seu alvo não deveria ser ela, mas sim o homem que não queria filhos. Amanheceu ali mesmo, encostada à janela da fachada, e quando o homem abriu a porta para ir trabalhar, a nuvenzinha o deteve com uma conversa:

Por que você não quer filhos, caro senhor? Ela foi enfática!

Como assim? Nuvens podem descer do céu? Meio confuso.

Não mude de assunto. Por que você não quer filhos? Tem medo?

O homem então baixou os olhos, rolou de um lado para o outro, pensativo ele disse:

Tenho. Respondeu simplesmente.

Eu também tenho medo. Disse nossa amiga, a pequena nuvem. E continuou - Eu não queria estar aqui. Tive medo de descer do céu e as crianças caçoarem de mim já que eu sempre corro atrás de uma delas que se vira, e rir por eu nunca conseguir alcançá-las. Ainda assim, estou aqui, firme e forte!

Não parece tão firme assim, respondeu sorrindo de canto, o homem que não queria filhos, ao notar os olhos insones da nossa heroína.

Olhe. Eu sei muito sobre você. Você teve a melhor mãe do mundo. Se quiser, também daria um melhor pai do mundo para uma criança. Ainda que ela se junte às outras que zombam de mim por não alcançá-las. Outra coisa, as crianças são o exemplo permanente de esperança no mundo. Se forem educadas de forma correta, seguindo os princípios de justiça, ordem, honestidade e inteligência, o mundo sempre será um lugar melhor.

É... Tem razão, nuvenzinha. Não tem porquê eu não querer filhos. E eu sei que minha esposa chora durante a madrugada por um bebezinho rechonchudo. Fora que seria bom ter alguém para ensinar tudo o que os meus pais me ensinaram.

Então? O que me diz?

Sim. Teremos um bebê. Serei o melhor pai do mundo.

O coração dos três se encheram de alegria e esperança. E lá do céu fofo e brilhante, nossa

corajosa amiga, a nuvenzinha, se divertia à gargalhada porque dessa vez quem estava atrás de uma criança, brincando, correndo para tentar pegá-la não era mais ela e sim o homem que um dia não quis filhos.

## Calles de estraperlo

Puertas, ventanas, miradas...todo va a dar a las calles, allí nace la vida, las infancias juegan, pelean, se enamoran...Los adultos sacan sus sillas y sus mascotas y ven transcurrir el tiempo, conversando, riendo...casi siempre soñando. Las calles son el patio de recreo y la sala de estar, se venden periódicos, discuten de deportes, fuman sus cigarrillos sin filtro... fueron calles humanas, hasta que la superpoblación y la industria automovilística las convirtió en ardiente asfalto, en peligrosas cuchillas afiladas...y tuvieron que ocultarse bajo las alcantarillas, con la oscuridad, la humedad y las ratas.

(c) Kim BertranCanut  
Barcelona

texto y fotografía: Kim BertranCanut

Kim BertranCanut. (Pont de Suert, Lleida, 1960)

Vive en Barcelona ciudad, cuna del Modernismo.

\*En 1993, publica la novela corta: "Imaginación atrapada."

\*En 2002, publica la segunda novela: "El reflejo de los sueños en lunas rotas (Perdido en la eterna oportunidad)".

\*1996 - 2003, funda con otros amigos: La Asociación de difusión Cultural, "Catársis". Con sede en Barcelona.

Al mismo tiempo se crea: Catársis, revista literaria Iberoamericana (e Internacional)

Colabora en varias revistas literarias.

Proyecta exposiciones de fotografía.

Inscrito en la RED MUNDIAL DE ESCRITORES EN ESPAÑOL: REMES



## VOLTA E MEIA

Chego às dez e meia.

- Para que seção o senhor vai?
- Bem, eu... preciso da cópia da planta de um terreno...
- O senhor não tem crachá?
- Não sou funcionário.
- Então precisa deixar um documento aqui.

Antes do crachá, me entrega dois canhotos.

- Este, o senhor assina. O outro, carimba lá em cima.
- Sobe? Décimo-quinto!
- É o terceiro elevador.

Onze e cinco. Hora de almoço.

- Só à uma hora.

Volto à uma e meia.

- Não podemos atendê-lo agora. Já estamos encerrando o expediente. O senhor não sabe o horário da Prefeitura? Às duas horas fecha tudo! Agora só amanhã, às nove.

Volto amanhã, às nove. Ao décimo-quinto andar. Exponho meu problema.

- Ah, isso é só com a Dona Hortência. Ela chega às dez horas. Se o senhor quiser aguardar, fique à vontade.

Fico à vontade. Em pé, do lado de fora do balcão.

- Rosana, você vai buscar mais café? Traga sem açúcar!
- Sem açúcar não dá! Todo mundo quer o café doce!
- Droga! Então vou sair mais cedo hoje! Sem café amargo eu não fico!
- Gente, vocês viram a roupa da Sônia? Que mau gosto! Parece roupa de velha!
- Ah, mas está certo! Pela idade dela...
- Quantos anos ela tem?
- Trinta e cinco!
- Não acredito! É sério?
- Claro! Você não reparou o jeito dela?
- É verdade! Agora estou lembrando! Eu bem achei que ela tinha uma cara meio esquisita! Ela estava era disfarçando a idade!

Chega a Dona Hortência. Junto com o café.

- Aquele rapaz quer falar com a senhora.
- Você já terminou os sapatinhos do bebê?
- Não, têm uns pontos que eu não consegui fazer.
- Traga aqui que eu ensino.

Nesse meio tempo, vem ao meu encontro.

- Eu preciso da cópia de uma planta.
- É no oitavo andar. Departamento de Pessoal. Deixa ver o tricô...

Departamento de Pessoal.

- É no décimo-quinto andar. Setor de IPTU.
- Fui lá, eles me mandaram pra cá...
- Espere um pouco. Eu vou me informar.

Quinze minutos depois...

- Não é aqui, não. É melhor o senhor perguntar no Protocolo.

Protocolo.

- É no setor de IPTU.
- Fui lá, falei com Dona Hortência...
- Ah, não é ela a encarregada. O senhor deve procurar a Dona Sônia.

Dona Sônia.

- O senhor vá à Seção de Cadastro, fale com o Sr. José, e diga que fui eu que mandei. Subindo a escada, segunda porta à direita.

Quase mandei que vá...

Cadastro.

- Sr. José!

- Qual deles?

- Olha, Dona Sônia me mandou aqui, preciso da planta de um terreno.

- Aguarde um momento. O Sr. José está na outra Seção. Vou ver se ele pode atendê-lo.

Aguardo vários momentos. Volta a funcionária.

- O Sr. José está ocupado. Qual é o terreno?

Em poucos minutos, traz a planta.

- É essa mesma! Preciso de uma cópia. Aqui tem xerox?

- Sim, mas o senhor precisa fazer um requerimento.

- Se tiver papel aí, eu já faço.

Volta a moça com um formulário.

- Tem que ser preenchido à máquina. E juntar xerocópias autenticadas da escritura, do registro e do IPTU. Os originais o senhor só precisa apresentar na hora, para conferência.

Após alguns dias, volto com todos os documentos. (Ninguém confere os originais.)

- Correto. Agora só falta pagar as custas.

- E... onde paga?

- O Sr. tem aí a guia?

- Que guia?

- Modelo 19. O Sr. compra em qualquer papelaria, preenche à máquina e paga no banco, aqui mesmo.

Lá mesmo. Um dia depois. No cadastro.

- Sr. José! Preciso da cópia de um lote de terreno. Já fiz o requerimento, paguei as custas...

- Então é só dar entrada no protocolo!

No protocolo.

- Precisa carimbar no Departamento de IPTU.

Departamento de IPTU. A funcionária carimba.

- Vou levar para o Diretor assinar.

Volto ao Protocolo.

- O Sr. volta daqui a um mês, para saber o número do processo.

- Processo?

- Processo Administrativo.

Volto dali a um mês. No cadastro.

- É sobre um pedido de xerox...

- Qual é o número do processo?

- É o que vim saber.

- No protocolo eles dão. Depois o Sr. volta.

Vou e volto.

- Não estou encontrando o processo. Jussara!

- Estou ocupada! O que é?

- Aquele pedido de xerox...

- Veja se está em cima da minha mesa...

Não. Está dentro do arquivo.

- Seu pedido ainda não foi apreciado.

Desolado e sem esperanças, avisto em cima da mesa a planta de todo o loteamento.

Resolvo ironizar:

- Essa planta, quanto é?

- Um momento, vou verificar.

Fico à espera da facada. Se apenas uma quadra me custara R\$ 9,70, quanto me custarão vinte quadras?

- Dez reais.

Saio de lá com a planta dentro de um canudo e, ao observar o cilindro, chego à conclusão de que, num círculo, todos os caminhos levam ao mesmo lugar.

Renata Paccola

## A anunciação

Tony Roberson de Mello Rodrigues

Quando Hannah apareceu diante de mim antes de eu chegar ao final da rua onde morávamos, na volta da escola, com aquela cara espantada – a mesma que fazíamos quando brincávamos de papai e mamãe (com uma penca de filhinhos, meus priminhos ainda menores) num dos quartos de nossos avós paternos e, de repente, entrava com tudo o pai dela, meu tio, com a cinta estalando e querendo meu couro e corríamos todos cada um para um canto -, ali eu entendi que algo de errado, ou de ruim, ou ao menos de inesperado havia acontecido. Foi um momento de levar um solavanco da vida e me apropriar de algo que eu não queria, porque não esperava: por mais que meu anjo da guarda fizesse de tudo para adiar o momento, Deus decidiu mandar Hannah para fazer aquela anunciação.

Parece que foi ontem: no recreio eu joguei bafo com meus amigos, ganhei algumas figurinhas, perdi outras, comi as bolachas e tomei o suco da minha lancheira vermelha na hora da merenda, desejei coisas terríveis contra os valentões da escola que se aproveitavam das crianças menores ou mais fracas, como eu, que era bem magrinho, apesar de ter nascido enorme e cheio de dobras e com os cabelos encaracolados e parecido com o menino Jesus, como dizia uma tia-avó, grande benzedeira.

Nesse dia havia ameaçado uma grande tempestade no comecinho da tarde, fora das paredes da sala de aula parecia que o mundo iria se acabar: tudo enegrecido, com ventania e trovões, foi então que lembrei da primeira vez que meu pai me levou àquela mesma escola e o quanto chorei e fiquei angustiado achando que minha família nunca mais voltaria para me buscar quando a aula terminasse, porque nesse primeiro dia de aula também o mundo parecia que iria se acabar em meio a raios e trovões, mas graças a Deus dessas e de outras vezes, depois da tempestade veio a calmaria e meu coração tranquilizou-se e pude ir para casa com a certeza de que chegaria vivo ao final de minha odisseia.

Mas voltemos ao fatídico final de tarde em que Hannah veio correndo em minha direção, assim que apareci no início de nossa rua, para dar o comunicado: não lembro como ela estava vestida nem quantos anos ela tinha, mas lembro que ela era uns anos mais velha que eu e que eu tinha nove anos e estava calçando um par de sandálias franciscanas. Eu amava aquelas sandálias, pois queria um dia ser como São Francisco: estender o braço e observar passarinhos virem pousar em mim. Uma vez, inclusive, lembro de ter rezado uma missa por um passarinho que foi encontrado morto no pátio da escola, na hora do recreio: eu fui o padre, então reuni amiguinhos da minha idade ou menores e, juntos, fizemos um círculo de oração embaixo de uma grande árvore e, aos pés desta, sepultamos o bichinho com honras e glórias, depois montamos uma pequenina cruz na cabeceira e adornamos o montinho de terra com flores e algumas pedrinhas. A vida às vezes nos dá pequenos spoilers do que encontraremos pelo caminho, como a morte de um passarinho, mas às vezes é como um soco no estômago, como a cara de espanto de Hannah e a mensagem que trazia.

Ela apareceu no meio da rua, visivelmente assustada e, como que incumbida por algum anjo do Senhor, mas sem tempo para grandes frases, nem para preocupações sobre como eu receberia o comunicado, apenas desembestou a falar, como se estivesse a ler – ainda que com emoção – um curto e seco telegrama de alguém que desejava poupar seus trocados ao enviar a mensagem:

— Luís, o vô morreu!

Nem repetir a frase pela segunda vez ela repetiu, foram apenas essas quatro palavrinhas mesmo. Foi então que senti apenas uma vontade louca de correr para a casa de meu avô e ver como ele estava, sem imaginar ele morto, ainda que minha mente, naquele momento, fosse lembrando das últimas vezes que o vi bem mal do câncer na próstata... e o pedido de meus pais para não entrar no quarto... e o cheiro ruim que vinha de lá... e a cadeira de balanço em que meu avô costumava apoiar um espelhinho para fazer a barba... Acho que minto quando digo que pensei em tudo isso naquele momento, porque só agora, passado algum tempo, é que consigo me apropriar dessas lembranças, no dia em que senti a vontade de correr para a casa de meus

avós eu não tive o direito nem tempo de pensar em nada disso não, porque eu só tinha nove anos e recebi o recado de forma muito bruta, ainda que Hannah também fosse uma criança e também estivesse assustada.

Quando cheguei à casa de meus avós, éramos dois assustados: Hannah e eu. Dos adultos não consigo me lembrar de ninguém da cintura para cima, sei apenas que a casa de meu avô estava cheia de gente, adultos e crianças, e que havia um caixão bem no meio da sala com meu avô dentro, coberto com muitas, mas muitas flores mesmo. Cheguei-me próximo ao caixão, que estava aberto. Lembro que não chorei ao ver meu avô ali dentro. Na verdade, houve um momento em que a ordem natural da história se inverteu e, ao invés de eu mesmo chorar pela perda de meu avô, eu podia jurar que o vi deixar cair uma lágrima, então para mim ele estava vivo e tudo aquilo ali naquele momento era um grande equívoco, mas, por que os adultos ali presentes não percebiam que ele não havia morrido? Foi então que comecei a falar energicamente com meus pais que o vô estava vivo, afinal estava chorando. Foi em vão. Com a mesma rispidez com que a pobre Hannah, assustada, viera anunciar a morte de nosso avô no meio da rua, antes que eu completasse o percurso, também meus pais, antes que eu completasse a maioridade, explicaram-me que às vezes uma pessoa pode chorar mesmo depois de morta. Meu vô estava morto e botou para fora suas últimas lágrimas, eu estava vivo e engoli em seco as minhas primeiras.

O que eu mais queria naquele momento, todavia, era abraçar meu avô e, num abraço quente e bem apertado, ouvi-lo dizer que estava tudo bem, que amanhã seria melhor, mas isso não aconteceu, então, por um bom tempo decidi sumir para dentro de mim, pois não adiantava falar de meus problemas para os adultos naquele momento, adultos costumam falar de adulto para adulto, e eu precisava de outra criança – como Hannah – para pegar na minha mão e me dizer que eu não estava só, que o mundo era assim mesmo, que ela também estava achando tudo aquilo sem graça, uma droga, que a ausência de nosso avô causava uma presença incômoda de tudo o que não gostávamos, que o que eu estava sentindo era muito compreensível, mas nada disso também aconteceu, então, como eu já dizia, sumi dentro de mim por um bom tempo: passei a responder tudo que me perguntavam no modo automático, como um robzinho cuja fonte de energia não se sabe onde fica, até que um dia, sem querer, Hannah me viu sentado em frente ao portão da casa de nossa avó, com o olhar perdido nas nuvens. Desta vez sem se anunciar nem anunciar nada, apenas segurou em minha mão. Ao ouvi-la perguntar por que eu estava tão distante, rapidamente meu coração disparou e, num impulso no alto de meus onze anos, lembro de ter respondido:

— Acho que nunca estive tão perto como agora, Hannah.

Uma semana depois Hannah veio anunciar-me que estava apaixonada por alguém, e esse alguém não era eu. Minha prima tinha todo o direito. Mas, e eu? Tinha o direito de chorar pela ausência de sua mão em minha mão? Não sei, não sei, mas lembrei do quanto a surpresa da partida de meu avô me roubou o direito de chorar, e então juntei a fome à vontade de comer, e chorei compulsivamente pela morte de vovô e pela perda de Hannah para um outro menino – até pela morte daquele passarinho na escola eu chorei, por tudo que eu já havia perdido na vida eu chorei e, tendo feito isso, sem saber eu acolhi minha criança interior e evitei, ao me tornar homem, de chorar apenas por explosão, estresse extremo, desespero ou coisa terrível que o valha.





# Crônicas

## Doce memória

Lembro-me como se fosse hoje! Minha mãe me teve muito novinha, casada com um homem machista e que nunca parava em casa, ela carregava o mundo nas costas. Ela nunca foi o tipo de pessoa que abraça muito, ou que diz muitas palavras de amor. Já o meu pai, nos raros dias que o via, ele dizia:

-Papai te ama tanto! E saía para encontrar seus amados amigos.

Aos sábados, minha bisavó (a quem minha mãe dedicou a vida) chegava mais cedo, minha mãe pegava o pouco que tinha em casa, e montava um lindo café da manhã na mesa, não existiam redes sociais para mostrar, isso torna ainda mais genuíno o momento. Muitas vezes vi minha mãe sem cuidar de seus lindos cabelos, ou fazer suas unhas, ou até mesmo investindo em boas roupas, mas eu e minha irmã estávamos sempre muito bonitas, arrumadas e cheirosas. Minha bisa, sempre muito limpa, alimentada e com o coração totalmente grato e apaixonado pela minha mãe. A melhor escola do bairro, ballet, futebol... TUDO!

No meio desse turbilhão de coisas, eu percebia o amor que a minha mãe sentia por todas nós. E hoje, com quase 30 anos de idade, mãe, mulher à caminho da carreira dos sonhos, eu percebo o tamanho monstruoso do amor e dos sacrifícios que minha mãe fez por nós. Eu sinto na pele, nos ossos, na alma! Amar nunca foi sobre palavras, amar é isso que minha mãe fez a vida toda. Por estar sempre em contato com o amor, ela e Deus sempre foram carne e unha. E hoje eu percebo que ela nos deu o seu tempo, a sua total dedicação, e a sua vida.

“Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a própria vida pelos seus amigos”.

João 15:13.

Quando percebi a grandiosidade das pequenas coisas, eu me encantei. Olhei aos céus e agradei por ter colocado em meu caminho um anjo que não tem asas, uma amiga que me coloca no caminho certo, uma mulher que me inspira dia e noite, alguém que vive por mim, para mim, e através de mim. Foi aí que perguntei despretensiosamente um dia.

-Mãe, e o amor por mim...

- Tem?

- Tenho!

- Ok!

Benção?!

Deus te abençoe minha filha!

Camilly Souza Andrade, tem 29 anos, é da cidade de João Pessoa na Paraíba. Professora do ensino básico, Publicitária, Formada em letras na língua portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba. Contista, poeta e romancista, Camilly é apaixonada pela literatura em suas diversas facetas.

## As sandálias de Vovó

Era um domingo comum. Nada de importante estava acontecendo, e ao mesmo tempo tudo que estava acontecendo era importante demais. Com a promessa de um domingo de praia, levantei com o sol nascente. O céu estava límpido, o clima estava perfeito, meu filho estava calmissimo, fui invadida por uma paz transformadora, fiquei até com um pouco de medo, mas quis aproveitar ao máximo.

Talvez para você que está lendo, isso não tenha menor importância, mas não é para você que escrevo. Escrevo para você que, um dia, desejou toda essa paz que estou sentindo. Escrevo para a minha versão de meses atrás, que imaginou ser impossível sentir paz. Escrevo para você, que está aí do outro lado dessa ponte que parece não ter fim. Escrevo para te dizer que o sol voltará a nascer!

Me arrumei para ir à praia, chegando lá percebi que o mar estava mais bonito que o normal, as crianças brincavam, os idosos conversavam e a minha mente estava em total silêncio. Parei para contemplar a paisagem e as sensações. Acho que, de certa forma, eu toquei em Deus, ou será que fui tocada por Ele?! Seja lá o que fosse, eu não queria que acabasse nunca!

Olhei para baixo e comecei a brincar com a areia, vi uma muda de girassol, e lembrei que alguns meses atrás estava naquela mesma praia chorando me perguntando se teria perdido a capacidade de ser feliz. Por um momento, me veio a cena à memória. Pensei em como alguém é capaz de ter uma plantação de girassóis, eles são extremamente difíceis de cuidar e tem um tempo de vida curtíssimo.

Foi aí que eu olhei para a mudinha, imaginei se ela não teria crescido em um lugar tão quente, por ter sido alimentada por minhas lágrimas. Percebi que sua flor se movimentava em direção à luz. Não teria feito eu, exatamente a mesma coisa?!

Relaxe!

Como se não fosse suficiente toda essa epifania espiritual, uma moça me abordou debaixo do meu guarda-sol.

-Moça!Moça!

-Oi moça.Respondi.

-Você poderia olhar as minhas sandálias para que eu possa dar um mergulho?!A água para se estar deliciosa!

-Sem problemas, divirta-se!Disse eu.

E ao pegar sandálias da moça foi atravessada por uma memória.Eram as sandálias de Vovó!

Aos 90 anos de idade vovó começou a esquecer das coisas,lembrava de coisas antigas e esquecia coisas recentes.Do pouco que ela lembrava, o par de sandálias de couro era a primeira memória.“Mila, quando for à cidade compra um par de sandálias para mim. Quero ir à igreja, mas as minhas estão muito velhinhas”. Tá certo vó, compro sim! Fui ao centro da cidade e comprei.Lindas!Ao chegar em casa, a felicidade foi gritante.“Ô meu amor, muito obrigada!Que Deus lhe pague”.

No outro dia foi à igreja, mostrou a sandália para todos que estavam lá,e ficou desfilando com ela.Uma semana depois esqueceu. “Mila, me dá uma sandália”. Eu mostrava que já tinha dado, ela ficava feliz de novo e depois esquecia.Foi assim até que a sandália ficar velhinha, até que prometi outra. Quando fui presenteá-la ela já tinha partido.Até hoje guardo comigo as sandálias de vovó!

Que você assim como vovó, possa ficar feliz muitas vezes pelo mesmo presente, ele se chama VIDA!Que possamos nos lembrar que a felicidade está nas pequenas coisas.

Nunca tire as sandálias...

... da humildade

- Camilly Souza Andrade.

Camilly Souza Andrade, tem 29 anos, é da cidade de João Pessoa na Paraíba. Professora do ensino básico, Publicitária, Formada em letras na língua portuguesa pela Universidade Federal

da Paraíba. Contista, poeta e romancista, Camilly é apaixonada pela literatura em suas diversas facetas.

Cem anos de “Fire and Ice”, o fim do mundo por Robert Frost –uma adaptação

Lucas Zapparoli de Agustini

Em 2023, mais de 100 anos da publicação do poema de Frost, ainda se pensa no fim do mundo, como na pandemia que vivenciamos recentemente.

Eis o poema de Froste uma tradução:

## FIRE AND ICE

Some say the world will end in fire,  
Some say in ice.  
From what I've tasted of desire  
I hold with those who favor fire.  
But if it had to perish twice,  
I think I know enough of hate  
To know that for destruction ice  
Is also great,  
And would suffice.

## FOGO E GELO

Um diz que o mundo acaba em fogo,  
Outro diz gelo.  
Do que provei de ardores, logo  
Fico com o que é pelo fogo.  
Mas, percesse outra vez, pelo  
Tanto de ódio que tenho visto  
Vi que pra destruição o gelo  
É igual sinistro,  
E vai perdê-lo.

Há uns tempos um cientista disse ter influenciado Frost a compor esse poema. Então vejamos brevemente o que a ciência, nos dias de hoje, nos conta – muito poeticamente – sobre o fim dos tempos:

O Sol proveu luz e calor, separou a escuridão, foi fonte de vida em seu sistema. Agora será sua cruel destruição. O universo, em 2023, mal nasceu com seus 13 bilhões de anos. A estrela central continuará crescendo e consumindo energia. Durante isso, engolirá tudo ao redor, não só a Terra e os planetas anteriores, mas o próprio sistema. Após chegar ao máximo, daqui a pouco mais de 6 bilhões de anos, tornando-se uma estrela gigante, vermelha, incandescente e queimar tudo em volta, em fogo infernal, começará a diminuir.

Em 10 bi, o Sol morto terá diminuído muito e não passará de uma anã branca, emitindo um brilho frio e fraco, singelo como o luar. Esse é o fim de toda estrela, apagando-se uma a uma no firmamento, sem formação de novas, daqui a pelo menos 10 tri.

O universo estará então praticamente sem estrelas vivas e sem planetas, em uma noite eterna, daqui a 60 tri. As anãs brancas serão o último brilho. E assim terminará em gelo.

Com mil trilhões de anos, o universo será um cemitério cósmico de estrelas mortas.

Em 10 bilhões de trilhões, estrelas de nêutron podem colidir, gerando supernovas, mas quem prosperará de fato serão os buracos negros. Se houver vida, poderá encontrar refúgio em torno das anãs brancas moribundas, daqui a 311 bilhões de trilhões de anos.

Porém no primeiro trilhão de trilhões de anos as anãs brancas também morrerão, tornando-se enfim anãs negras, não emitindo qualquer luz ou calor, de tão frias, um milhão de vezes mais densas que o Sol; mas pouco mais que pó de estrela. Estima-se que atualmente não haja no universo nenhuma anã negra.

No primeiro milhão de trilhões de trilhões de anos, os buracos negros terão sugado toda a matéria, e produzirão a única fonte de energia para qualquer civilização que possa existir até lá. Nada parecido com o que se conhece agora, mas quem sabe se as flutuações de tempo não permitam a criação de ilhas de inteligência exóticas aqui e ali.

Com quase um tritri trilhão de anos, o espaço-tempo terá se expandido a tal ponto que sua velocidade será maior que a da luz, assim todo o segredo do cosmos que um dia existiu ficará perdido para sempre.

A partir de então, os átomos começarão a se decompor, ao menos a ciência acha, destruindo assim toda a matéria que possa restar no universo sem ter caído em um buraco-negro. A energia das últimas anãs negras se dissolverá no espaço, não deixando nada atrás de si.

Aos 15 milhares de trilhões de trilhões de trilhões de anos terá início a era dos buracos negros, vigente por ao menos mais uma quantia desse mesmo tempo. Tudo que terá restado não passará de partículas de luz e buracos negros. Mesmo assim, o Tempo começou a passar apenas agora. A vida, a luz, o calor são apenas uma fração de segundo na infância da longa, escura, fria e vazia vida do universo, um recanto entre seu início no fogo e morte no gelo.

Aí inicia a ciranda dos buracos negros, em um tritritri trilhão de anos.

Um buraco negro supermassivo atrairá outros menores para se fundirem, formando galáxias.

Uns ficarão imensos, milhares ou milhões de quilômetros, e alguns desses vão se fundir com outros, então enviarão ondas gravitacionais que ressoarão pelo universo, ondas reais e silenciosas batendo no espaço-tempo vazio. Serão os cantos e poemas dos buracos negros durante seu acasalamento e união. Esse grande evento está previsto para daqui a uns três trilhões de trilhões de trilhões de trilhões de trilhões de anos, quem viver está convidado.

Depois de tantos outros quatrilhões de anos, enfim, os buracos negros também desaparecerão. Evaporarão em um ritmo crescente até desaparecerem em uma grande explosão, iluminando a escuridão uma a uma como os fogos de artifício finais do universo. Vai ter champagne.

O que acontece depois não se sabe, mas se depender da energia escura, a força desconhecida mais abundante no universo, vai continuar se expandido para sempre cada vez mais rápido, frio, escuro e vazio. Mas o fim é o início de outro? Há outros? Podem ser criados universos reais ou virtuais com energia suficiente? Perguntas ainda sem respostas. E tudo pode mudar.

Ao que se sabe, nessa expansão eterna, quando os últimos resquícios de fótons chegarem ao zero absoluto, nada mais acontecerá no espaço, e então o tempo será infinito.

Biografia: Lucas Zapparoli de Agustini é Doutor em Estudos da Tradução pela USP. Primeiro tradutor da sátira épica Don Juan, de Byron. Prepara seu terceiro livro de poemas, Do Lodo ao Todo.

Na quietude do entardecer, a casa da infância emerge como um relicário intocado pelas mãos do tempo. Suas paredes, cansadas mas firmes, guardam risos que dançam como estrelas no céu noturno, traços de uma inocência que ainda ecoa pelos corredores empoeirados.

Cada tijolo, cada janela, é um testemunho silencioso do passado. No jardim, a flor da infância desabrocha em pétalas macias, segredando histórias que o vento gentilmente carrega pelas frestas do esquecimento. Ali, a magia das brincadeiras e o sabor doce da esperança criam uma atmosfera atemporal.

Ao adentrar a casa, é impossível não sentir o eco dos passos miúdos da juventude que outrora subiam a escada, rumo ao desconhecido. Cada degrau é uma recordação, cada canto um capítulo de um livro já lido, mas que permanece aberto na memória.

As sombras, desenhadas nas cortinas empoeiradas, são como páginas amareladas de contos de fadas, testemunhas de noites inesquecíveis. Os quartos, agora guardiões da nostalgia, preservam segredos sussurrados à lua, registros de confidências feitas no escuro.

Na cozinha, o aroma inconfundível de bolos frescos ainda se mistura com o sabor doce das tardes de conversas intermináveis. O crepitar de risadas perdura nas paredes, ecoando como notas em uma partitura nostálgica.

As estantes, repletas de livros que um dia foram amigos imaginários, contam histórias de aventuras vividas entre páginas desgastadas. Cada canto da casa é um poema, com rachaduras que se entrelaçam com as lembranças, uma narrativa de uma vida que se desdobrou entre essas paredes.

A casa da infância é um santuário, onde o tempo se dissolve e as vozes de outrora ainda ecoam como canções de ninar. Cada detalhe é uma crônica viva, um álbum de fotografias que relata a história única de uma família, e, ao entardecer, a casa permanece como um farol que guia os passos da saudade através das encruzilhadas do tempo.

## Viagem de férias

E são muitos dias viajando com a família até que as férias terminaram.

Os filhos adolescentes queriam fazer coisas diferentes e a todo tempo brigavam entre si.

A menorzinha em um piscar de olhos sumia de vista e ainda pedia colo quando seus pés já não conseguiam acompanhar o ritmo dos outros.

O pai queria andar com tudo planejado e tinha a hora das refeições na ponta da língua.

A mãe queria só um par de chinelos e conhecer " tudo ao mesmo tempo agora". Afinal, o mundo é grande e não sabia se juntos irão refazer a mesma rota.

E apesar de tantos interesses diferentes, de bate-boca, no fim, tudo saiu melhor que o planejado.

A cidade do Rio de Janeiro conheceram de cabo a rabo (a mãe queria passear por todos os principais pontos turísticos e conseguiu) e Parati ainda ficou com gostinho de quero mais, pois andar em trilha, com a pequena, ainda era impossível.

Foi um prazer ter a certeza que todos aproveitaram, mesmo no meio de tanta bagunça e confusão!

Agora, ao retornar, já planejam férias das férias.

Thais Castilho





# Ensaïos

# TÊ SOARES: POESIA SOB A ESTAMPA DA SIMPLICIDADE E DA EVOCAÇÃO DE IMAGENS

Piovesan, Cleusa

## Resumo

Abordar a obra poética de uma autora que deixou poucos registros em coletâneas e alguns rabiscos com amigos da literatura é um trabalho de pesquisa dos mais desafiadores, um resgate de suas composições. Tê Soares é o nome do meu desafio. A poeta aliava o texto verbal com acepções imagéticas, evocadas em cada verso e, com maestria ímpar compôs Poetrix que têm de estar eternizados na literatura nacional e internacional. Para isso, busquei embasamento em Gamelot (2000), Pignatati (2004), Candau (2012); Pound (2013) e Lispector (2020), autores que conceberam a literatura em suas mais variadas formas de expressão, ressignificando-a.

Palavras-chave: Tê Soares; Poetrix; Registros; Resgate, Criação literária.

## Abstract

Approaching the poetic work of an author who left few records in collections and some scribbles with literary friends is a most challenging research work, a rescue of her compositions. Tê Soares is the name of my challenge. The poet combined the verbal text with image meanings, evoked in each verse and, with unique mastery, composed Poetrix that must be immortalized in national and international literature. To do this, I sought support in Gamelot (2000), Pignatati (2004), Candau (2012); Pound (2013) and Lispector (2020), authors who conceived literature in its most varied forms of expression, giving it new meaning.

Keywords: Tê Soares; Poetrix; Records; Rescue, Literary creation.

## Introdução

Optei pelo ensaio literário, para escrever sobre minha patrona na Academia Internacional Poetrix (AIP), Tê Soares, porque me encanta a liberdade da subjetividade que se projeta em sua escrita, em busca de outros “eus”. Isso me permite a busca de novos encantamentos proporcionados pela poesia.

Creio que seja possível o encontro, em sintonia poética, dos autores da atualidade com aqueles que já habitam outro plano, pois, como disse João Guimarães Rosa em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 1967, "as pessoas não morrem, ficam encantadas" e podemos evocá-las por meio das marcas que deixaram em sua passagem pela vida e pela s memórias de quem com ela conviveram. Segundo Joël Candau (2012),

uma memória verdadeiramente compartilhada se constrói e reforça deliberadamente por triagens, acréscimos e eliminações sobre as heranças [...] no processo de constituição de uma memória compartilhada, pude observar a importância que tinha, por vezes, objetivos comuns e essa abertura recíproca de memórias individuais (Candau, 2012, p.47).

Para resgatarmos uma memória, individual ou coletiva, vamos falar de Tê Soares? Quem é essa poetrixta, cuja presença no universo do Poetrix se tornou tão importante, e foi para outro plano de existência tão cedo? Seu nome completo é Terezinha P. S. Sayago Soares, a Tê Soares. Nasceu em São Paulo/SP, em 15/11/1952, mudou para Brasília/DF em 1978, e faleceu em 23/04/2023, em Brasília. Graduada em Letras e em Pedagogia, na Universidade do Distrito Federal (UDF), atuou como professora e coordenadora pedagógica, no Centro Educacional Leonardo da Vinci, em Brasília. E também era corretora das provas do ENEM.

E por que escolhi chamar a atenção do público para sua escrita poética? Ah, essa questão tem um quê de mistério e vou explicar por quê. Ao ser admitida como acadêmica da Academia Internacional Poetrix, empossada na cadeira no 27, foi-me designada Tê Soares como Patrona, e eu teria de

fazer um discurso de posse. Como nunca havia ouvido falar dessa autora fui pesquisar e, em contato com o poeta/poetrixta Pedro Cardoso, seu amigo pessoal, recebi algumas informações e indicações de onde pesquisar. Pedro Cardoso foi a “pedra angular” deste estudo; sem sua ajuda não teria ido tão longe e a literatura estaria deixando à margem do esquecimento uma poeta de valor ímpar.

A relevância deste estudo é o resgate do legado de uma poeta, que sobrevive à dualidade tempo e espaço, porque sua obra perpassa o tempo e ocupa um novo espaço, o espaço da memória, que resgata pessoas e fatos, edita-os, atualiza-os, e, assim, recriam-se, por meio da intertextualidade, novos olhares sobre os registros históricos, numa realidade ultra e interdimensional, que só a poesia pode explicar.

Na primeira pesquisa, já me deparei com uma frase que me chamou a atenção, com a qual minhas ideias também coadunam “... é maravilhoso ter intimidade suficiente com as palavras para brincar com elas, além de ser pura arte...”. Não foi apenas essa conexão com o fazer poético que me instigou a pesquisar sobre Tê Soares.

O que posso dizer sobre mim, poeta, escritora e professora, pesquisadora? O que me move a ir em busca de uma autora, praticamente, desconhecida? Sou lume, por isso, também me defino nas palavras de Clarice Lispector, quando ela diz “Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras – quais? talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo. [...] Estou livre de destino. Será o meu destino alcançar a liberdade? Tenho dúvidas apenas sobre estar livre de destino, mas me atrevi a lançar uma “pedra” no poço fundo e, como lume, ir em busca dos escritos de Tê Sores.

Na mensagem de despedida de Pedro Cardoso a Tê Soares, há um Poetrixdela que, mais tarde, percebi, como se conectava comigo, numa sintonia poética, além da realidade concreta. Vou explicar: eu tenho um jogo de lençóis com estampa de borboletas. No dia em que recebi a aprovação na AIP, 20/11/23, estava usando-o na cama, e quando fui pesquisar no site que o Pedro Cardoso me passou, encontrei o poema dela. E, no dia da posse, 09/12/23, eu estava, novamente, com os mesmos lençóis na cama. Não foi intencional, e só me dei conta disso depois da live. Este poema – 1º Lugar nos I Jogos Florais “Palavras e Música”, Chamusca – Portugal – me conecta a Tê:

## FUGAZ

Cama desarrumada,  
liberdade para as borboletas  
estampadas nos lençóis...

Falar de ter Soares não é fácil, pois ela tinha uma vida muito reservada e seus Poetrix estão espalhados apenas em arquivos avulsos, aos quais apenas seus amigos da literatura têm acesso, sendo difícil falar expor a amplitude de sua poesia. Talvez as palavras de Clarice Lispector expliquem o eu poético de Tê Soares, quando diz de si "O que escrevo agora não é para ninguém: é diretamente para o próprio escrever, esse escrever consome o escrever. Este meu livro da noite me nutre de melodia cantabile. O que escrevo é autonomamente real". O que me resta é fazer um trabalho meticuloso para que nada se perca e consiga registrar quão grande é o legado de Tê Soares, na composição do Poetrix, uma vez que ela também despertou minha veia poética, como na composição do poetrix a seguir:

## REFÚGIO Cleusa Piovesan (28/12/23)

Nossos corpos nus, em êxtase  
amassamos as flores do lençol  
cultivamos um jardim secreto

Para situar o leitor, que desconhece o gênero poético Poetrix, vale destacar que é um poema sintético, minimalista, inspirado no haicai, composto de um título e três versos, que não podem ultrapassar 30 sílabas poéticas, em sua totalidade, criado por Goulart Gomes, em 1999, o qual se fundamenta na premissa de que “o mínimo é o máximo”.

É impressionante a sutileza e a simplicidade na composição dos Poetrix de Tê Soares, pois nos fazem visualizar a cena, num jogo de imagem sugeridas que nos levam a adentrar o universo de sua escrita, e entendemos não apenas o sentido de o que o poema nos transmite, mas somos testemunhas da cena que se apresenta, ora na imaginação, ora em realidades cotidianas, das quais sem o olhar poético não nos damos conta, nem lhe atribuímos beleza.

Ezra Pound, renomado poeta do séc. XX (2013, p. 174), afirma que “a 'beleza' não é um ornamento aplicado; é algo que faz a imagem mental mais definida. O autor não vive à caça de palavras alevantadas, eloquentes; há uma enorme variedade no que respeita à rima, mas o leitor não se dá conta”, mas há autores que, como Tê Soares, possuem uma visão semiótica que converge na comunhão entre imagem e texto, tornando seus Poetrix, além de muito bem elaborados esteticamente, belos.

Pignatari(2004, p. 115-116), “toda poesia, aliás, é intersígnica, embora sob disfarce verbal [...] a função poética, deriva de submeter o signo verbal a tratamento icônico”. Assim, na relação imagem/texto, Tê Soares consegue ressignificar a escrita e brindar os leitores com uma paisagem poética.

Teço, neste ensaio, algumas análises a respeito dos poucos Poetrix que encontrei, explorando a relação imagem texto em que a poetrixta era uma exímia artesã. Há também a análise de alguns Duplix, e de alguns Triplex, ampliações do Poetrix, em que Tê Soares teve parceria na criação de novo gênero, a partir do Poetrix.

Há nas composições da autora, nos Poetrix selecionados para este estudo, um corte temporal de uma década entre cada grupo de poemas aqui expostos, o que não compromete a qualidade de sua escrita, porque sendo o primeiro grupo de 2001, outro de 2012, e os mais atuais, de 2022, pode-se constatar que a Tê Soares tem uma poesia atemporal, o que demonstra que foi uma poeta da contemporaneidade – viveu em seu tempo, entendeu e agregou aspectos do passado, magistralmente.

### Poetrix: maestria nas produções poéticas de Tê Soares

A simplicidade é marca registrada dos Poetrix de Tê Soares, porque, na observação do cotidiano, ela consegue extrair a magia da poesia, e ampliar seus significados para além do concreto, extrapolando em poucas palavras o que se levaria horas para entender ou explicar. E o lema desse gênero literário, criado por Goulart Gomes, em 1999, “o mínimo é o máximo”, é seguido à risca pela autora.

A concisão que Tê emprega nos versos dos Poetrix sintetiza a preocupação com o fazer poético, seguindo os preceitos das Diretrizes da AIP para compor um bom Poetrix, cujos pilares se encontram fundamentados na “independência sintática de cada verso, diversidade vocabular, elemento surpresa, concisão e síntese, linguagem poética”. Não basta criar três versos e distribuí-los em 30 sílabas poéticas. É preciso extrema reflexão para se “dizer o máximo com o mínimo de palavras”, e nessa arte Tê Soares era uma exímia criadora de encantamentos poéticos. Pound (2013), aponta que até o ano de 1600 os escritores

estavam todos cômicos de ter algo a dizer ao leitor, algo que este ainda não, e despendem o melhor de seus esforços no afã de contar-lhe; em contrapartida, nas fases seguintes “aparecem autores que se vão preocupando cada vez mais com a maneira por que o dizem (2013, p.122).

Assim também são os autores da modernidade, como Tê Soares; importam as estratégias discursivas para que os leitores contextualizem a mensagem e possam atribuir-lhe significado que coadunem com seu próprio “pensar o mundo”.

A evocação de imagens que suscita de seus poemas nos remete a uma poeta extremamente sensível, a quem a inquietação sobre a própria existência a faz desvelar-se em cada verso. Eis alguns Poetrix, de 2021, que comprovam toda a sinestesia empregada em sua composição!

Estética (Tê Soares) 07/2003

Das muitas cicatrizes,

algumas, tão bem feitas,  
já são tatuagens.

A técnica de distribuir uma frase de sentido completo entre os três versos é recorrente na poética de Tê, e facilita o entendimento do leitor uma vez que a poesia, na maioria das vezes, mostra-se fragmentada, o que dispersa o entendimento, razão pela qual muitas pessoas dizem "não leio poesia porque não entendo". De fato, a distribuição do texto na vertical, as lacunas que o leitor tem de preencher ao ler poesia, a linguagem figurada, tornam, muitas vezes, complexo o seu entendimento. Tê tem consciência disso e em seus Poetrix, quase sempre, ela se utiliza do recurso poético embajament, como pode ser observado no PoetrixEstética.

Poucos Poetrix da autora foram publicados. Os dois poemas, a seguir, escritos para a Antologia Poetrix. Movimento Internacional Poetrixta (MIP) seguem a mesma estratégia do embanjament, o que confere simplicidade à poética de Tê Soares, ao mesmo tempo que desconstrói o que se espera de um poema que, normalmente, não é narrativo.

...AMÉM! ...

ave palavra, cheia de graça  
bendito é o fruto do teu ventre  
que me traz, sempre, um pão pra comer.

O Poetrix, "... Amém...", ao mesmo tempo que é uma oração, uma súplica, é um agradecimento, é um paradoxo, e traz a intertextualidade com o texto bíblico. Apresenta uma temática que converge com a condição do ser humano de estar em busca do espiritual, uma conexão com Deus, que pode ter diferentes simbologias, de acordo com a fé de cada um. Tê conecta-se com o leitor por meio da imagem de suas ações cotidianas em relação à expressividade da fé.

Na simplicidade das composições de Tê Soares, podemos visualizar pessoas e fatos, de modo que a evocação das imagens que cada Poetrix apresenta, despertam um click imediato e a cena se apresenta, holograficamente. Outro exemplo é o poema a seguir:

JURAS

no dorso amante,  
a mão ausente  
é dor só.

Esse Poetrix também contém um paradoxo, e conta uma história. É possível perceber que ao mesmo tempo em que faz promessas demonstra a dor pela perda, que pode ser interpretada como a condição de luto pela ausência do/a amado/a falecido/a, ou pelo rompimento de uma relação, possibilitando, também, uma interpretação ambígua. Em ambas, a promessa é de não esquecimento, por meio da sinestesia e do eufemismo, e da ambiguidade no último verso "é dor só; uma dor solitária ou apenas dor?"

Como é perceptível, Tê Soares utilizava, amplamente, além das figurações, outros recursos da linguagem poética como a ambiguidade e a intertextualidade, apresentada nos dois poemas e, na singeleza dos versos imprimia emoções natas a todo ser humano. Não obstante, essa preocupação com a utilização de mecanismos da poesia, faz dela uma mestra na composição do Poetrix, que lhe deu a liberdade de criar, sem as marras da formalidade.

A criação do Duplix: experimentação poética

Tê Soares é co-criadora do Duplix, uma ampliação do Poetrix, juntamente com Pedro Cardoso, numa parceria poética que captou as possibilidades que a linguagem literária nos proporciona, pois, juntando dois Poetrix independentes, eles perceberam que ambos se entrelaçavam, criando um novo poema. Esse conceito foi ampliado para o Triplix e, posteriormente, para o Multiplix, ou seja, a parceria de autores com uma composição individual, cuja temática apresenta um sentido em comum. Sendo possível a junção, cria-se nova composição poética, faz-se uma brincadeira com a linguagem, que nos mostra que em poesia nada é estanque, sempre há possibilidades de ir além de o que está

dito e, até é possível, explorar os interditos sugeridos pela inspiração e pela intencionalidade de cada autor.

Pedro Cardoso e Tê Soares entraram em consenso de que a melhor definição para o Duplix e o Triplix foi a que Goulart Gomes, criador do Poetrix deu: O duplix é uma viagem! Realmente, é muito empolgante entrar na poesia "alheia" e tomar conta dela, criando algo novo. Esse pensamento coaduna com a afirmação de Pignatari (2004, p. 116), que afirma que "as artes da literatura entram em Nova conjunção cíclica, em que o verbal é recuperado pelo não-verbal, de modo a revelar novos extratos e novas virtualidades de sua própria natureza – em novas criações e criações novas".

Só é possível entendermos a grandiosidade da obra de Tê Soares, por meio da memória prodigiosa de Pedro Cardoso e dos registros que ele guarda de suas composições com a amiga, compartilhados comigo por meio de contato pelo Whatsapp. Candau(2012) afirma que toda memória é social, mas não necessariamente coletiva – e em alguns casos e apenas sob certas condições se produzem 'interferências coletivas' que permitem a abertura recíproca, a inter-relação, a interpenetração e a concordância mais ou menos profundas das memórias individuais (2012, p.49).

Sendo Tê Soares uma poeta que mantinha sua vida literária restrita a poucos contatos com outros autores do universo Poetrix, garimpar sua trajetória na literatura dependeram do auxílio das pessoas que com ela conviveram. Sem esse auxílio, não poderíamos conhecer Tê Soares, essa autora que nos instiga a "pensar o mundo" por meio da semiótica e sua relação signo/significado, uma vez que não dá para ler um Poetrix seu sem criar uma imagem mental que o represente.

Pedro também se recordou a primeira vez em que falou do Duplix, em 23/11/01, e disse que "o duplix é um "casamento de ideias" que pode ser aperfeiçoado em muito, acho que ele ainda está nascendo, muitas ideias podem ser implementadas para que desenvolva", e complementou "o duplix veio para fortalecer os laços de amizade entre nós". Ele e Tê compuseram um Duplix que representa o quão é importante a sintonia entre os autores para que o Duplix apresente qualidade literária, não apenas uma junção aleatória.

DUPLIX Pedro Cardoso //FELIZ Tê Soares

é uma parceria//uma alegria  
um gozo a dois//um sonho do depois  
sem mais nem porque//como porto, cais em você...

A conexão entre esses dois poetrixtas, brinda-nos com um Duplix composto por rimas. A composição de um bom Poetrix, as rimas não são obrigatórias, e quase não ocorrem, uma vez que outros recursos são privilegiados, principalmente, o uso de figurações, ambiguidades e intertextualidade, o que lhe confere complexidade, mesmo sendo composto com apenas um título e três versos, mas a junção, no Duplix de Pedro Cardoso e Tê Soares, primou pelo ritmo e musicalidade, sem comprometer a beleza dos versos.

Como afirma Pound (2013, p. 132), "as rimas podem ser usadas para distribuir os sons por zonas, assim como se amontoam pedras para formar muros e terrenos lavrados de regiões montanhosas". Percebe-se, claramente, a crítica às rimas como fundamento para um bom poema, sem se preocupar com outros recursos possíveis na linguagem literária. Isso não ocorreu na criação do Duplix, pois os poetrixtas mantiveram a relação texto e imagem sem a necessidade do uso de verbos, uma vez que o verbo de ligação (é), é desnecessário. Outro recurso foi o mínimo de substantivos e o abuso dos conectivos (conjunções e preposições) revelando a maestria de ambos no uso da linguagem.

Nos Poetrix de Tê Soares, percebe-se que o uso de poucos verbos de ação, porque ela envolve as ações do eu lírico com verbos nominais, extraindo-lhes as emoções que desencadeiam o sentido completo do poema por meio de circunstâncias sugeridas por outras classes gramaticais, como pode ser percebido nos poemas Fugaz, Juras, ...Amém!..., Estética, Imaginação. Como salienta Pignatari (2004)

na poesia, vários quadros indiciais podem ser levantados: o quadro dos sons, o quadro dos ritmos, o quadro das articulações sintático gramaticais, o quadro do significados especiais que as palavras

( ou parte delas) adquire um novo contexto no poema (2004, p. 26).

É preciso, aqui, reconhecer a estratégia de aprofundamento de algo que já é muito bom: o Poetrix. O olhar dos poetas se expande, ao observar a produção de outros, e é possível detectar imbricamentos que só a arte poética pode criar. Pode-se dizer que há um jogo de intertexto, porque um texto dialoga com o outro, não apenas na temática, mas nas relações semânticas, que conferem unidade textual, tornando o labor poético um exercício único de criação literária.

Novas parcerias poéticas de composição e a ampliação do Duplix para o Triplix

A poesia não é um fenômeno estanque, por isso, de tempos em tempos, novas formas poéticas vão se agregando às já existentes e sugerindo novas possibilidades de expressão literária. O Triplix surgiu da ampliação do Poetrix, composto por dois autores, para a composição em trio. A conexão entre os autores é estabelecida por meio da temática e por meio da conjunção que pode ser estabelecida entre as composições.

Adentrar no universo do Poetrix, associando-me a Tê Soares, sintonizando meus Poetrix com os dela, e formando alguns Duplix não bastou e, como a poesia é sempre uma brincadeira, criada pelo jogo que agrega inspiração, imaginação e conhecimento, encontrei um Poetrix meu, já composto, que se conectou com um da Tê Soares de dez anos atrás, e organizei esse Duplix:

SABEDORIA DUVIDOSA Tê Soares 07/2003//PELA WEB Cleusa Piovesan 12/2023

Amor virtual//Proteção da tela  
não é pecado//desejo cibernético  
Peca quem toca também o teclado//deu bug

Pode-se perceber, claramente que o Poetrix dela, composto há 20 anos, segue o recurso do embanjament, enquanto os meus, na atualidade, privilegiam a conexão entre os versos pela independência dos versos e pela conexão implícita de sentidos entre eles. Não bastou. Propus a Pedro Cardoso que ampliasse o sentido de nossos poemas compondo um Triplix. E eis que ele, outro experimentalista da poesia, aceita-o e, após cumprir o desafio da composição, enviou-me uma mensagem que dizia:

“oDuplix é um convite à imaginação e à criação. É sempre um desafio, é uma parceria para sempre, é um momento de muita alegria, mas nem sempre é fácil de se fazer. Veja que o Poetrix da Tê Soares foi escrito em junho de 2003 e, em dezembro de 2023, ou seja, vinte anos depois a Cleusa Piovesan fez um Duplix com ela e me mandou. Recebi como um desafio. Comecei a pensar como faria um Triplix. Mas deparei com uma certa dificuldade, de início pensei que não seria possível porque as palavras que a Cleusa usou no seu Poetrix não me favoreciam em nada. Cibernético/Bug duas palavras complicadas. Daí, pensei: vou por outro caminho, vou procurar um caminho mais fácil para mim. Foi quando tive a ideia de fazer um Poetrix que se encaixasse antes do Poetrix da Tê Soares, aí foi só botar a cabeça para pensar. Fiquei feliz como resultado (Pedro Cardoso, 24/12/2023).

A poesia conecta seres que têm uma paixão em comum, e isso o filme Sociedade dos poetas mortos (1989), estrelado por Robin Williams fez tanto sucesso. É preciso ler, ouvir e assimilar o legado dos que partiram. Pedro e eu nos conectamos a Tê Soares, assim como nos conectamos aos poetas do passado que deixaram seu legado em poemas e em teoria literária, e eis o que surgiu de nossa interconexão poética:

ELA	SABEDORIA DUVIDOSA	PELA WEB
Pedro Cardoso	Tê Soares	Cleusa Piovesan
Dezembro 2023	Julho 2003	Dezembro 2023

Era um encanto//Amor virtual//Proteção da tela  
amor platônico//não é pecado//desejo cibernético

cabeça de vento saiu do prumo//Peca quem toca também o teclado//deu bug

Assim, foi possível que Pedro, amigo pessoal de Tê Soares, e eu, uma poeta experimentalista, encantada com o Duplix, estivéssemos conectados a ela e pudéssemos conectar nossos “eus líricos” e recriar a voz poética de Tê, nos poemas que compomos e entrelaçamos com os Poetrix compostos por ela. Ora inconsciente, ora intencionalmente, esse desafio poético quebrou a relação de tempo, e demarcou nova relação de espaço, um espaço só possível por meio da literatura.

No encaixe que Pedro Cardoso fez no Duplix para criar Triplex, ele revive quem foi Tê Soares, uma poeta encantada que despertava paixões, que encantava outros poetas, que lhes provocava, que lhes desafiava, já no mundo virtual, propondo desafios, brincando de poetizar a vida, desafiando os protocolos da métrica, extrapolando o espaço do poema, fazendo qualquer preceito estipulado “sair do prumo”, bem como os próprios poetas.

Outro Triplex que vale a pena registrar é este de Tê Soares, em parceria com a poeta mineira Nana Merij e Pedro Cardoso, composto em 13/08/01:

DESFOLHARES Nana Merij//FOLHAS MORTAS Pedro Cardoso // ARES E COMPORTAS Tê Soares

Apago sobras, // de um amor distante // de agora em diante  
De dor e mágoa // guardo as cicatrizes... // quiçá sejam águas sob as marquises  
Folhas mortas // escondidas em meu coração // a lavar trancas e portas, sonhos

E este, de cunho erótico, que não encontrei a data de composição, mas suponho que seja da mesma época do anterior:

REVOLUÇÃO Maria José Limeira // TRAIÇÃO Pedro Cardoso / TESÃO Tê Soares

Você chegou de repente // Buliu o meu corpo // cravou-me os dentes  
Nenhum aviso me deu // fugiu como uma vadia // e partiu com a mão vazia  
Me subverteu... // na escuridão da noite // levando dois desejos: o meu e o teu...

Ambos revelam a sintonia entre os autores e as possibilidades de experimentação literária, que não se restringe à produção individual; é possível criar belos poemas em parceria e ressignificar um poema que por si só já apresenta uma multiplicidade de sentidos.

Por encontrar tanta preciosidade poética, conhecer, estudar, analisar, aprofundar-me na obra de Tê Soares permitiu que eu me conectasse a ela, numa experiência poética transcendental, porque vivi a possibilidade de visitar um outro mundo, um universo poético que se conecta ao meu e ao de outrem, porque está impregnado de versos que conecta nossa essência de humanidade.

Tê Soares nos apresenta uma poesia autêntica, embebida de subjetividade, de exacerbação de sentimentos, de emoções que nos remetem às nossas vivências, por isso, o que ela escreveu vem ao encontro de ideologias e de idiosincrasias que se conectam com o senso de humanidade de muitos outros poetas e mantém viva a chama de sua existência terrena.

A arte da sedução na poética de Tê Soares

Tê Soares também se aventurou na escrita de poesia erótica, como já foi possível perceber no Triplex composto por Tê Soares com Maria José Limeira e Pedro Cardoso. E, se considerarmos que os poemas a seguir foram escritos em 2001, podemos perceber que a poetrixta expõe ao público uma poesia libertária, uma vez que as mulheres, ao adentrarem o espaço da literatura erótica também estão expostas, porque é difícil para o leitor diferenciar a voz do eu lírico com a voz da autoria.

O PoetrixFugaz despertou a veia poética erótica de Pedro Cardoso que, aprofundando o jogo de sentidos e imagens que o poema carrega, compôs não um, mas dois Duplix com Tê, ampliando a conexão entre as duas criações poéticas, além de ampliar as interpretações que o poema sugere,



alterando a ordem de colocação de cada Poetrix. O resultado? Talvez algum leitor mais ousado se arrisque a descrevê-lo, em toda a sua sensualidade, em seu movimento erótico subliminar, que aguça a imaginação e desperta a libido.

Fugaz Tê Soares (DF)//Amante Pedro Cardoso (DF)

Cama desarrumada,//corpos jogados,  
liberdade para as borboletas//agora somos  
estampadas nos lençóis...//carcaça de nós...

Amante Pedro Cardoso (DF)//Fugaz Tê Soares (DF)

corpos jogados,//cama desarrumada,  
agora somos//liberdade para as borboletas  
carcaça de nós...//estampadas nos lençóis...

A ousadia da autora foi além de alguns escritos, pois vários poemas apresentam o erotismo em sua beleza e despertam, além da imaginação, muito falatório, porque falar de sexualidade desvela um baú de desejos contidos, à luz de uma sociedade que vive nas trevas do preconceito e que faz com que esse viés da literatura seja explorado por poucos autores. Tê ousou. E o eu lírico de seus Poetrix eróticos revelou-nos toda sua sensibilidade com tema tão melindroso, muito mais restrito à imaginação e à prática clandestina do que às “vias de fato”.

#### IMAGINAÇÃO

em meu seio tímido  
um sexo solidário  
me desorganiza. E agora?

Esse poema de Tê Soares fez eco na imaginação do poeta Djalma Filho e ambos, unindo suas composições, criaram um maravilhoso Duplix, composto em 13/08/01, permeado de sedução e dos interditos do erotismo, numa sintonia que faz a cadência do ato sexual se tornar uma dança, na qual os parceiros se conectam, entrelaçando corpos e extravasando a emoção.

EJACULAÇÃO Djalma Filho//IMAGINAÇÃO Tê Soares

Tua boca úmida//em meu seio tímido  
entre pernas solitárias//um sexo solidário  
molha meu colo...//me desorganiza. E agora?

As imagens que o poema erótico suscita despertam no leitor toda a magia do desejo que se realiza e se esvai, deixando o eu lírico com as emoções à deriva. Como afirma Gamelot (2010), a narrativa erótica deve ser concebida como uma pintura que se olha indiscretamente, uma imagem furtiva, uma espécie de estranha câmara escura, uma percepção através de um rombo, em que tudo se passa como os seus modelos não tivessem consciência de serem vistos ou não, então, absorvidos pelo prazer, fizessem de conta que não houvesse testemunha (Goulemot, 2000, p. 71-72).

Assim, os poetrixtas convocam o leitor a se deixar seduzir pela magia dos versos, que devem ser apreciados com a mente libera de interdições, pudores ou preconceitos, afinal, que seria da poesia erótica se não despertasse desejos?

EJACULAÇÃO Djalma Filho//IMAGINAÇÃO Tê Soares

Tua boca úmida//em meu seio tímido

entre pernas solitárias//um sexo solidário  
molha meu colo.//me desorganiza. E agora?

Analisando a composição formal, a junção dos dois poemas tem o uso de proparoxítonas nos dois primeiros versos, de paroxítonas nos demais versos, conferindo musicalidade à declamação. O uso das proparoxítonas, que representam uma regra fixa de acentuação em Língua Portuguesa, tem a função de demarcar certa apreensão e até mesmo, certa retração ou timidez, diante de o que, supostamente, seria “proibido” expor, mas, em seguida, ao fazer uso das paroxítonas no final dos versos seguintes, o eu lírico solta as amarras do desejo contido e é despertado para o gozo, sem mais pudores formais, inclusive, abolindo as rimas.

O enlace poético entre os Poetrix de Djalma e de Tê Soares também sugere uma sintonia literária entre os autores, uma vez que a composição solo possibilita que o autor se expresse subjetivamente, sem comprometimento com a velocidade de o que diz, enquanto a escrita em conjunto exige que os autores confiem, não apenas seus conhecimentos sobre a linguagem poética, mas também que entrem em sintonia com as ideias e reflexões que o poema suscita, além de si mesmos.

Outro Duplix de teor erótico, agora composto por Tê Soares com Aila Magalhães podem dar margem ao leitor incauto a questionar a sexualidade das autoras, desconhecendo que a poesia não tem “sexo”, tem um sujeito poético que se expressa nas mais variadas identidades.

VIRTUAL Aila Magalhães//FACTUAL Tê Soares

Respiro teus cheiros//reviro seus pelos  
Desgusto teus sabores// com a volúpia dos seus odores  
Gozo teu invisível amor...//de noite - dia inteiro sem o sol se pôr

. Esse instigante Duplix, composto por duas mulheres libertárias, é de uma sexualidade e sensualidade extravasantes, que pode, sim, representar uma relação homossexual, o que corrobora com a ideia de que as autoras, livres de preconceito, conseguiram expressar o amor universal, não apenas uma relação corporal, fisiológica.

Nesses poemas eróticos, temos o leitor como voyeur. Como disse Jean-Marie Goulemot (2000, página 66), o texto erótico “pode engendrar o desejo de gozo descrevendo os corpos oferecidos ao desejo e estimulando, ou ensinando o quadro de gestos e as atitudes do próprio gozo”. Assim, no eu lírico, Tê e Djalma expressam toda a emoção que envolve o ato sexual numa linguagem subliminar que faz com que o leitor vivencie a cena descrita e compartilhe da sensualidade expressa na escolha vocabular.

Como afirmaram Deleuze & Guattari (1972-1973) “Le desir est unexil, ledesir est un desertquitraverselecorpssansorganes, et nous fait passer d’une de ses faces a l’autre. Jamais unexilindividuel, jamais undesertpersonnel”. Partindo dessa premissa, constata-se que a arte da sedução foi muito bem elaborada por Tê Soares e suas parcerias poéticas, porque atravessaram o “deserto do erotismo” e demonstraram afinidades autorais e concepções de escrita em comum, além da proficiência na abordagem do tema, para muitos, um tabu.

A distância temporal versus a sintonia poética entre Tê Soares e eu

“Escrever é uma questão de devir, sempre inacabado, sempre a fazer-se, que extravasa toda a matéria vivível ou vivida” (Deleuze, 1997, p. 11). Esse movimento poético, que encontra outro pensar, além da “matéria vivível”, como o encontro entre a literatura de Tê Soares e a minha, faz-me pensar numa relação de conexão, não apenas poética, além da razão da existência. O devir representa o quebrar barreiras, deletar parâmetros fixos, ir além da própria imaginação.

Em conversa com Pedro Cardoso ele me sugeriu que eu buscasse a sintonia de minhas composições com os Poetrix de Tê. Propus-me a encontrar em meu arquivo de Poetrix, de antes de conhecer a obra de Tê Soares (já compostos, porque senão forjaria a conexão) alguns que dialogam com os Poetrix de Tê e estabelecer uma relação holística com sua obra. Escolhi os três

poemas dela, publicados na Antologia Poetrix, de 2012, assim, estabeleço também uma década de distância temporal terrena e conecto nossos fazeres poéticos, com possibilidades de análise de contextos e de idiossincrasias.

...AMÉM! ... Tê Soares//ORAÇÃO DE POETA @ Cleusa Piovesan (01/01/23)

ave palavra, cheia de graça // Versos num universo  
bendito é o fruto do teu ventre // rimas no ritmo certo  
que me traz, sempre, um pão pra comer.// rogo por inspiração

OLHA... Tê Soares // ALICERCES Cleusa Piovesan (17/07/23)

quem disse // Pés no chão  
disse leve // mente na fé  
como quem dissesse tudo... // razões para viver

A QUEM SE FOI... Cleusa Piovesan (01/11/23) // JURAS Tê Soares//

Lágrimas de saudade // no dorso amante,  
a dor do adeus // a mão ausente  
lamento na cinza das horas //é dor só.

Nesse jogo do devir, a poética se amplia, constrói-se em outros planos, conecta-nos a autores/as que deixaram suas impressões sobre o mundo, e, assim, foi possível esse encontro poético entre a obra de Tê Sores e a minha; um encontro de almas que se conectam pela arte literária.

A poesia é linguagem universal, perpassa as dimensões de tempo e de espaço e permite-nos transitar pela memória e pela imaginação por meio do mesmo veículo: a literatura, por isso, o leque de possibilidades que se abre ao bel prazer dos/as poetas, dispõe de uma paleta inimaginável de recursos, ativados pela inspiração para criar o que se define por ourivesaria poética, a qual registra a vida em momentos de “nirvana poético”, transcendendo tudo o que a realidade aprisiona.

## Conclusão

Aventurar-me na escrita de um ensaio sobre uma autora que, praticamente, vivia no anonimato foi um desafio, mas encarei-o como uma nova perspectiva de aprendizagem e, realmente, o foi, além de me propiciar conhecer os meandros da escrita de Tê Soares, tive o grato prazer de me conectar com Pedro Cardoso, não apenas virtualmente, mas poeticamente, e ressignificar sua poética por meio dos meandros da memória.

Ao desvelar a riqueza dos Poetrix compostos por Tê Soares, posso apresentar ao público a simplicidade e o comprometimento dela com a arte poética, por meio da publicação de alguns de seus Poetrix (alguns nunca publicados) e das análises que teci, destacando não apenas os recursos poéticos que ela utilizava, mas a relação semiótica que ela imprimia em sua composição, ampliando, assim, o sentido de cada poema.

Descobrir as peculiaridades de composição da obra de Tê Soares, fez-me perceber seu estilo próprio, que se caracteriza, principalmente, pelo uso do embanjamento pelo pouco uso dos verbos de ação, preferindo os verbos de estado. Esses recursos denotam o conhecimento de linguagem da autora e sua preocupação, além da própria inspiração, com o fazer poético, suas significações e a expressividade das emoções.

A evocação das imagens nos Poetrix de Tê Soares é essencial, pois suscita descrições minuciosas que envolvem o eu lírico e direciona as possibilidades de leitura e de interpretação, tanto de elementos explícitos quanto implícitos, revelando uma afinidade com o contexto social

de produção e com um contexto de mundo que se torna universal aos leitores, uma vez que é possível uma identificação de sentido com situações comezinhas, às quais não damos atenção. Ao fazer esta análise literária, foi-me possível compreender que dar sentido, significar ou ressignificar, vai além do próprio texto, porque há uma representação imagem/sentido, atrelada um contexto social, e é um significado que expressa uma realidade concreta e/ou idealizada, real e/ou imaginária, presentes nos textos poéticos de circulação social. Enredar-me nos escritos de Tê Soares fez-me conhece-la nas entrelinhas de seus Poetrix.

## Referências

- CANDAU, Joël. Memória e identidade. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. L'Anti-Oedipe. Paris: Minuit, 1972-1973.
- GAMELOT, Jean-Marie. Esses livros que se leem com uma só mão: leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII. Tradução de Maria Aparecida Corrêa. – São Paulo: Discurso Editorial, 2000.
- LISPECTOR, Clarice. Um sopro de vida: pulsações. Rocco Digital, out/2020.
- PIGNATARI, Décio. Semiótica & Literatura. 6a ed. – São Paulo – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.
- POUND, Ezra. ABC da literatura. Organização e apresentação da edição brasileira Augusto de Campos; tradução de José Paulo Paes, Augusto de Campos – 12a ed. – São Paulo: Cultrix, 2013.



# Poemas

Por Adailton Ferreira (Poeta Adailton)

Saudade

Um pingo de lágrima que cai no rosto.  
Inundando o coração.  
Um aceno com uma das mãos -Tchau.  
O rosto sumindo pelo retrovisor- Despedida.  
São as lembranças de uma vida.  
De alguém que partiu para a eternidade.  
Aqueles momentos de felicidade que marcaram história.  
Que insistem em "morar" na memória.  
A pessoa que sempre esteve ao seu lado.  
Que não morreu junto com o passado.  
É uma dor sorridente.  
E está viva no presente.  
É ver apenas aquela pessoa.  
Em meio a tanta gente.

A fome

É um vazio na barriga;  
É sentir o cheiro da comida e não poder saciar;  
É a dor de ver uma criança chorar por um prato de comida;  
É pedir a alguém um "restinho de comida" que sobrou do jantar;  
  
É perceber que o que você ganha não é o suficiente ;  
É ouvir o choro dos inocentes por um pedaço de pão;  
É um gesto de homens, mulheres e crianças estirando uma das mãos;  
  
É ver os pobres apanhando migalhas do chão;  
É o sacrifício de não conseguir trazer para casa o pão nosso de cada dia;  
É a geladeira de muitos cheia e a sua vazia;  
É a mãe enganar a criança deixando ela mamar no peito vazio;  
  
É para o mundo um grande desafio;  
É tornar um homem, muitas vezes, um bicho;  
É catar comida no lixo.

Poeta Adailton

Por Adailton Ferreira (Poeta Adailton)

Saudade

Um pingo de lágrima que cai no rosto.  
Inundando o coração.  
Um aceno com uma das mãos -Tchau.  
O rosto sumindo pelo retrovisor- Despedida.

São as lembranças de uma vida.  
De alguém que partiu para a eternidade.  
Aqueles momentos de felicidade que marcaram história.  
Que insistem em "morar" na memória.  
A pessoa que sempre esteve ao seu lado.  
Que não morreu junto com o passado.  
É uma dor sorridente.  
E está viva no presente.  
É ver apenas aquela pessoa.  
Em meio a tanta gente.

## TRANSFORMACIÓN DE LA ENERGÍA

Siempre comprendo tus miles de nombres para evocarte  
y exijo a los dioses me otorguen la dicha del canto  
que atrape el concepto de un verso  
enredado en la punta del sueño de un águila.

Mis decisiones presagian carbones henchidos de intentos.  
Cincelo tus nombres, las tintas apuran mis noches y arropan  
los saltos de soles humeantes  
que sabrán dibujar mi insistente llamada.

Desde que naces comprendo tus ojos, la piel de tus gritos.  
Recuerdo feliz si te beso desnuda, mi fuego sospecha  
la muerte y la vida. Se encienden  
mis adargas al filo secreto de un átomo.

## EVOCACIÓN

Si decido evocarte impongo un reto  
a mi memoria casi siempre hastiada  
de esfuerzos de alto vuelo (eso me digo).  
Debo restar, llegar a cero rabia,  
a cero aldabonazos invariables,  
a saliva sin sangre: cosas raras  
que ya no están aquí: son el pasado  
y requieren complejas matemáticas.

Si decido evocarte he de obligarme  
al tenaz percutir en las bisagras  
de una tarde olvidada cuando el brillo  
de tus ojos marcaron mis barajas...  
Y me aferré a tu piel con mis pupilas  
que ignoraban inviernos, que de playas  
gritaban la alegría satisfechas...  
sin saber de barajas estrujadas.

Si decido evocarte y escalar  
erosionada cumbre y remontara  
las palabras de versos que no fueron  
(Aunque habitan seguros: cabalgatas  
que luego autoplagié cobardemente):  
Mi tristeza rehiciera en serenata  
tenue que en otro tiempo doblegado  
fuera ganancia poética en tus sábanas.

Si decido evocarte en mis canciones  
tal vez convoque a tiempo las alarmas  
que descuajen mi sangre resentida...  
Pero no evocaré cristal de llamas:  
No he de correr el riesgo de incendiarme  
si puedo remedar cualquier falacia



y elevarme en el vuelo (eso me digo)  
y hacer creer que evoco con mi farsa.

Alejandro Emilio Ramírez Ravelo (Jobabo, Las Tunas, Cuba)

Alejandro Emilio Ramírez Ravelo. Nacido en 1967 en Jobabo, Las Tunas. Cuba.  
Poeta, narrador y crítico literario. Ingeniero Mecánico. Profesor universitario de Ciencias  
Técnicas y Filosofía, aunque la docencia la ejerce ocasionalmente.

Decidió dar a conocer parte de su obra en el año 2022.

Ha obtenido varios premios y reconocimientos en concursos de narrativa y poesía en Argentina,  
España y México.

Poemas, relatos y ensayos suyos integran antologías y revistas publicadas en España,  
Argentina, México y Venezuela.

Publica ensayos, reseñas y poesías con alguna regularidad desde el 2023 en la revista digital  
«Archivos del Sur» que dirige y edita la escritora y periodista argentina Araceli Otamendi.

Posee un cuaderno de poesías publicado en formato digital: «Poemas y espirales» Editorial  
Hoja en Blanco. Colombia.

## LAS INVISIBLES

Cuando la nevada haya amainado,  
volverá a contemplar  
en su memoria fría, la imagen  
de una pequeña iglesia bañada  
por la luz del crepúsculo.  
Copia de copia evocará  
esa foto de Fontán (1913)  
tomada de un grabado que alguno  
tituló "Vienne La Chateau-L'Eglise".

De igual modo, ribeteado  
por el marco sumiso  
del espejo,  
un Giorgio juvenil clava  
su lanza en las fauces de un animal alado.  
A sus pies, bebo  
con los ojos la imagen, adoro al santo  
en su armadura de plata  
y al padre cubierto  
por un sombrero de paja de Italia (1954)  
que protege sus ojos del resplandor que exhala  
toda muerte continua  
de un dragón.

Atravesar, cruzar  
en todas direcciones  
un ámbito teniendo como límite  
el no sobrepasarlo.  
Atravesar, cruzar  
en todos los posibles sentidos  
con ese único límite.  
Atravesar, cruzar a toda hora  
con el único límite  
de cancelar las invisibles líneas  
divisorias:  
los reflejos de una palabra,  
el silencio imposible  
en un cementerio alemán a kilómetros  
de Four de París hacia Varennes (1944),  
el dibujo que hace la sombra de una pared de piedra  
al brotar desde el agua en la luz otoñal,  
este día claro de octubre que habla como un espejo  
sobre el cual todas las invisibles  
se deslizan.

## EN LAS VÍSPERAS DEL FIN DEL VERANO

Y aún no hice hablar el dorso  
de las hojas, las anfractuosi-  
dades del tronco, la desnudez

de las ramas más bajas.  
¿Y para qué habrían de hablar?  
Con pasos de insecto colorido,  
de qué hablarían, para quién  
y por qué.  
Imitaría la economía doméstica del árbol  
que este verano no produce semillas  
porque desea alargar sus ramas:  
una administración y una ética  
es decir, una política.  
Velocidad de insecto colorido  
y diseño que su trayecto imprime  
en la retina, una estética.  
Entre el suelo y la rama  
pliegues acústicos,  
rulos de espacio aéreo.  
La manguera  
por la hierba  
culebra.  
La comparación de rutina  
parecería alimentar la estética  
de un orden de lo real  
que el deseo desmantela.

Alicia SILVA REY / De: FRAGMENTO DE CORRESPONDENCIAS. Inédito.

(c) Alicia Silva Rey  
Ezpeleta  
Provincia de Buenos Aires

Alicia Silva Rey nació en Quilmes, provincia de Buenos Aires, en 1950.

Publicó: La solitudine (Bs. As., CILC, 2009), (circa), Buenos Aires, Años Luz, 2014, Partes del campo (2015), Ediciones de la Eterna, Col. El carterista de Bresson, San Miguel de Tucumán-Buenos Aires, La mujercita del espejo (editada por primera vez en formato libro), Ediciones de la Eterna, Col. El carterista de Bresson, San Miguel de Tucumán – Buenos Aires, 2015; Orillos, editado en papel y como E-Book por Barnacle Libros, Buenos Aires, 2015 <http://issuu.com/barnacle-book/docs/silvarey>, El poder de unos límites, Buenos Aires, Barnacle, 2019.

“En las vísperas del fin del verano”, Colección Poetas Argentinas, Biblioteca de las Grandes Naciones, País Vasco, España, 2016. E-Book <http://www.calameo.com/books/004541853be8997637bf2>

Sus poemas han sido traducidos parcialmente al coreano, al italiano y al portugués.

Las tres cuartas partes de su obra (poesía, narrativa, ensayo) permanece inédita.

Reseñas bibliográficas suyas sobre poesía argentina contemporánea, circulan por distintos medios gráficos y digitales.

Angela Ferreira

## PODEROSA

Ferida se encontra  
a mulher marcada  
pela falta... Espera.

Similar ao caminhar de uma  
fera, percorre sagaz o campo.  
Perdoa ego traidor, se regenera.  
Constante atenção a cada passo,  
seu ideal de felicidade impera.

## FOME

não só alimento, justiça!  
prato vazio  
balança sem peso

## PALATAL

Sílabas soltas  
Termos restritos  
Toco o céu

Escritora e poeta, autora do livro Aflorar Poetrix(Scortecci, 2022); Insights Poéticos (Jornal de Beltrão, 2024).

Instagram: @angela.ferreira3

O poema Poderosa faz parte do livro Metamorfose Poética (III Antologia SPINA) – Areia Dourada, 2023;

Fome e Palatal fazem parte do livro Ecos e Gritos (III Coletânea Ciranda Poetrix) - Scortecci, 2022.



Ex Nihilo

De pedaço em pedaço  
Me desfaço em mais cacos  
E deles o caos se instaura  
No espaço oco  
Pouco importa o que antes importou  
Já que o sentido se perdeu  
E a indiferença já lavou  
Lacre, lá dentro,  
O que já transbordou para fora  
E deixa, por ora,  
A ilusão de ser  
Algo mais para se ter  
Quando tudo já se vai  
Não se apaguei jamais  
Aquilo que se foi  
Não seja um, sendo dois,  
Nem se culpe ao todo ou em partes  
Porque no fundo se bate,  
Ainda se pode nascer dor.

Aconteceu num Carnaval qualquer  
Sangre  
Doa  
Como se fosse me matar  
Para que eu possa sentir  
E se sobreviver  
Nunca mais sentir essa dor.  
Você se tornará um pensamento distante  
Um desejo que não irá se realizar  
Uma vontade de tudo,  
Quando você não queria nada  
Uma disposição para sangrar  
O quanto fosse necessário  
Para vocês pudessem ter felicidade  
E você apostou tudo numa aventura  
E agora  
Torço que consiga lidar com as incertezas  
E inseguranças que virão  
E quando pensar em mim  
Me procure no passado  
Por que o eu do futuro não  
Será mais aqueles disposto a peitar tudo no peito  
Por você  
Pois você será só um pensamento e uma  
Lembrança  
De alguém que quanto mais corri  
Atrás mais fugiu de mim  
Eu tentando lutar para ocupar um espaço que  
Nunca foi meu  
Agora siga  
E quando lembrar de mim

Procure no passado  
Pois para o eu do futuro você  
Não é nada mais que um trauma  
Uma lembrança e um pensamento.  
Conviva com isso  
E se doer  
Tente lembrar de quantas vezes eu me reduzi  
Para ocupar um espaço que nunca foi meu  
E num carnaval você escolheu  
Abortar uma história  
Com final feliz para viver uma aventura  
Faticamente condenada a fracasso  
E quando procurar um culpado  
He no espelho e verá  
O ser desprezível que guiou  
Suas escolhas rumo ao abismo  
E aí reina o caos.

#### Palavras ao Vazio

Dói?  
Mas deixa doer em silêncio  
Só não se permita chorar  
E sangrar pelo mesmo motivo  
Sinta, sem analgésico  
E se isso não te matar  
Aprenda o que é para ti  
E o que não deve ser  
Que nem tudo que queremos pra  
Nós  
Realmente irá nos pertencer.  
Sangre, crianças,  
Adormeça no caos  
Desabando de cansaço e dor  
E se acaso amanhã ainda estiver  
Vivo,  
Ao levantar aprenda de uma vez  
Por todas  
Que os amaldiçoados pelo estigma  
Não podem se dar à ilusão  
De uma vida normal e feliz  
Não por mérito,  
Mas porque ninguém escapa de quem é  
E no fundo, aquilo que você dá  
Com tanta naturalidade e disposição  
Ninguém irá retribuir  
E desse modo, a história irá se repetir  
Como um ciclo de idas e voltas  
Sabendo que sempre voltará a esse ponto.  
Entenda: alguns já nascem mortos.  
Dê sentido à sua vida de outras formas  
Esquecendo de dar significado a uma  
Palavra que nem você sabe o que é.  
Faça o que veio fazer,  
Termine o que começou,

No seu tempo e, depois,  
Descansa de uma vez  
Dessa atribulação que  
Muitos chamam de vida e da  
Qual você luta incessantemente pra  
Dá sentido.  
Tolice.  
O mundo é sem sentido.

Comentários sobre o poema de Rosângela Trajano de 12 de janeiro de 2024

A leitura é um processo delicado: ela pode nos conectar a uma versão de nós que, não raro, pensávamos que tivesse adormecida. Às vezes, obriga-nos ao confronto com o âmago de quem somos, a olharmos para as dores das quais não falamos e, ao não falar, caímos no engodo de que elas existem.

Ao ler o poema da Rosângela, me vi confrontado com um misto de sensações, muitas sensações, além de uma intensa revisita a algumas obras e textos – os quais, confesso, há muito havia me afastado. Na leitura, reacendi memórias e sensações. Me defrontei com o menino que um dia fui, inseguro, confuso, frágil, mas determinado.

Lembrei de quando lia Victor Hugo, num inverno intenso e tempestuoso, quando a saúde ainda me faltava. Ler pode também salvar, auxiliar, ser um bálsamo para dificuldades e sensações... Reafirmo o que já havia dito: quanta intensidade num poema; quanta singeleza e identificação. Agradeço a Rosângela, por, sem saber, tocar em parte de minha dor e me lembrar que ao fazer poesia, às vezes a dor deixa de ser tão forte, se torna suportável. Obrigado por me lembrar que sofro, pois sinto, e o faço por ser humano e, assim sendo, me faço a cada dia cobrança para ser uma versão menos pior, nesse mundo caótico. Pelo amor que não tive – nem tenho (ainda?) – e pela incerteza de abraçar o futuro que ainda virá.

José Domingos Angelo Santos é graduado em Letras Português pela UFS e mestre em Letras pela mesma universidade, sendo professor da educação básica. De quando em quando rascunha pensamentos soltos, aos quais aqui e acolá possuem traços de poesia, escrevendo sobre temas que vão desde o ser ao vazio. E-mail: josevernaculo@gmail.com



Infancia

## Para Ámbar

El lobo, Caperucita y la abuela son  
una única marioneta con tres caras distintas  
se ríe con la niña de semejante hallazgo  
juegan juntas  
el terror infantil retrocede:  
ya no vendrán el muñeco maldito, el hombre de la bolsa o la mano negra  
al menos ellas sabrán reír para espantarlos

---

Imágenes Hopper

La imagen congelada de una pintura de Edward Hopper  
en este tiempo gris  
las palabras se garabatean solas en una pantalla  
figura protagónica y espectadora simultánea en la cafetería de una estación de servicio  
no se atreve a salir de ese lugar y de nuevo entrar en aquella casa  
a buscar una vida que una vez dejó  
miedo de hallarla huérfana, solitaria, sin palabras

© Araceli Otamendi

Araceli Otamendi (Quilmes, Provincia de Buenos Aires, desde los 9 años vive en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires.

Graduada en Análisis de Sistemas en la Universidad Tecnológica Nacional, Facultad Regional Buenos Aires, ejerció esa profesión durante varios años.

Escritora y periodista cultural. Participó en varios talleres literarios, principalmente en el de Mirta Arlt. Desde hace veintidós años dirige y edita las revistas de cultura Archivos del Sur y Barco de papel.

Escribe cuentos, novelas, ensayos, crónicas y poesía. Tradujo a varias escritoras y escritores brasileños al español.

En 1994 recibió el Premio Fundación El Libro por su novela policial Pájaros debajo de la piel y cerveza.

Desde marzo de 2022 es miembro correspondiente de la Academia Gloriense de Letras, (Brasil), silla Nro. 9 Silvina Ocampo <https://revistaarchivosdelsur.blogspot.com/p/araceli-otamendi-escritora-y-periodista.html>



As estações despertam emoções

Ariane de Medeiros Pereira  
Caicó/RN

Ao longe se avistava aquele lindo luar  
De casa ele a percebia com um olhar de saudade  
Saudade de um tempo que havia vivido  
E que, agora, já não mais sentia.

Na rua os apaixonados a olhava  
Com a esperança de um amor em infinidade  
Ela, por outro lado, abençoava a todos  
Não gostava dos olhares de desilusão.

Acreditava que aquela era uma fase  
Daquele que ainda estava a acreditar  
Que tudo poderia mudar  
Bastava acreditar no poder do luar!

Com um mês lá estava ele  
A desfrutar de seu amor incondicional  
Ela de lá sorria encantada  
Sabendo que abençoava aquele reencontrar de almas.

## Chuva do meu Sertão

Lá no meu sertão,  
Quando a chuva cai,  
O tapete, que era cinza, se transforma em um lindo pasto verde.  
Os pássaros voam e cantam pra lá e pra cá.

Com a bela chuva, a lagoinha tá cheia.  
Os sapos fazem aquela melodia ao luar.  
Os grilos embalam com seus cantos.  
As flores florescem e ficam mais belas encantando os lugares de lá.

Mas o que é bom mesmo é aquela chuvinha de madrugada.  
Você fica toda embrulhada  
Com aquela coberta que estava há tanto tempo guardada,  
Só esperando ser usada por aquela pessoa tão amada.

O dia amanhece com um novo tom.  
Tudo reluz na magnitude do som  
Da chuva que não para.  
E tudo logo se repara.

Com cheiro de chuva,  
O cheiro forte do café.  
Logo vem alguém e faz um cafuné.  
O friozinho chega, e já tem gente de luva.

A redinha armada na camarinha.  
Todos podem se balançar e cantar aquela musiquinha,  
Pois não tem nenhuma vizinha  
Pra reclamar e gerar aquela confusãozinha.

A chuva é abençoada:  
Ela é afeiçoada.  
No solo do sertão,  
Brota o primeiro pé de feijão.

Pra alegria de toda a moçada,  
Nós logo vamos fazer aquela feijoada.  
Comemorar com gratidão  
Tudo que nasce em nosso chão.

## Biografia

Auricélia Melo Feijão.  
Residente em Crato-CE.  
Idealizadora e Coordenadora do Projeto Leitura na Praça.  
Ens. Superior: Universidade Regional do Cariri - URCA.  
[@psicopedagoga\\_auricelia\\_melo](#)

## DESDE EL DESVÁN

El espejo refleja  
un tiempo anticipado  
de una escaramuza débil y errónea  
de temblores difusos  
de otro amanecer  
doliente  
sangrante.  
Donde no estás .  
Donde no estoy.

-----

## ANIVERSARIOS

Inútil zurcir el dolor  
que suma el calendario.  
Inútil volcar versos  
en espejos craquelados  
por cuantiosas laceraciones  
desdeñadas y omitidas.

©Beatriz Iriart

Beatriz Iriart

Nace en otoño (12 de mayo) en La Plata, Argentina.

Miembro de la "Sociedad de Escritores Latinoamericanos de California y Capítulo Internacional en Internet (SELC y CII), California, Estados Unidos. Ha recibido premios y menciones de la S.A.D.E (Sociedad Argentina de Escritores), S.E.P (Sociedad de Escritores de la Provincia de Buenos Aires). Miembro de la Sociedad de Escritores Latinoamericanos de California y Capítulo Internacional en Internet (SELC y CII), California, Estados Unidos, entre otros reconocimientos.

Publicó los libros:

"Perspectivas" (1977)

"Collage de Cinco" (1981)

"Extraño Linaje" (1984)

"La Muerte Quiere" (2003)

"La Muerte Quiere" segunda edición (2016)

"Te He Soñado Tanto Libertad" (2017)

Su obra es publicada en inglés y portugués en varios países y en diferentes antologías en su país y en el extranjero.

Estudió cerámica y pintura.

Formó parte del movimiento underground en la década del '70, colaborando con la revista literaria "Machu Picchu".

La afamada compositora venezolana Diana Arismendi, compuso en el año 2015 la obra "In memoriam", para conmemorar el HOLOCAUSTO, inspirándose el segundo movimiento de la obra en el poema "Yo estuve en Auschwitz" de la poeta Beatriz Iriart.

El concierto fue organizado por el Espacio Anna Frank de Caracas y participó la orquesta Sinfónica de Venezuela dirigida por el maestro Alfredo Rugeles.

Holocausto: Con poemas de Maiakovski, Elsa Langer, Beatriz Iriart y un texto de Javier Romañach, la Fundación Rey Ardid recordó al millón de personas con discapacidad asesinadas por los nazis / España, 3 de febrero de 2015.

brincando de poesia...

é o sol, é a vida  
canto de travessia  
alegria de chegada

o tudo e o nada  
caminhada de espinhos  
é um conto de fada

a carência, a demência  
absurdo da fala  
vazio da ausência

a passarada no ar  
o gostar, o amar  
minha necessidade

canto de cotovia  
é a ilha, é o rio  
desafio de estrada

é fogão de lenha  
comida mineira  
videira carregada

é o passo, é a peste  
sangue na alvorada  
veste de temporada

é a beira, é a feira  
carrera da manhã  
pulo na ribanceira

geladeira vazia  
absinto na pia  
pecado na madrugada

é a trilha, utopia  
busca da liberdade  
é o sonho, é a via

é a flor, é o vento  
alento que se precisa  
é a causa e o efeito

jeito de anarquista  
minha vista cansada  
é o fim da picada

bethiacomini

“Triste caminhada”

A cada passo que dou, a tristeza segue o ruído dos meus sapatos,  
desde que você se foi, esse lugar é um vilarejo vazio.

Me sinto perdido!

E mesmo assim,  
me pego à caminho da tua casa.

Se vejo uma taça de vinho, todas as nossas histórias me tornam à memória.

Tua camisa amassada na cabeceira da cama,

o teu café doce de mais,

o teu cheiro gostoso pela manhã...

Todos os dias, ainda faço café pra dois!

Eu vivo subindo a ladeira da tua casa.

Dia, após, dia.

Assim como no poema, VIVO:

Na

Torta.

Rua

À

Lua  
Morta.

Em

Porta.

Tua

Espero que um dia você abra de novo!

-Camilly Souza Andrade.

Camilly Souza Andrade, tem 29 anos, é da cidade de João Pessoa na Paraíba. Professora do ensino básico, Publicitária, Formada em letras na língua portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba.

Contista, poeta e romancista, Camilly é apaixonada pela literatura em suas diversas facetas.

Me encontro em lágrimas

Depois de todos esses anos,  
sonhos, planos...  
Te encontrei na rua.  
E com a alma nua, vulnerável estava.

De novo éramos dois estranhos,  
esquecemos, lembramos...  
E de quem era a culpa?  
Em resposta: nada!

As lágrimas escorreram o rosto,  
e no fundo do poço,  
Eu ficara.

As memórias trouxeram à mente,  
A lembrança que o sempre...  
Sempre...ACABA!

Que tristeza encontrar-te.

- Camilly Souza Andrade.

Camilly Souza Andrade, tem 29 anos, é da cidade de João Pessoa na Paraíba. Professora do ensino básico, Publicitária, Formada em letras na língua portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba. Contista, poeta e romancista, Camilly é apaixonada pela literatura em suas diversas facetas.

E se você

E se você chorasse após uma lembrança feliz?

E se você, durante o choro feliz, sentisse que ela é especial?

E se você, após chorar e sorrir, ficasse sério, com medo, receio e dúvidas?

E se você sentisse arder no peito e na cabeça uma sensação intensa motivada por ela?

E se você, que chora e ri, que seriamente tem medos, dúvidas e receios e sente a vida arder e queimar intensamente não conseguisse tirá-la da cabeça?

E se você escrevesse isso, assim, em formato de poesia, será que ela gostaria?

E se você, embriagado de desejos e sonhos um dia, na realidade compartilhada sobriamente por vocês, a pedisse em casamento, será que ela aceitaria?

E se você seguir assim, a adorando cada dia mais, será que isso se tornará algo mais que paixão?

E se você apenas sentisse a felicidade que esse choro expressa, será que teria escrito esse texto com a feliz sensação de que a lembrança é boa porque é real?

Carlos Henrique



## Laços e nós

Tem um laço que me enlaça  
Laço de sangue  
Entrelaçado nos seus braços  
Acordo de um sonho sem som  
Não falo  
Não sorrio  
Não penso  
Sinto  
Apenas sinto e ao sentir me perco nas pontas do  
(Entre)  
Lanços  
Que enlaçam  
Entre o som e o silêncio  
Nós  
Nós que apertam o laço  
Preso em seu sorriso  
Sorrio  
Só rio  
Só  
Desfaço os nós  
(Não há nós)  
Sozinho  
Sigo entrelaçado entre palavras e desejos

Carlos Henrique

Sem título

Após tomar meu café eu paro, olho o céu e penso nas surpresas da vida  
Até há pouco tempo você era para mim o que a nuvem talvez seja para quem a vê no céu:

sabemos que ela existe, que ontem ou há dez, vinte anos ela esteve ali e que muito provavelmente ela estará nesse vazio que projetamos com o nome de futuro

Sabemos ainda da importância das nuvens

Que levam chuvas a regiões distantes

Contribuem para manter certa temperatura no planeta

Tem nomes e formas

Mas e se de um dia pro outro não houvesse mais nuvem?

Que saudades nós sentiríamos dela?

Você era a nuvem do meu céu: existia em algum recanto da minha memória

Estava emoldurada em alguma foto não revelada do meu passado

Era um nome sem rosto

Uma ideia sem forma

Era, assim, um pretérito imperfeito

Conjugada como lembrança, memória, algo que foi

Porém num lance de dados, numa jogada do destino (?)

Você veio, lentamente surgiu como a nuvem trazida bem mansamente pelo vento

Pelo tempo, Pela vida

Então meu céu se encheu de você:

Nuvem-moça que chegou

Carregada de carisma

Beleza

Doçura e encanto

Trouxe consigo uma tempestade de emoções

Desejos, Sensações

Trouxe a chuva de afetos que me encharcou

Agora

Molhado de você

Escrevo como quem faz desenhos imaginários com as nuvens que vê no céu:

Feliz feito uma criança a brincar com a imaginação

Carlos Henrique

La patria robada  
Bajaste la guardia  
y te arrebataron la alegría,  
te robaron la patria,  
te quitaron la dignidad.  
Bajaste la guardia  
y aquí estamos otra vez,  
endeudados,  
hipotecados.  
Bajaste la guardia  
y se vendieron los amigos,  
se alquilaron las convicciones,  
se vienen abajo las paredes.  
Bajaste la guardia  
y todo está roto,  
y nadie quiere reparar nada,  
y a nadie le importa nada.  
Bajaste la guardia  
y basta de todo esto,  
una y otra vez,  
esa sensación de impunidad,  
una y otra vez  
la patria está robada.

Lentitud  
Sentir que no avanzo,  
buscando la salida,  
así me encuentro otra vez.  
La soledad no me lastima,  
me basta conmigo misma,  
yo me basto,  
porque ya basta.  
No siento miedo,  
La violencia se instaló en mi interior,  
hay una fiera en mi  
dispuesta a todo,  
y sin miedo a nada.  
Todo va lento,  
Todo está denso,  
espeso.  
No me gusta  
Quisiera reír a carcajadas,  
porque somos los pobres números  
del sistema.  
Me ahogo,  
Basta ya.  
Necesito aire,  
de verdad,  
necesito risas de paz color azul y verde,  
color de la vida.  
Basta ya de esta embestida,  
No ves que no puedo más.  
Sino frena esta venganza,

me voy a morir,  
y me van a llorar,  
y no habrá solución,  
necesito paz.  
© Carolina Camacho  
Buenos Aires

Carolina Camacho

En 2015 ganó 2do premio al mejor guión de largometraje argumental por “La persistencia del cisne”, del 21º Certamen Laboratorio México 2015 Oaxaca.

En 2020 ganó mención especial con “Anécdota con la comida”, para La Yapa de Concurso “8 formas de Identidad” de Teatro x la identidad.

En 2023 resultó finalista en el Tercer Concurso de Cuento, tema libre por los “20 años de la Revista Archivos del Sur” con el cuento “El río y el piano”

En 2023 seleccionaron dos de sus poesías “La llamada” y “Apocalipsis nocturno” para ser publicada en Antología Mujer de Primavera en Poesía Viva de Editorial La hora del cuento.

En 2024 seleccionaron su cuento “La revolución de la lluvia” para ser publicado en Revista virtual Phantasma.

## De EL PICO DE LOS PÁJAROS

Acá no hay palabras que hablen de los pájaros,  
hay pájaros.

El ronquido,  
piar,  
en medio de lastimeros fracasos  
del vuelo,

nido primigenio  
romperse un ala  
o una pata,  
caer,  
este mundo no dará reparo alguno,  
aves trastornadas,  
mismo aire,

desfallecen en verano sobre el pavimento.

Yo encontré la salvación, un pájaro herido.  
Pía, siempre pía de felicidad.  
Alegre y profundo, ni siquiera encoge sus plumones ante la lluvia.

Y ella se habrá creído muerta pero tenía dos vidas:  
la de la melancolía  
y la hondura  
de este repentino hogar.

\*\*\*

Gēzi.  
Pronuncio chino de manera ridícula  
y aún así decidí llamar Chú a mi paloma,  
se asemeja a esas formas,  
un poema oriental,  
la imitación fonética  
de la naturaleza del aire.

Las sílabas repetidas en las mañanas junto al alféizar  
tocan la atención de Chú,  
pequeña y teme,  
luego deja de temer ante los objetos nuevos. Ahora  
escucho su picoteo a un bollo de papel y  
al ver el color blanco, comprendo,  
la tristeza de las supersticiones.  
Chú, dejá eso,  
Chú, ¿quién está allí?

Vuelve a seguirme al compás de los chasquidos  
mi lengua obsesiva,  
frágil como el esqueleto de los pájaros.  
Chá le dicen al té en China,  
Wōhēchá.

Y entonces, miro y la saludo:  
Zǎoshànghǎo, Chúnǚshì.

© Catalina Boccardo  
Ciudad Autónoma de Buenos Aires

Catalina Boccardo (Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 1961). Mag. Escritura Creativa (UNTREF) y abogada (UBA)

Editora de "Periferia Sur" (Revista mexicana "Poetripiados"), columna dedicada a la difusión de poetas argentinos. Y es una de las coordinadoras de "Boceto", taller de creatividad en el cruce de la escritura y las artes visuales.

Publicó, entre otros, los siguientes títulos en poesía: "Formosa", "Bailar", "Collage", "El pico de los pájaros". Sus poemas así como sus semblanzas, relatos y reseñas de libros se encuentran publicados en múltiples páginas y/o revistas.

\*\*\*

## O Cata-Vento

Catarina Dinis Pinto

Como me lembro,  
na minha infância,  
o cata-vento,  
que roda, roda,  
roda,

R  
O  
D  
A

Sem parar,  
Rodopia sem parar ao sabor do vento,  
Que embala com carinho,  
E o faz girar sem parar,

R  
O  
D  
A

Outra vez,

A  
D  
O  
R

Tantas, mas tantas vezes,  
Que o poema saiu do lugar.  
Que saudades do cata-vento,  
Saudades da praia,  
Saudades da infância,  
E o cata-vento sem parar,  
Gira como o nosso planeta,  
Não pode parar,  
Pois as crianças não deixam se sonhar,  
Que um dia irão voar,  
Junto com o cata-vento.

LUZ

Cometa-se  
Delire-se  
Submeta-se

Ilumine-se  
Banhe-se  
Transborde-se

Limite-se  
Mire-se  
Ultrapasse-se

Grafite-se  
Transporte-se  
Simbioses.

Reflita-se  
Reflexos  
Na luz.

Clécia Santos

NOSSOS OLHOS

Mel no melação amor  
Loucuras pensadas  
No fundo do coração  
Silêncio necessário  
Intercalado entre sou  
E será você.

Nossos olhos se encontraram  
Na beira do abismo  
Nos mares mais furiosos  
Num tilintar da estupidez  
Entre o perto e o longe  
Sol e a lua.  
Você, me olhando  
E eu, nua.

Clécia Santos

Ô JARDINEIRA!

Onde? Onde se perdeu?  
Entre os lírios,  
Dos sonhos e delírios?

Clécia Santos



Asa Branca  
Cristiane Ventre

O menino ouvia a música da sanfona do pai  
E, um dia, também quis ser sanfoneiro  
Tocava em festas de sua região  
Aos 13 anos, conseguiu comprar  
Seu primeiro acordeão

Tocou em programas de calouros de rádios  
O xote, xaxado e baião  
Acompanhada do triângulo, zabumba e sanfona  
A música de Luiz Gonzaga  
Tinha mesmo a alma do sertão

Asa branca é a ave que deu nome à canção  
Do Rei do Baião  
Que fala da seca e da fome  
E da aridez do sertão

Biografia de Cristiane Ventre

É membro da Cila Confraria Internacional de Literatura e Arte. Tem paixão pelo desenho, pintura e poesia. É formada em Pedagogia e é mãe da Leticia.



Imagem de Cristiane Ventre



Imagem de Cristiane Ventre

## A flor e o beija-flor

Foi por um lindo beija-flor  
Que a flor se enamorou.  
Ele a ela beijava todo dia  
E um dia ele se declarou.

Mas eis que um certo dia  
O beija-flor não apareceu  
E de tristeza a flor chorou  
Sofria a falta do beijo seu.

O dia foi rápido passando  
E a noite então apareceu  
A linda flor caiu no pranto  
Como ela tristonha sofreu.

Naquela noite de tristeza  
De saudades e amargura  
O beija-flor pra ela voltou  
Beijou-a com toda doçura.

Daniel Bezerra

Hoje acordei expandida  
Sonhei com uma noite de amor  
Estávamos com o coração colado  
Você e eu juntos  
Amantes de corpo e alma.

Eu sonhei conosco novamente  
Não consigo te esquecer  
Hoje em dia eu vejo como errei  
Em não lutar por nós no passado mas  
Eu era muito jovem  
Para entender o que era amor.

Você é meu grande amor  
Ninguém pode ser igual ou melhor  
Nós somos únicos  
Um apaixonado pelo outro  
Te amo incondicionalmente amor.

Deisiane Oliveira

bicho do mar

no lo toca nada  
de todo eso  
que a nosotros nos mata  
la fe o la razón  
excesivas  
la erosión constante del tiempo  
de los otros  
no compartimos  
este sol  
este mar tibio  
o este minúsculo instante  
para mis ojos urbanos  
es un marciano o un monstruo  
en el agua  
es parte del agua  
al sol parece del sol  
cómo se llama  
le pregunto  
eusou sereno  
dice  
no sé si nombrándose  
o describiéndose  
súbitamente  
eternamente  
lo adoro y lo detesto  
en igual medida

arraial do cabo, mayo 2019

poética de los dos mil

soy como el viento  
repetitivo exagerado  
busco  
lo extenso y lo diverso

monocorde  
recito versos sacados  
saqueados  
silbo estribillos  
de valeses chaplinescos

no me hallo  
en ninguna parte  
soy el viento

un organismo onanista  
el creador y la víctima  
de fronteras barriales

enumeraciones especulaciones  
experimentaciones elipsis  
las drogas los juegos de palabras  
mi religión la noche  
el sol y el desengaño

hago como el viento  
furioso y sereno  
dejo morir lo que dejé florecer

a pity  
© Diego Rodríguez Reis  
Villa La Angostura  
Provincia del Neuquén

Diego Rodríguez Reis nació en el barrio de La Boca (Ciudad de Buenos Aires) y actualmente vive en la ciudad de Villa La Angostura (Neuquén, Patagonia Argentina). Es lector, escritor, editor—corrector, Profesor en Lengua y Literatura, Diplomado superior en Lectura, Escritura y Educación, Especialista en Ciencias Sociales con mención en Lectura, Escritura y Educación, tallerista de escritura creativa y columnista de literatura en diversos medios digitales y radiales. Ha sido becado por la Fundación Antorchas y por el Fondo Nacional de las Artes. Textos suyos han integrado publicaciones impresas y digitales de Argentina, Chile, Brasil, Colombia, México, España y Alemania. Ha participado, como autor, co—autor, editor o corrector, en la publicación de más de setenta obras de ficción y no ficción. Se ha desempeñado como jurado en diversos concursos, nacionales e internacionales. En 2020, su cuento Caballo de trapo fue uno de los 25 textos seleccionados para integrar la plataforma nacional audiocuento. En 2021, recibió el tercer premio en el concurso de cuento del Fondo Nacional de las Artes, por La forma del amor. Co—dirige el sitio La zona (crítica y ficción).

## Sobre Saúde Mental

Peço a Deus inspiração,  
Para escrever esse cordel,  
Pois, com imensa gratidão,  
Rabisco as letras no papel.

Falar de Saúde Mental,  
Que é tema desafiador,  
Discutido no meio social,  
Com os juízos de valor.

Pois, precisamos validar,  
Em nós, a nossa emoção,  
Que é saúde, é bem estar,  
E merece a nossa atenção.

Pra escutar a voz do sujeito  
É preciso ver o seu olhar.  
Pois, quem ampara seu jeito  
Sabe o que se deve apreciar.

É preciso crer na vida,  
Com grande gratuidade.  
Nenhuma tristeza finda,  
Nem mesmo a felicidade.

Medo, tristeza e angústia  
São dores, são sensações.  
É a falta de ar, é a agonia,  
Que atravessam corações.

Mergulha a nossa alma  
Em um abismo profundo,  
No oceano da dura vida,  
Afogando o nosso mundo.

Nós precisamos validar  
Essas nossas emoções.  
Pois, a saúde é bem estar,  
É sentir boas sensações.

Então, viver é uma dádiva,  
Que é preciso se aprender,  
Ser vivida como escolha,  
Amar e deixar acontecer.

Não existe uma fórmula,  
Cada um é o seu construtor.  
Um dia se está com medo;  
No outro, se encontra ardor.



Assim, os laços se formam,  
Em um bailar de alegria.  
Sonho e amor se entrelaçam,  
Na vida, sentindo essa magia.

(Edna Severina de Medeiros Ferreira)

Canto

Canto,  
Mas meu canto é ilusão,  
Tão frágil como as gotas do orvalho,  
Que procura equilíbrio nas folhagens  
Pra viver um amor tão desvairado.

Canto,  
E com ele nascem versos de amor  
Que surgem como ervas nas campinas  
Não importa se é noite ou manhã,  
Mas as palavras que só falam do que sinto.

E desse eterno canto que devora  
Toda a magia do meu ser  
É que surgem dos ventos sibilantes  
Sons nunca ouvidos em todo meu querer.

Eva Salustiano  
Currais Novos/RN, 08-09-2011

Castelos de areia

Na areia molhada das praias marítimas  
Faço buracos e a água brota  
Fico, ali, a construir castelos  
Crio histórias bem fantasiosas.

Caminho na areia, procurando conchas,  
Nos arrecifes, os peixes coloridos  
Quando os encontro, faço uma festa,  
Recolho-os e, depois, na água os deposito.

Mas, quando a onda forte borrija a areia  
Atinge o que de belo construí  
Refaço outros e rolo na areia  
Viro criança,  
Relembro o tempo em que vivi.

02/02/2012.

9h38min

Por vezes

Por vezes, na noite acordo triste  
Lamentando de tudo sem saber  
O porquê desse lamento fúnebre  
Que, por vezes, me faz amanhecer.

Por vezes, dou-me conta de atitudes,  
Que me levam a pensar coisas em vão  
Sem querer, banho-me em lágrimas abundantes,  
E me vejo em oceano de aflição.

Por vezes, viajo por momentos  
Em águas findas de um mar sem existir  
Velejo em ondas de lembranças tristes  
Quando desperto, vejo o meu sentir.

Eva Salustiano  
Currais novos, 09/10/2017  
3:25min

Maria de Fátima do Nascimento Leite é Pedagoga e Psicopedagoga pela UVA (Universidade Estadual do Vale do Acaraú) e Formada em Mídias pela UFRN ( Universidade Federal do Rio grande do Norte). Trabalha como pedagoga na Escola Municipal Henrique Castriciano , atualmente como mediadora de leitura na biblioteca . É coautora do livro Bendita a Mulher e a Sua Literatura, do livro Flor de Sal, Perfis Biográficos, Essência de Nós e do Fanzine Asas de Mãe .Possui vários poemas publicados pela Revista Barbante. É poetisa e busca inspiração em Deus e na natureza

## REVISTA BARBANTE , PARABÉNS !

Fátima Nascimento Leite

Sempre crescendo,  
Sob um céu, radiante  
Reunindo ideias e talentos,  
Lá no alto, como um mirante.

Oportunizando espaços,  
Entre diferentes estilos,  
Fortalecendo laços,  
Revista, pessoas , filos...

Há 12 anos se faz presente,  
Por várias e diferentes mãos,  
Enquanto e somente,  
É uma gigante de coração.

## 12 ANOS DE REVISTA BARBANTE

Bem aventurados  
Aqueles que multiplicam,  
Repartindo entre os seres,  
Belas artes, ciência, conhecimentos,  
Ainda assim acreditam, poder fazer bem mais.  
Nem por um instante de obstáculos desistem,  
Tem toda a força e competência de uma equipe  
Em que a cada dia se tornam mais unidos e leais!  
Parabéns atoda equipe da Revista Barbante

Fátima N. Leite

## O fevereiro de euforia

Na colina o horizonte que anuncia fevereiro mês de meu nascimento. Oh fevereiro de todos! Oh fevereiro do tempo que me fascina! Oh fevereiro de axé e frevo que sintonia o ritmo da alegria. O samba enredo cantado na avenida representa à vida.

Toda essa diversidade é cultura que simboliza existência. É o desfile que relata as histórias da realidade. É carnaval de história, é a festa do povo, é a fantasia que expressa a beleza e esconde a essência do ser.

É paixão pela melodia que faz sorrir pela companhia do samba. É a dança que constrói o movimento e se faz simpatia nos olhares perdidos na avenida. É a experiência na noite que se faz poesia no viver.

(Francineide Araújo de Medeiros)

## A pesquisa

É a oportunidade de apresentar a criatividade nos projetos, despertar o interesse dos avaliadores com argumentos de relevância social. Diante da concorrência enxergar em si, a capacidade de desenvolver o saber e aprender na experiência a positividade de construir um novo conhecer. Para isso é preciso envolvimento e dedicação na pesquisa, no momento de explicação é importante acreditar que é capaz de desenvolver a habilidade de pensar o problema. No tempo de avaliação é interessante escutar os apontamentos do avaliador com a atenção para entender, o que é possível mudar? A partir da experiência elaborar questionamentos e através dos resultados analisar as possibilidades de mudanças para aprimorar a investigação. Quais os pontos que preciso aperfeiçoar? Seja avaliador também do avaliador no sentido de observar as críticas, questionar-se e pensar para formular fundamentos que possam sustentar a investigação de interesse. Seja avaliador de si mesmo para assim poder inovar o pensamento com o discernimento de novas ideias para esclarecer as indagações. Defenda o seu projeto com a sabedoria de quem tem a autonomia de buscar mais conhecimento. Vamos persistir no objetivo de ser pesquisador da realidade.

(Francineide Araújo de Medeiros)

Alicia Eguren  
Hare una puesta de sol.  
Haré temblar la tierra  
y una plegaria para incendiar el mundo,  
con la llamarada que todavía irradia  
tu fuego combatiente;  
y con la canción que silbaba el verdugo  
haré un himno para recordarme  
que debo exterminarlo.  
Aunque vayas levitando en el océano aún persiste,  
la diáfana y apacible aspiración de besarte  
en la noche hostil y en la plácida mañana.  
Con todos los símbolos de la muerte y de la vida  
en el giro imprevisto que tuerce la trama,  
en la triada oscura y en el regocijo de los defectos morales,  
así como las cosas que solo están hechas de soledad  
le construiré un significado al viaje de tu alma  
en la hermosura del destello de la pólvora  
y en la llama de los volcanes que cantan a la lluvia.

---

#### IMPROVISACIONES SOBRE EL CUADERNO DE MUSICA DE JACK SPICER

Había una melodía grabada en su rostro  
había un canto que decía  
que su sonrisa perforará la tierra  
que sus lágrimas inundarán el dolor del mundo  
y la pregunta:  
que quedará de nosotros ?

Pero sé que si mezclo el sol y el mar  
no hallaré la eternidad perdida,  
la eternidad invisible que se niega a definirse,  
la recuperada farsa del cielo,  
el círculo luminoso que rodea los enigmas,  
la conversión al mal como una dicha de salvación.  
Un solo signo de amor que de tu rostro quede  
será mejor que cualquier imagen del paraíso.

© Germán Mastellone

Bernal

Provincia de Buenos Aires Germán Mastellone nació en Avellaneda, Provincia de Buenos Aires, Argentina, el 15 de julio de 1964, estudió derecho en la Universidad de Buenos Aires. Participó en la creación del grupo arte en la calle en los años 80, de pintura y poesía en la ciudad Lanús. Es autor del libro de poemas "Antología Fundamental Inconclusa", "Iladiunllidiun o el Desamor de Mogrague" "Extraído del Azar Tardío Expulsado del Sistema Solar" "Invisible Eternidad" En la actualidad vive en la ciudad de Bernal (Provincia de Buenos Aires).





Iván Quinteros

Todas las historias

Una buena historia te puede desvelar  
puede que valga la pena soñar despierto  
y enfrentar el riesgo a jugar  
a ser el payaso de los disparates.

Porque... ¿Cómo pudiste? ¿Cómo?

¿A quién se le hubiera ocurrido?

Después descubrimos que las historias terminan  
o nos aburren y las dejamos a un lado,  
quedan inconclusas o llegan a un simple punto final  
o se repiten

porque aunque mucha gente insista en afirmar  
que todas las historias son la misma historia  
prefiero pensar que mi sentimiento hacia vos es único  
que no hubo ni habrá un amor igual.

Las historias... las historias de amor desvelan

nos hacen perder la cabeza y andar chocando contra las paredes,  
porque el amor entorpece, nos distrae ante la famélica tristeza,  
rencorosa, como sus ojos de vidrio verde, tristeza, mujer hermosa,  
historia que vuelve inundada de nostalgia.

Todas las historias son únicas.

Todas las historias.

Todas.

Y de pronto te distraes  
y la historia llega a su fin.

Poema libertario

Mi revolución fue pequeña  
como la mano de un bebé  
acariciando el seno de la madre,  
sin consignas ni banderas.

Mi revolución avanzó  
como los pies de un niño  
hacia los brazos del padre.

Luego vino el lenguaje y sentí la posibilidad,  
el destino de la revolución en un poema.

junto al poema llegó la primavera  
y mi revolución fue amar tu cuerpo,  
tu libertad nunca puede terminar

donde empieza la mía  
nos dijimos al desnudo  
porque nuestras libertades  
se expanden en el otro.

La revolución es el otro  
pintamos en las paredes  
y cuando la utopía estuvo ahí  
mi pequeña revolución

cayó bajo una bala antirrevolucionaria,  
una pequeña bala muda y sangrienta.

En el mundo de las maravillas

donde impera el orden y la paz  
de la disciplina represiva  
de todas las aventuras que ofrecen  
los brillantes espejos  
mi pequeña revolución fue buscar tu mirada.  
© Iván Quinteros  
Buenos Aires

Poeta, escritor y docente argentino perteneciente a la generación X, nacido en la Ciudad de Buenos Aires en el mes de marzo del año 1973. Comenzó a escribir tempranamente al mismo tiempo que transitaba el under porteño del rock en los inicios de la década de los 90, participando de diversos proyectos musicales y luego grabando cinco discos solistas en forma independiente. Entre los años 1998 y 2008 editó en forma independiente los siguientes libros: Espejos enfrentados (relatos y poesía), Puerta ciega (relatos y poesía), Pamparadán (poesía) y Rueda (cuentos).

En el año 2012 empieza a editar con Clara Beter Ediciones donde participa de las antologías Poesía bajo la Autopista I y IV, y edita las novelas La puñalada (2018) y Niño (2020), los poemarios Este reo tipo (2021), Oleajes del Mundo Algoritmo (2022), 20 Poemas infantiles del barrio La Almóndiga y reedita los libros Pamparadán (2020) y Rueda (2023).

Desde el año 2018 conduce el programa de radio llamado "Cuerpo a cuerpo" donde entrevista a poetas, escritores y artistas en general.

## A MULHER

A Mulher é flor plantada no seio do criador  
pra ser regada e cheirada com paciência e amor...  
A mulher é um ser doce que se deve saborear  
sempre como se fosse, dos Deuses um maravilhoso manjar.  
A mulher é pra se amar com leveza  
e nunca ser maltratada  
pois tem na alma muita grandeza...  
Não devemos permitir que diante da demência  
se pratique contra a mulher a mulher  
atos de hedionda violência!!!  
A paz deve reinar absoluta e incondicional  
para que possamos ter sempre mulheres livres e de alto astral.  
É por isso que tem importância a lei Maria da Penha  
pra que a denúncia se faça e a violência um fim tenha!  
Mulher, livre e feliz deve ser...  
cuidada, amada e respeitada  
por que dela vem todo o poder  
de fazer vida germinar, brotar e fazer crescer...  
Mulher é esse ser que a tudo impõe seu brilho  
E em sua vida repõe rapidamente o que foi perdido...  
E assim merece viver  
com toda suavidade que a vida puder lhe oferecer!

(Janyclely Fonsêca)

Falar com o Coração é assim...

Falo de vida e felicidade  
Às vezes sobre paz e união  
Outras vezes falo de amor e amizade  
E muitas vezes só ouço meu coração  
Mas tento sempre, sempre espalhar  
Num chão cheio de unção  
Boas sementes para brotar  
E colher luz da escuridão  
Fazendo sempre, sempre de minh'alma  
Uma estufa repleta de calor humano  
Só assim encontro a calma  
Num sonho ou num desengano  
Pois a vida vai ensinando  
Para quem quiser aprender  
E viver acreditando  
Que só o bem nos faz... nos traz  
de verdade... força para aprender e crescer!

Poetisa Janyclely Fonsêca

Das Crianças

José Marcos Ramos

“Para as crianças continuarem sempre florindo o mundo.”

I

Ah minha filha querida

Que vejo dormir

E nos sonhos

Me chama

Para acalentá-la

E de dia,

Sorrindo

Quer comigo brincar:

E me faz de cavalo

E me leva a seguir

Por caminhos distantes

De terra e de mar.

E me traz alegrias,

Para me consolar

Dos desencontros da vida,

Que vem me contundir.

E me faz virar sapo,

Nas estórias que tenho de contar,

E calça os meus sapatos,

A me remedar,

Seguindo meus passos,

Para me alcançar,

Fazendo a vida

Muitas vezes parar.

II

Criança já é noite

Volta correndo, menina,

Para a lua minguante

Prestes a se acabar,

Pois longe,

No hoje ou amanhã,

Alguém vai te encontrar.

Volta correndo,

Não deixes a madrugada

Te pegar, pois cedo, muito cedo

Alguém vai te encontrar.

III

Ando,

Corto caminhos

A procura de uma flor.

Vejo pássaros que passam por mim,

Vida ardente em manhã de verão,

Procuro nos rostos a marca da vida,

E encontro sorrisos.

Pássaros e flores cruzam o meu

Caminho;

Transverso pássaro que me conta

Histórias

E faz meu coração infeliz.

Mas os olhos alegres de uma criança

Refletem nos meus a força da alegria.

Encontrei a flor.

El ojo perdido

Tigre, tigre, que te enciendes en luz...  
(William Blake)

El felino es antiguo y oscuro,  
el hogar que habita le pertenecía,  
perdió el ojo izquierdo defendiéndolo  
en combate territorial años ya.

Ahora, en el trono de madera,  
donde almohadones y juguetes  
concentran el nuevo amor,  
yace el nuevo rey del hogar.

El intruso es mudo y oscuro,  
llegó una tarde y nunca se fue;  
es pequeño, no llora, come poco  
pero su boca permanece húmeda;

jamás abrió el ojo izquierdo  
¿será una piedra pegada a los párpados  
que lo cubren como un cofre  
o será el ojo perdido del gato?

La matriarca, la primera intrusa,  
no lo quiere, ella no fue más  
que el presagio de lo que vendría:  
el niño tuerto, el intruso mudo.

El patriarca, cada día más ausente  
llega por las noches, cada vez más cansado;  
su antiguo cariño se ha dividido  
hacia la intrusa y el tuerto.

El gato negro se siente abandonado;  
está viejo, morirá en cualquier momento:  
pero quiere morir cazando como un tigre  
y necesita su ojo perdido para centrar la presa.

A veces un enemigo  
nos da la chance de recuperar  
lo que otro enemigo nos quitó,  
pero debemos arrebatárselo;  
así es que el felino decide  
el ojo furtivo del niño su ojo perdido  
-en batalla territorial años ya-  
y lo quiere de vuelta.

Maltrecho y cansado  
trepa el sitio de madera,  
allí contempla al intruso tuerto  
que lo mira con su ojo sano y sonrío;  
el gato entorna la vista

lentamente hacia el ojo sellado,  
lentamente brotan las uñas grises  
y prepara el terrible zarpazo;  
levanta sus garras  
con la expresión de un tigre negro,  
entonces la matriarca abre la puerta  
y grita.

### El Círculo de la Patria Sangrante

había un cangrejo muerto  
que lo miraba atentamente  
reprochándole su pereza  
(Enrique Molina)

Mientras el Guerrero se gesta  
en un limbo, dormido,  
las chimeneas agotan el oxígeno  
de jóvenes abuelos de nietos no nacidos,  
estancados ante las voces y caras  
del ejército de humo que avanza voraz  
con palabras que perdieron su forma  
y ya son barullo -nada más- cubriendo  
el metal extraído de mares talados  
que resuena en cajones de gruesas bóvedas,  
donde el oxígeno importa poco,  
y los ríos quemados en billetes helados,  
poco más.

Mientras remolonea en el fango  
bajo la sombra del Árbol Fantasma,  
en espera de un sueño que le enseñe  
el derrotero hacia la espada en las ruinas  
y la coraza contra la baba verdosa  
de mezquinos Cuervos cuadrúpedos,  
los anillos dorados de Perros-buitre  
destellan sobre su cabeza inerte  
como lisérgicas luciérnagas muertas,  
acrecentando el fango creciente  
con flores coloridas del oriente  
que desploman sus sombras en el brillo  
y mueren.

Así con las dóciles niñas  
llevadas a los espinos...  
así con los cofres ocultos,  
las agujas hundidas, el plomo perdido:  
un mancebo inocente  
cae abatido,  
el cemento golpea su frente,  
los metales y gritos, sus oídos;  
voces al cielo trepan el aire,  
sirenas tardías remontan las calles  
pero, ¿agitan tu sangre inerme,  
o endulzan –acaso- tu sueño  
Guerrero dormido?

© Juan Ramón Ortiz Galeano  
Buenos Aires

Juan Ramón Ortiz Galeano es un escritor argentino nacido en Buenos Aires en 1975. Tiene estudios de Derecho (UNLP). Obtuvo distinciones en concursos de poesía, cuento breve y microrrelato; sus textos fueron incluidos en antologías impresas y digitales, revistas culturales y bitácoras literarias. Algunas revistas: "Polvo" (Argentina, 2021); "La Colmena", revista cultural Universidad Autónoma del Estado de México (México, 2019); "Te Prometo Anarquía" (Guatemala, 2015); "Luvina", revista Universidad de Guadalajara (México, 2015), "Resonancias.Org" (Francia, 2013). Algunas antologías: "Los Vicios Solitarios" (cuentos breves, Ed. Junta de Andalucía, Sevilla-España, 2003, SE: 4396-03); "Una isla en la isla" (poesía, Ed. LatinHeritageFoundation, Washington-USA, 2011, ISBN: 978-0-9832450-0-1); "Poemas Inolvidables" (poesía, Ed. LatinHeritageFoundation, Washington-USA, 2011, ISBN: 978-0-9832450-4-9); "Carpe Diem" (poesía, Ed. Centro de Estudios Poéticos, Madrid-España, 2011, ISBN-13: 978-84-937336-8-1 / ISBN-10: 84-937336-8-7); "Anuario Baquiana XV" (poesía, cuentos, ensayos, Ed. Baquiana, Miami-USA, 2014, ISSN: 1940-025X / ISBN: 978-1-936647-25-5); "Cincuenta y Pico Palabras" (microrrelatos, Ed. Alejandro Garaizar, San Sebastián-España, 2014); "Jueves con cuento" (microrrelatos, Ed. PenguinRandom House / Escuela Cursiva, España, 2018); "Abril de 2020" (microrrelatos, Ed. Del Alma Ediciones / La Esfera Cultural, España, 2020, ISBN: 979-86-456-0217-8); "Cuentos Lunares" (microrrelatos, Ed. Fundación Piel Sana / Academia Española de Dermatología y Venereología, Madrid-España, 2020, ISBN: 978-84-09-28964-6); "Cama de Gato" (Antología Bilingüe de Poesía, 24 poetas de Argentina y 24 poetas de Brasil, Ed. Lucgraf, compiladoras: Araceli Otamendi y Christina Ramalho, Brasil, 2021); "Letras de Tinta" (Ed. Microrrelatos IES, España, 2021, ISBN: 979-8777728906).  
Sitio web: [www.juanramonortizgaleano.blogspot.com](http://www.juanramonortizgaleano.blogspot.com)



## AINDA RESISTE...

A terra fria  
Ardente... pediu socorro  
Quando o céu jorrou  
Chorou e o som da natureza ecoou!

Não sentiu medo tão pouco vaidade  
Ao acolher as raízes rasas  
Confiantes no processo  
Onde dia após dia... aprofundou-se!

Passado apagado, brasa que não brada  
Presente ausente, incompetente e intolerante  
Futuro esperançoso, sustentável... necessário  
Terra que move terras... por nós... sempre se doou!

Karine Dias Oliveira  
Nova Friburgo/ Rio de Janeiro

Eu sei que Deus vai me dar um belo amor.

Deus é um escritor especial.  
Meu senhor escreve histórias de amor.  
De amor reais.  
Eu sei que um belo amor vou viver.

Pelas mãos de Deus meu  
amor escrito vai ser.  
Deus uni propósitos.  
Deus uni princípios.

É no tempo dele.  
É no querer dele.  
O tempo de Deus  
é perfeito.

Com Deus não  
tem atraso.  
Com Deus tem  
preparos.  
Deus vai me dar  
um belo amor.  
Não um amor perfeito.  
Mais um amor para torná-lo belo.

Liécifran Borges Martins

Espera o seu amor no senhor.

Não se desespere para amar.  
Nem namore para impressionar.  
Espere seu amor no senhor.  
É o melhor ele dará.

Deus não demora capricha.  
Nem atrasa prepara.  
O tempo de Deus é perfeito.  
Deus molda o seu ser.

Deus amadurece você.  
Faz você um homem ou  
uma mulher de Deus.  
Espere o seu amor nele.

Deus não uni pessoas.  
Deus uni propósitos, sonhos,  
princípios e valores.  
Confia no tempo do senhor.  
O melhor amor vem de Deus.  
Espere seu amor no senhor.

E um belo amor você viverá.  
Escrito por Deus seu amor já é, confia.

Biografia:

Liécifran Borges Martins é uma compositora, escritora, parodista e poetisa brasileira. Técnica em Química pelo Instituto Federal do Espírito Santo IFES. Membro da academia interamericana de escritores (AINTE) patronesse Ruth Guimaraes cadeira 39.

Instagram: @liecifranborgesmartins

Fragmento de A Ilha, de Lord Byron

Celebrando o bicentenário do autor (1824 – 2024)

Tradução de Lucas Zapparoli de Agustini

## CANTO SEGUNDO

1.

Que delícia as canções de Toobonai,  
Quando o sol da baía de coral sai!  
Vem, vamos à sombra desse ilhéu brando,  
Há aves cantando! E donzelas falando:  
Arrulham na mata as pombas do sul,  
Quais vozes dos deuses de Bolotoo;  
Colher a flor que sobre os mortos cresce  
E, onde o guerreiro dorme, mais floresce;  
Na cara do poente vamos sentar,  
E ver pela árvore Tooa o doce luar,  
O ramo que suspira com tom nobre  
E triste agradar-nos-á deitados sob;  
Tregar morro, e olhar a onda à toa lutando  
Contra os gigantes rochosos do oceano,  
Que rebatem em colunas a espuma.  
Que lindo! quão felizes são, em suma,  
Quem, da vida de tumulto e labuta,  
Admira nada além do mar que luta!  
Que ainda ama a lagoa azul de vez em quando,  
Sob a lua, sua juba solta alisando.

2.

Sim – do sepulcro as flores colheremos,  
Como espíritos em tocas brindaremos,  
Daí brincar, mergulhar na rolante onda,  
Daí esticar os membros na macia alfombra,  
E, da lida alegre, úmida e brilhante,  
Ungir nossos corpos com óleo fragrante,  
Traçar guirlandas da cova colhida,  
E usar coroas dos valentes nascidas.  
Mas ó! noite chega, a Mooa nos convoca,  
Soam nossos passos ao longo da rota;  
Já a dança de tochas seu lustre estende  
Às luzentes trilhas do Marly verde;  
E vamos estar lá; e lembrar o  
Brilhante memorial com festival,  
Antes de Fiji ir à guerra, e canoas  
O inimigo daí a flutuar usou-as.  
Ai! por eles sangra a flor do viril,  
Ai! por eles em joio o campo sumiu:  
Esquecido, ou desconhecido, é o êxtase  
De somente com a Lua e o Amor estar-se.

Que seja: – ensinaram-nos a bater  
Com a clava, e as flechas no campo chover:  
Daí fiquem à colheita de sua arte!  
Hoje à noite é festa! Amanhã se parte.  
Agita a dança! e Cava até a boca!  
– Amanhã morremos. À última gota!  
O traje de verão em nós se ajeita;  
Nas cinturas o branco Tappa enfeita;  
Coroas, tal primavera, e festões grossos,  
E as cordas Hooni luzem nos pescoços;  
Daí seus mais brilhantes tons dão contraste  
Aos seios crepusculares que alto batem

3.  
Mas a dança finda – fiquemos ainda;  
Ah, espera! o sorrir social não se extinga.  
Amanhã à Mooa partimos então,  
Mas essa noite – essa é ao coração.  
Vez mais as coroas que a gente namora,  
Feliz Licoo e as moças encantadoras!  
Que lindas são suas formas! todo senso  
Curva-se a esse encanto, suave, e intenso,  
Tais flores da escarpa do Mataloco,  
Que da profunda a fragrância colocam! –  
Veremos Licoo; oh! sim, meu coração –  
Que eu disse? – amanhã partimos então!

Biografia: Lucas Zapparoli de Agustini prepara com a Editora Anticíterauma coleção de obras de Byron nesse bicentenário, incluindo A Ilha, primeira vez em português, em:

Caminhos d'outrora

Por Magno F. J. Santos

Antes do porvir d'aurora  
Ecoa estrondoso foguetório  
E o tilintar dos romeiros  
No caminhar peremptório

E os romeiros promesseiros  
A despertar a Cidade Santa  
Fazem caminho inverso  
Em prece que acalanta

Nas praias do Aracaju  
No recanto do milagre  
Promesseiros se amortalam  
E saem pela cidade

Andarilhos amortalhados  
Em terras usurpadas  
Por olhares são vigiados  
Como estranhos nas estradas

Ao cruzar a linha imaginária  
E transpassar as águas do Poxim  
Encontram a cumplicidade  
Em vozes que ecoam frenesim

O astro-rei a cintilar  
Sob a cúpula celeste  
A dissolver os pecados  
Nos passos dados em prece

Sábado Santo de Passos  
Em busca do santuário  
O corpo mostra sinais  
De passos temerários

Ao trilhar as estradas santas  
Romeiro não anda sozinho  
Recebe afago e caridade  
Por todo o caminho

E o corpo penitente  
Recebe repouso e atenção  
Com a cana matam a sede  
Em plena redenção

Pelos caminhos penitentes  
Romeira tem massa dilatado  
E o promesseiro segue a trilha

Com a mortalha à cintura atada

A subir e descer ladeira  
Em passo apertado  
A romaria feita em reza  
Por milagre agraciado

Pelas bandas do Umbaúba  
Com o sol à pino a arder  
Romeiro encontra a bica  
Cuja água faz rosto arrefecer

Mais adiante, perto do Cristo  
Romeiro faz o repouso  
E encontra cireneus  
A ofertar maná caridoso

Saciado segue a jornada  
A adentrar pela cidade  
Reencontra romeiros  
E compartilham piedade

Nas ruas da Cidade Santa  
Romeiro aperta o passo  
Entra no sacro templo  
Abrigo do Senhor dos Passos

Agradece a jornada de paz  
Toca o encerro santo  
Agradece milagre atendido  
Sucumbe em planto

Romeiro cruza agachado  
Sob a grande charola  
Se despe da roxa mortalha  
E contempla Passos outrora

cuando éramos nube  
hacia dónde iba el cielo

iba al día a la noche  
o a ese brillo en tus ojos donde se perfilaban

el rumor de la sangre y el grito de la tierra  
el reflejo en el fuego en el que nos bañábamos.

---

qué había en la luz  
de esas mañanas  
que olían a esperanza

ya no sé si tus manos  
recuerdan  
la danza que en el aire

daba ritmo a su sombra  
y al ansia  
de futuro

tus ojos se vestían  
con el cielo  
bruñido por un sol que era de seda

de tu boca crecían las palabras  
cual fragantes frutales  
anhelando mordiscos

qué había en esa luz  
en nuestros cuerpos  
tañidos por la gracia del deseo

cuando los pies aún  
no buscaban  
alivio en el estuario  
de la memoria.

© Marcelo Gobbo  
Marcelo Gobbo (Buenos Aires, 1966)

Es escritor y realizador audiovisual. Publicó los libros *Contra la fatiga del arte. Notas sobre cine, literatura y otras yerbas* (Ediciones De La Grieta, 2012), *Barbarie y civilización* (cuentos y relatos, Ediciones El Camarote, 2012), *El humo de la noche* (poesía, ilustrado por Viviana Errecalde, De La Grieta, 2013), *Mini* (microficción y poesía en prosa, *Vela al viento*, 2015 y segunda edición 2016), *El repliegue* (poesía, *El suri porfiado*, 2015), *Bodega* (novela, Ápeiron Ediciones, 2018), *De la misma madera* (cuentos y relatos, De La Grieta, 2019), *Nombres propios* (no-ficción, Orcalumis, 2022), *La necesidad de los vivos* (poesía, Halley Ediciones, 2022) y *Restos culturales* (cuentos, Verbum, 2022; *Libros del Jorobado*, 2023).

Ha obtenido una treintena de distinciones, entre las que se destacan el Premio Único de la Rama



Cuento en los Juegos Florales Hispanoamericanos 2015 por La última nevada, el segundo premio en el Primer Certamen Nacional de Cuentos San Martín 2008, organizado por la Municipalidad de General San Martín (Bs. As.) por su libro Barbarie y civilización, el Premio del Jurado en el VIII Certamen Internacional de Literatura Hiperbreve Pompas de Papel por Ars Amatoria y el Premio Internacional de Cuentos Juan Ruiz de Torres 2022 por Restos culturales.  
Sus textos han aparecido en numerosas publicaciones de todo el mund

## SELECCIÓN DE POEMAS DE MARCO AURELIO RODRÍGUEZ

LXXXVI

NO QUIERO SER YO MISMO POR TODA LA ETERNIDAD

Vi un hombre que sacaba agua de una noria y le pregunté

Y me di cuenta que era yo quien sacaba el agua del cielo

El agua se desbordaba y el hombre me miró como una estrella deshabitada Cuando atravesé el espejo me puse a llorar a carcajadas

XC

EL OTRO DÍA

Decidí tomar el metro y bajarme en cualquier parte

Entregar mis prédicas es un acto de fe

En el vagón había un saltimbanqui que retaba a los pasajeros

A arrojar una botella con líquido y que cayera en pie

El premio, decía, era dinero en efectivo

Todos quedaban en ridículo menos yo

Iba a empezar a hablar de prodigios cuando se me adelantó un vendedor ambulante Vendía parches curitas

Decía que no eran igual a todos

E hizo una demostración

Pegó el apósito en el vidrio de una ventana e invitó a un pasajero a despegarlo

Lo que fue infructuoso

Dijo que eran diferentes

A todo lo conocido en este mundo

No dejaba de hablar, gesticulaba como el mejor de los maestros Si hubiese querido vender la vida eterna lo habría conseguido

Como el producto era exclusivo, el precio era elevado y Vendió todo su stock, inclusive las heridas de sus manos

Cuando llegó donde yo estaba acaso fue piadoso Falto de fe, me dijo, no necesitas mi consuelo

XCVII

YO VEO ÁRBOLES

Yo nací en un bosque

Yo crecí en un bosque

Alimañas, incendios, lagunas

Más bosques sobre el agua

Me enamoré de un árbol

Me demoré años en llegar a su lado

Mis sueños eran pájaros mis mensajes de amor

Eran pájaros que se posaban indistintamente

En sus ramas o en las más

Ella quiso un día escapar

La tempestad la convenció y yo como pude

La quise atar a mi corazón

Fue como si un leñador nos talara

Y cayéramos al río

Sentí tanta pena que mis ramas

Se empezaron a secar ya no di sombra y los demás árboles

Se alejaron de mí había una inmensa nada a mi alrededor

Nada puede ser verdad me arrepentí de haber nacido

Y quise colgar una soga sobre la rama de un árbol y sonreí

Me di cuenta de la inutilidad de todo

Entonces preferí tomar un buen veneno y vi enroscada una serpiente

Quieres tener conocimiento ambiciones me dijo

Quieres saber más que una montaña y adivinó mis pensamientos

Y me convertí en un hombre y ahora vago

Por el desierto ya se me ocurrirá algo siempre se me ocurren cosas

(Del libro SERMONES Y PRÉDICAS DEL CRISTO DE PETORCA, Subterránis Editorial, Santiago de Chile, 2022)

MARCO AURELIO RODRÍGUEZ, 14 de noviembre de 1963.

Profesor de Lenguaje y Magíster en Literatura, con estudios en la Pontificia Universidad Católica de Chile. Ha impartido clases en universidades locales.

Muy parco en publicar, sí colabora en medios escritos y digitales, tanto publicaciones tradicionales en Chile como en revistas digitales.

Fue muy divulgada su antología Los Poetas Malditos, Ediciones El Gráfico, Santiago de Chile, 1997.

Publicó recientemente una primera antología de sus cuentos, El Amor es un Globo que Sube, Subterránis Editorial, Santiago de Chile 2024.

Posee un lenguaje muy personal —poético y profundo—, tierno y, muchas veces, descarnado y muy humano.

Estoy de sal  
de hielo  
de piedra caliza  
de obsidiana.  
Efecto dominó  
lluvia ácida  
golpes  
picana

la tortura funciona  
como un analgésico  
cada vez duele menos  
no duele  
estoy empecinada  
en ser la muerta  
la embalsamada.

Mis ateas escrituras  
lo proclaman  
el fuego de las ruinas circulares  
solo lamen la piel  
se ha levantado un dique  
entre mis lágrimas y el cielo.

----

No hay estrellas  
no hay lunas  
no hay lámparas led  
la ciudad es un vestido negro sin adornos  
un total black  
para pasar inadvertida.  
Es un gato  
con los ojos cerrados.  
Husmea los rincones  
las bocacalles  
las alcantarillas  
donde ruidos sordos  
son revoluciones de albañares.  
En esa oscuridad  
roces y pasos  
murmuraciones  
refucilos de dagas  
pintando el tajo.  
El tiempo clava el tridente  
asesino serial en cámara lenta.  
No amanece  
corre la voz de que la noche mató al día  
era un amor crepuscular  
con las horas contadas.  
Nos condenaron a vivir sin luz.  
© Olga Liliana Reinoso  
La Pampa

## República Argentina

Olga Liliana Reinoso nació en la ciudad de Buenos Aires , el 25 de mayo de 1951.

Cursó estudios en Embajador Martini, Santa Rosa, Intendente Alvear, La Pampa; Córdoba y CABA. Desde 1988 reside en General Pico, La Pampa.

Comenzó a escribir a los doce años. Ha publicado *Estar con vos* (Poemas, Editorial Rayuela, Buenos Aires, 1982); *Palabra de Mujer* (Poemas, Pico Duplicaciones, General Pico, 1991) - (Ambos publicados con el apoyo económico del Fondo Nacional de las Artes); *A quemarropa* (poemas, Fondo Editorial Pampeano, Santa Rosa, La Pampa, 1997); *Cuentos con Descuento* (narrativa, Ediciones Mis escritos, Lanús 2007); *La sembradora* (Ficción autobiográfica, Llanto de Mudo, Córdoba, 2010); *Nunca sabré por qué* (poemas, Ed. Dunken, Buenos Aires, 2017); *En este mundo traidor* (artículos de opinión, Ed. Dunken, 2017); *Palabra herida* (poemas, Ed. de autor, Castelar, 2018); *Crímenes impunes y otras maldades* (narrativa, Ed, La hora del cuento, Río Cuarto, Córdoba, 2021); *Convicta* (poemas, Ediciones Ruinas Circulares, Buenos Aires, 2021); *Oliver y los jazmines* (poemas, Maremium pequeña editorial, Buenos Aires, 2021); *Se me hace cuento*, (micro novela, Maremium pequeña editorial, Buenos Aires, 2022.) Tiene una novela inédita: *Nombre propio*.

Ha participado en Simposios de literatura como ponente sobre Borges y la ética (Buenos Aires), la obra de la escritora rionegrina Mirta Isabel Amestoy (Puerto Montt, Chile), la relación entre Misoginia y Literatura (Montevideo), *Vida, obra y muerte de Delmira Agustini* (Caracas, Venezuela), *Encuentro de poesía en Zamora*, Michoacán, México, *El lenguaje nunca es inocente* (Rancagua, Chile), *La tinellización del lenguaje* (Bogotá, Colombia), *La Influencia de las redes sociales en la literatura* (Panamá).

Participa del blog *Mis poetas contemporáneos*, coordinado por Gustavo Tisocco, de los cafés literarios *Las Pretextas* (Bibi Albert, Alicia Márquez, María Laura Coppié y Mariana Toniolo) y *Café con letras* (Ángel Kandel) y del programa *A cierta hora*, auspiciado por Ediciones Ruinas Circulares (Patricia Bence Castilla, Susana Gil, Ricardo Cardone) Colabora con el Movimiento Surrealista "Fridas de Barcelona y el Mundo". Durante siete años coordinó el Festival Internacional de Poesía y Arte "Grito de mujer", contra la violencia de género. Integra el grupo Autoras y Autores Independientes de La Pampa.

Cama-de-gato  
Patricia de Campos Occhiucci

Quando era uma criança  
Gostava de puxar os fios  
Que ajeitados numa “trança”  
Constituíam o desafio  
Conforme a ideia avança  
Novo desenho no desvio  
Cama-de-gato é como dança.  
Brincadeira infantil na mão  
Para outra irá transferir  
O amigo, na cooperação  
Fiz o jogo prosseguir  
Na criatividade, ir avante  
O início forma um “x”  
Diversão, com simples barbante.

O Castelo de Papel  
Rezauddin Stalin

Kafka: conheceu um inocente que seria enforcado  
Por apreciar a beleza de um forte  
Quem sabe, se a maioria dos condenados são inocentes.  
Na verdade, o homem é adorador da beleza-poética

O castelo do governante é de armas  
E o do poeta é de papel

Os soldados dos imperadores lutam pela morte  
A carta força o poeta a ter esperança da vitória

O castelo do poder está repleto de munições  
A essência do vazio  
E o castelo de papel  
Goteia cartas de amor – fogueira.

Traduzido por Márcia Batista Ramos



MAGIA DO CARNAVAL  
Ritmo de lágrimas e risos  
Baile dos apaixonados  
Cinzas se renovam

GUERRAS COTIDIANAS  
Balas atravessam horizontes  
Infâncias saqueadas a olho nu

Perdi meu chão e meu céu

A LUA QUE ME HABITA

Noites trazem memórias  
Viajo pelos olhos da alma  
Sinto o perfume do tempo.  
Da minha janela, sonhos voam  
E a lua vigia meus pensamentos  
Intuitivamente, solto o verbo  
Escrevo poemas, vejo infinitos.  
São Jorge vem ao meu abrigo  
Flutuo em seu cavalo, rodopio.  
Da minha janela, um mundo se abre  
A lua me habita, saio do abismo.

Rita Queiroz



BRICANDO DE "DONA DE CASA"  
(ao soneto PANELA DE BARRO,  
de FCunha Lima)

O Rio Jerimum, nosso parceiro,  
Nos dava de presente o seu produto.  
Pertinho do seu leite o barro bruto,  
Barro de louça puro, verdadeiro.

Zezeito faz com paus de marmeleiro  
O "fogo à lenha". Logo, logo escuto  
O som do barro, agora já enxuto  
E transformado em pequeno papeiro.

É hora de fazer o cozinhado!  
Eva e Dalvinha têm tudo preparado:  
Cada fruto silvestre é um feijão,

O melão-caetano, carregado,  
Já fornece o "franguinho" preparado.  
A saudade me aperta o coração.

Rosa Regis  
Natal/RN – 02/02/2019 – 01h:48min

## A UM PASSO DO DESTINO

Samuel de Mattos

Um olhar eu não quis te dar  
Quando os olhos vermelhos ficaram  
Psicologicamente sorrindo  
Num antepasso à beira do mar...

Um sorriso não podes me dar  
Quando a estrela gigante caiu  
Psicopatiando e chorando  
Num pós-passo à beira do mar...

E teu desaguar-estrelar se fundiu  
Com meus olhos cheios de chorar;  
Como fui burro a não um passo dar  
Pra conseguir salvar o meu destino!...

## A SOLIDÃO

Samuel de Mattos

Se a solidão é um caos  
Por que me pairam pessoas  
Sorrindo, enquanto estão dispersas  
Tragando desafios inimagináveis?

Se a solidão é um caos  
Minhas memórias nunca morrem  
E estão me contando  
O frio de cada minuto  
Longe de Você.

Se a solidão é um caos  
Basta eu percorrer o coração  
E não apenas o olhar  
Pelos silêncios que  
Entre um e outro respirar  
Trazem a verdadeira fonte de vida  
Em pétalas de sorrisos...

## FUGIR

Samuel de Mattos

Nesse meu descompasso  
Fujo às realidades da vida  
Busco sempre o que é ilusão  
Porque só com o abraço  
Eu vencerei a depressão.

Não há por que me entristecer  
Mas apenas deixar rolar  
Saber que no fim irei vencer

E todo o mal virá acabar.

Eu não quero outra coisa  
Senão o prazer de viver  
Não sou nem serei a pessoa  
Que não sabe o que é sofrer...

Samuel de Mattos é poeta e escritor. Interessado por temas polêmicos, sombrios e melancólicos, escreve textos com base nos seguintes gêneros: romance, drama, suspense, mistério e policial. Possui diversos poemas e contos publicados em revistas e coletâneas literárias nacionais. É autor dos livros: *Aqui estamos sós*(2020) e *Polifonia do abismo*(2021). Também é organizador dos dois volumes da obra literária *O mundo de todas as cores*(2019, 2022). Faz parte do corpo editorial da Revista Barbante. No meio acadêmico, possui Graduação e Mestrado em Letras, além do curso de Doutorado em Letras (ainda em andamento).

Chuva...

A chuva é vida  
E me traz boa lembrança.  
Perfeição do Criador  
Que me faz ter esperança.

Gosto dos dias de chuva.  
Posso ficar até tarde na cama,  
Ouvindo uma boa música,  
Olhando a água cair na grama.

Nesse dia de chuva,  
Posso contemplar a vida,  
Como ela é bela e maravilhosa.  
Por isso, já sou agradecida.

Dia de chuva é incrível.  
Friozinho cheio de emoção.  
Com chocolate quente  
Que encanta meu coração.

A chuva é minha amiga!  
Que felicidade me faz sentir!  
Querer fazer sempre mais  
Com amor pra transmitir.

Biografia:

Thais Faustino Bezerra - Gosta de escrever e compartilhar girassóis em Escrita da Girassol (@escritadagirassol).  
Gratidão, Deus!!!!



Fonte: Elaborado pela Autora, com base nos recursos gratuitos do Canva (2024).

## URUTAU

Avisto uma árvore de tocos secos  
no parque da minha cidade.  
Ao redor, crianças ,jovens e adultos  
jogando pedras e sorrindo .  
Uns gritam :  
“É um bicho”.  
Apresso-me e tento saber do  
que se trata .  
E fico surpresa em ver um pássaro  
Que se transforma em toco seco.  
Suas pernas acinzentadas se misturam  
as cores do tronco da árvore.  
Fica parado por horas .  
Muito engraçado!  
Totalmente paralisado.  
Mas os seus olhos são vistos.  
A íris é amarelada .  
Enxerga até de olhos fechados.  
E o que é mais atraente ,  
Ou melhor ,espantoso ,  
É o seu canto ,lembra direitinho  
Uma risada macabra .  
E fico atônita em ouvir e todos também,  
Levando a extração de sorrisos da  
Existência dessa ave –fantasma.

**BiBLOGRAFIA:**VÂNIA LÚCIA MALTA COSTA CATUNDA, é natural  
De Maceió – Alagoas ,filha de José Inocêncio Leão Costa (em memória) e de  
Maria Cleuda Malta Costa. Possui 04 irmãos :Nazaré, Glaucia, Cleide e Junior.  
Casada com Júlio César Catunda, sem filhos. Servidora Pública da Secretaria de  
Saúde do DF, no cargo de Médica Neonatologista . Atualmente aposentada.  
Publicou seu primeiro livro de poesias O OLHAR DA VIDA , há um ano e meio.  
Tem participações em várias antologias impressas e em e-books e também,  
em Revistas Literárias.

## CURANDEIRAS - BENZEDEIRAS

Quantas pessoas recorrem  
As curandeiras , quando têm  
Uma enfermidade?  
Existiam muitas no passado.  
Agora, são poucas e espaçadas .  
Uma tradição que está se perdendo  
Com o passar do tempo.  
Curandeira, benzedeira é um  
Ser de luz ,de grande fé em Deus e em seus Santos  
Usada para o benzimento do doente.  
Suas rezas (orações) ditas bem baixinho ,  
Quase inaudíveis possuem o poder de  
Afastar males do corpo.  
Com galhos de arruda e outras plantinhas  
Santas , são parceiras certeiras ,na luta da cura.  
Se o caso é espiritual ????  
Nada podemos afirmar ou negar .  
Nada cobram pelo trabalho.  
Referem que é missão , ofício,  
Dom proveniente dos seus ancestrais.  
É algo comovente!  
E gratificante!  
Todo respeito e admiração por  
Essas pupilas de Deus.  
E que não desapareçam !  
Pois nas mãos das curandeiras  
Compenetradas de amor e da  
Vontade de melhorar o próximo ,  
O resultado é eficiente e evidente.

Éo amor como remédio.

VÂNIA LÚCIA MALTA COSTA CATUNDA.

### BIBLIOGRAFIA:

VÂNIA LÚCIA MALTA COSTA CATUNDA é natural de Maceió-Alagoas.  
Filha de José Inocêncio Leão Costa (em memória) e de Maria Cleuda  
Malta Costa .Possui 04 irmãos:Nazaré, Glaucia,Cleide e Junior. Casada  
Com Júlio César Catunda ,não tem filhos. Servidora Pública da Secretaria  
de Saúde do DF, no cargo de médica Neonatologista , aposentada . Publicou  
seu primeiro livro O Olhar da Vida e tem participações em diversas Antologias,  
físicas e em e-books e também em revistas digitais importantes .Foi contemplada  
em sete concursos literários .  
É iniciante na arte literária .Há 3 anos que resolveu publicar seus escritos.  
Acredita que escrever é um legado glorioso .

## Meu Milagre no Mar

Venho desvendar um milagre que comigo aconteceu, numa tarde morna, na cidade de Barra de Santo Antônio, em Alagoas .

Lá , onde na maré baixa deixa quilômetros de terra de distância.

Resolvemos andar por esse agradável caminho . Tudo era lindo!

Os coqueirais em fileira pela orla, o mar manso, o vento gostoso , o sol fraco, os passarinhos em regozijo entre o céu e o mar. As gaivotas com seu belo voo.

Uma paz divina! Um encantamento ímpar... Na areia escrevíamos nossos nomes, desenhávamos corações e o que viesse a nossa mente. Os siris esnobes, rápidos se escondiam nos buraquinhos. Admirávamos com a diversidade de conchinhas .

Conforme caminhávamos mais distante ficávamos e isso não notávamos.

Não havia ninguém naquele lugar , além de nós mesmos(até comentamos sobre isso).

De repente, surgiram 03 homens , com jeito de pescadores, que vieram ao nosso encontro.

E alertaram : “Ei, corram rápido porque o mar está enchendo “. Continuaram sua caminhada Para a vertical do mar . Nós agradecemos e obedecemos.

E eles tinham total razão , à proporção que corríamos o máximo que podíamos , o mar enchia Em tal velocidade que nos cercava de todos os lados e agora, era nadar intensamente.

Foi uma batalha nós e o gigante mar! Que sufoco! Finalmente chegamos à terra firme .

Que alívio! Olhamos para trás a fim de um agradecimento absoluto e cadê os pescadores?

Não os vimos !!! Sumiram ?? Qual foi o destino que tomaram? Averiguamos o ambiente por todos os cantos e não havia qualquer sinal . Algo incrível! Não foi miragem nossa!

Para mim foi o meu milagre genuíno no mar .

Será que Deus enviou os três pescadores , como mensageiros , para nos salvar ???.

## BIBLIOGRAFIA:

VÂNIA LÚCIA MALTA COSTA CATUNDA é natural de Maceió-Alagoas.

Filha de José Inocêncio Leão Costa (em memória) e de Maria Cleuda

Malta Costa . Possui 04 irmãos: Nazaré, Glaucia, Cleide e Junior. Casada

Com Júlio César Catunda , não tem filhos. Servidora Pública da Secretaria

de Saúde do DF, no cargo de médica Neonatologista , aposentada . Publicou

seu primeiro livro O Olhar da Vida e tem participações em diversas Antologias,

físicas e em e-books e também em revistas digitais importantes . Foi contemplada em sete concursos literários .

É iniciante na arte literária . Há 3 anos que resolveu publicar seus escritos.

Acredita que escrever é um legado glorioso .





## BIOGRAFIA DA ILUSTRADORA DESTA EDIÇÃO

Lígia das Neves

Professora da educação básica e do ensino superior, com Graduada em Matemática e pós-graduação em Educação. Os vários anos nessa função e na gestão pública foram mesclados pela contemplação de dádivas da natureza, especialmente as plantas e as suas flores. Fotografa-las tem sido o modo de capturar a simplicidade e a exuberância da sua presença.



REVISTA BARBANTE  
ANO XII - NÚMERO 59 - 29 DE FEVEREIRO DE 2024  
ISSN 2238-1414  
12 ANOS

Periodicidade  
Mensal

Editores  
Rosângela Trajano da Silva  
Samuel de Souza Mattos  
Monalisa Carrilho de Macêdo

Revisão  
Dos autores

Conselho editorial  
Maria Reilta Dantas Cirino  
Shirlene Santos Mafra Medeiros  
Beth Iacomini  
Juli Lima  
Maria Emília Monteiro Porto

Webmaster/Webdesigner  
Danda Trajano

Autor corporativo  
Rosângela Trajano  
Natal – Rio Grande do Norte

\*\*\*\*\*

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

